

A MULHER E A PENA NO EXTREMO-SUL DO BRASIL: ESCRITOS DE JULIETA DE MELO MONTEIRO NO ÚLTIMO LUSTRO DO SÉCULO XIX

Francisco das Neves Alves




Coleção
Documentos


BIBLIOTECA
RIO-GRADENSE
Fundada em 1846



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**A MULHER E A PENA
NO EXTREMO-SUL DO BRASIL:
ESCRITOS DE JULIETA DE MELO
MONTEIRO NO ÚLTIMO LUSTRO DO
SÉCULO XIX**

FICHA TÉCNICA

Título: *A mulher e a pena no extremo-sul do Brasil: escritos de Julieta de Melo Monteiro no último lustro do século XIX*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção: Documentos, 13

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, março de 2018

ISBN – 978-989-8916-08-2

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto «UID/ELT/00077/2013»

Esta é uma obra em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 (CC BY NC 4.0)



O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutor em História pela PUCRS (1998) e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016) e à Universidade do Porto (2017). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e dez livros.

Francisco das Neves Alves

**A mulher e a pena
no extremo-sul do Brasil:
escritos de Julieta de Melo Monteiro
no último lustro do século XIX**



- 13 -

CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande

2018

Índice

Julieta de Melo Monteiro, escrita feminina e notoriedade intelectual	7
<i>Alma e coração: livro do passado</i>	27
Textos de Julieta Monteiro publicados no periódico <i>Corimbo</i> , no último lustro do século XIX	101
Referências bibliográficas	137

JULIETA DE MELO MONTEIRO, ESCRITA FEMININA E NOTORIEDADE INTELECTUAL

A segunda metade dos Oitocentos e as primeiras décadas da centúria seguinte foram caracterizadas por uma tendência geral de progresso, a qual parecia demonstrar uma etapa de evolução irretorquível da humanidade. Entretanto tal processo histórico era minado por certos elementos constitutivos os quais demonstravam que tal marcha para diante não era para todos. As desigualdades sociais revelavam as mazelas que corroíam as sociedades, com o crescente abismo entre ricos e pobres. Além disso, um gigantesco manancial demográfico ainda se encontrava subjugado a um *status quo* que reinava por séculos. Eram as mulheres que permaneciam na maior parte em estado de submissão à secular preponderância masculina.

Assim, por mais que tal período tenha apresentado alguns avanços quanto à condição feminina, eles foram limitados a determinados horizontes geográficos, de modo que a maioria das mulheres, nos mais variados cantos do mundo, permaneciam em condições de subordinação. A regra geral era ainda a perspectiva da mulher vinculada estritamente ao ambiente doméstico, submetida à autoridade patriarcal, fosse a do pai ou a do marido, tendo como grande projeto de vida as funções sociais que a ela era delegadas – ser esposa e mãe. Tal conjuntura viria a ser progressivamente questionada e o papel contestatório foi desempenhado primordialmente pelas mulheres que se

engajaram em lutas pela mudança, utilizando por armas a pena e a palavra escrita.

Essas mulheres escritoras se espalharam pelo mundo, levando em frente uma batalha dura, contra um inimigo que parecia imbatível, vinculado ao conservantismo social predominante. Entre avanços e recuos, a escrita feminina foi ganhando espaço, embora muitas vezes refutada, menosprezada e até ridicularizada, enfrentando toda a espécie de preconceito e, fundamentalmente, a tentativa do silenciamento. Nesse campo da escrita, as mulheres representavam um contingente tão diferenciado numericamente quanto à predominância masculina que nesta época se lapidou a expressão “homens de letras” para designar a intelectualidade. Claro que o termo “homem” poderia trazer em si o sentido da própria humanidade, mas não deixava de, ainda que sub-repticiamente, apresentar um viés reducionista quanto ao gênero.

Essa foi uma época em que o ato de escrever não foi fácil para as mulheres. Por várias vezes, sua escritura ficava restrita ao domínio privado, ou seja, transformar o escrito em algo público constituía um processo prenhe em dificuldades. As escritoras tiveram de enfrentar o sarcasmo que acompanhava as mulheres que pretendiam ser autoras. Era uma fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las nestas condições. Além disso, ficavam também demarcadas as dificuldades de reconhecimento para que uma mulher conseguisse transpor a barreira das letras. Mas não foi um caminho estéril em resultados, pois, apesar de tudo, as mulheres transpuseram esses obstáculos, vindo a conquistar a literatura (PERROT, 2015, p. 97-99).

No Brasil e sua sociedade tradicionalmente patriarcal, tal processo foi também carregado de óbices, os quais foram bastante intensos no caso do Rio Grande do Sul, com uma formação social, em linhas gerais, mais conservadora do que no centro do país. Ainda assim, as mulheres escritoras perseveraram, desenvolvendo-se uma literatura feminina com caráter próprio, graças àquelas que, com raciocínio, entusiasmo e inspiração, preferiram viver pelo cérebro, tendo mais percepção do que

aquelas que continuavam a se ocupar unicamente de coisas frívolas (SABINO, 1899, p. 269-270). Foi uma época para vencer os preconceitos e quebrar as algemas do carrancismo de uma educação retrógrada, oriunda de um convencionalismo primitivo (OLIVEIRA, 1907, p. 13-14).

A escrita feminina espalhou-se de norte a sul do país, quando a mulher venceu na luta intelectual, tantas vezes mais dolorosa e cruel do que as outras, empenhando-se pelo seu progresso e levantamento moral (OSÓRIO, 1924, p. 58-59). Foram muitos os nomes femininos, obscuros uns, conhecidos outros, que, dignificando o sexo, mudaram horizontes (MOURA, 1919, p. 66). Nesse sentido, algumas dessas representantes do sexo feminino chegaram a revolucionar a sociedade brasileira opondo uma moderna educação feminina aos costumes arcaicos do passado. Dessa maneira, as mulheres de responsabilidade social, pela sua posição, pelos seus méritos e dotes intelectuais, chegaram a formar uma plêiade considerável que desmentia francamente os velhos e repisados preconceitos sustentados pelos apegados ao conservadorismo (COELHO, 1933, p. 499).

No contexto sul-rio-grandense, várias mulheres dedicaram-se às letras e, com formas de agir e pensar que variaram entre si, também agiram decisivamente na mudança de horizontes quanto ao papel social feminino. Dentre essas escritoras teve destaque uma poetisa e jornalista que, desde a juventude, empreendeu um grande esforço em prol da transformação de paradigmas. Ela nasceu a 21 de outubro de 1855 e chamava-se Julieta Nativa de Melo. Pertencia a uma família fortemente vinculada às letras, envolvendo o avô Manoel dos Passos Figueroa, escritor e jornalista; a mãe, Revocata dos Passos Figueroa Melo, professora e poetisa; o tio Manoel dos Passos Figueroa, engenheiro e escritor; outro tio, Deodato dos Passos Figueroa, professor e escritor; e a tia Amália Figueroa, poetisa. Além disso, havia o irmão, Otaviano Augusto de Melo, poeta que manteve um jornal literário e Revocata Heloísa de Melo, escritora e periodista, ao lado da qual empreendeu incansavelmente a batalha através da palavra escrita. Para completar, ela se casou com o jornalista e poeta Francisco Pinto Monteiro, incor-

porando o sobrenome do marido, vindo a assumir o nome pelo qual ficaria mais conhecida – Julieta de Melo Monteiro.

Desde cedo, Julieta Monteiro passou a atuar como colaboradora junto à imprensa periódica, escrevendo para os mais variados gêneros jornalísticos, mormente junto das publicações literárias, mas também em jornais informativos, comemorativos, ilustrados e até caricatos. Ao final dos anos setenta, entre 1878 e 1879, ela se lançou no caminho que não mais abandonaria, fundando a *Violeta*, um semanário literário cuja redação e colaboradoras eram essencialmente do sexo feminino, bem como tinha por público alvo basicamente as mulheres. Apesar das pequenas dimensões, o periódico obteve certa projeção, notadamente no que tange ao intercâmbio promovido o qual atingiu a maior parte das regiões brasileiras e chegou mesmo ao exterior (ALVES, 2013, p. 125-141).

Em seguida, no ano de 1883, Julieta esteve ao lado da irmã Revocata na execução de uma das mais importantes publicações literárias e femininas, tanto no contexto regional, quanto no nacional, através da edição do *Corimbo*, folha que marcou época em termos de escrita feminina, na difusão da leitura entre as mulheres e na busca por transformações no papel social feminino. Auxiliando a irmã no gerenciamento do jornal ou atuando diretamente na redação, Julieta Monteiro permaneceu no *Corimbo* até a sua morte, em 27 de janeiro de 1928. Ainda que as forças da escritora estivessem centradas na execução desta folha, ela não deixou de colaborar recorrentemente com outros jornais na conjuntura regional, nacional e até internacional.

Além de atuar incessantemente junto à imprensa, Julieta de Melo Monteiro publicou vários livros, como *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Coração de mãe* (1893), *Alma e coração* (1897), *Berilos* (1911) e *Terra Sá-fara* (1928 – edição póstuma). Os biógrafos ainda atribuem vários outros títulos à Julieta, dos quais, até este momento da pesquisa, não foram encontrados exemplares disponíveis. Como típica representante da intelectualidade de sua época, Julieta Monteiro teve uma ação amplamente diversificada, pois, além de poetisa e jornalista, foi

contista, cronista e dramaturga. Além disso, durante boa parte de sua vida, também permaneceu ao lado da irmã Revocata na função de professora. Em termos políticos, foi aliada das forças partidárias liberais/federalistas que enfrentaram o autoritário modelo castilhistaborgista, predominante no Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha.

A escritora obteve projeção na vida cultural e literária do Rio Grande do Sul. *Penserosa*, pseudônimo pelo qual Julieta também era conhecida, deixou um legado às letras rio-grandenses, o qual pode ser avaliado não só pelo pioneirismo na imprensa feminina, como também através da criação de mecanismos para a divulgação da literatura, sobretudo pelas mulheres. Tal ação fica evidenciada em seus livros, nas tantas páginas dos periódicos em que colaborou, em sua atuação na *Violeta* e no *Corimbo* e na liderança exercida junto de entidades ligadas ao sexo feminino, estabelecendo enfim um intenso trabalho, desenvolvido em prol das letras e da mulher (MOREIRA, 2014a, p. 212-214).

Julieta de Melo Monteiro teve uma longa carreira que se desenvolveu desde o início dos anos setenta do século XIX, quando, bastante jovem, passou a atuar na colaboração com diversos jornais, até o encerramento de sua vida, ao final da década de vinte da centúria seguinte. Desse modo, foi aproximadamente meio século de ampla dedicação à escritura, contribuindo decisivamente para a difusão da escrita e da leitura feminina. Ela conquistou reconhecimento e lançou mão do mesmo para difundir suas ideias, notadamente vinculadas a um novo papel social para a mulher. Ainda que tivesse uma visão moderada, a autora não deixou de defender mudanças, principalmente a partir da educação feminil.

A presença dessas mulheres escritoras no ambiente extremo-meridional brasileiro constitui um interessante caso para a história da literatura brasileira e sul-rio-grandense. Ainda assim, suas ações muitas vezes foram menoscabadas em termos de registro. No Brasil, em geral, a voz da mulher era muito pouco ouvida, o que pode ser constatado a

partir das histórias da literatura brasileira, procedendo-se a um inventário das autoras do sexo feminino. No caso do Rio Grande do Sul, tal fenômeno se aprofunda, tendo em vista o pejo da inferioridade que por tanto tempo recaiu sobre a condição feminina, de modo que muitas delas foram negligenciadas pelas histórias da literatura. Nesse quadro, Julieta chegou de certo modo a constituir uma exceção, obtendo certa notoriedade (MOREIRA, 2014b, p. 38).

Nos quadros da escrita feminina, Julieta de Melo Monteiro obteve razoável reconhecimento como intelectual, tanto no tempo em que viveu, quanto nas décadas que se seguiram até a contemporaneidade. Embora seu nome normalmente esteja ausente nas tantas histórias da literatura, a presença de Julieta ocorre em vários dos dicionários e levantamentos biobibliográficos de escritores, bem como em coletâneas, intensificando-se tal inserção em se tratando de estudos com enfoque mais voltado ao regional. Nas últimas décadas, com a proliferação das pesquisas acerca da escrita e da ação feminina, a poetisa rio-grandense teve espaço garantido na maior parte dos trabalhos, com ênfase à sua ação literária e jornalística. Um breve levantamento de referências acerca da escritora serve para justificar tal notoriedade¹.

Um dos mais tradicionais arrolamentos biográficos do Brasil, o *Dicionário bibliográfico brasileiro*, de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, publicado na virada do século XIX para a centúria seguinte, trazia em suas páginas informações sobre Julieta Monteiro. Ela era identificada como natural do Rio Grande do Sul, irmã de Revocata de Melo, e descrita como “poetisa no desferir a apolínea lira mimosa”. O autor destacava a ação da escritora gaúcha nos periódicos literários *Violeta* e *Corimbo*, bem como citava algumas das obras de sua autoria, incluindo títulos inéditos ou não encontrados pelo próprio Blake. O dicionarista deu considerável espaço à poetisa rio-grandense, chegando a apresentar um de seus poemas (BLAKE, 1899, v. 5, p. 242-244).

¹ Este arrolamento se volta somente a livros e capítulos de livros, não abordando artigos, ensaios, monografias, dissertações e teses.

Andradina de Oliveira, nos primórdios do século XX, elaborou o livro *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*. Sua ideia inicial era organizar uma obra que enfatizasse a escrita feminina gaúcha, iniciando pelas escritoras falecidas, para depois ampliar a abordagem a suas contemporâneas. A proposta, entretanto, ficou inconclusa, restando apenas a primeira parte. Nesse estudo das autoras mortas, Julieta de Melo Monteiro acabaria por aparecer indiretamente, no trecho em que Andradina Oliveira tratava da mãe da poetisa, Revocata Figueroa de Melo. Nesse sentido, a autora discorria que as filhas Julieta e Revocata tinham recebido a “educação moral e intelectual” de sua mãe, de modo passaram a constituir “herdeiras da rútila inteligência”, fator que as tornou “duas glórias do Rio Grande do Sul mental” (OLIVEIRA, 1907, p. 27).

Ainda no início do século XX, vários sonetistas brasileiros foram arrolados por Laudelino Freire, em *Sonetos brasileiros* (século XVII-XX). Era um levantamento de quinhentos autores no qual a presença feminina era discreta, contando com vinte e seis nomes. Dentre tais poetisas, Julieta se fazia presente, sendo apresentada como irmã de Revocata Heloísa de Melo e nascida no Rio Grande do Sul. O levantamento de sonetistas destacava ainda algumas obras de autoria da escritora gaúcha e transcrevia o soneto de sua lavra intitulado “Madrugada de estio” (FREIRE, 1913, p. 181).

O livro *A mulher na poesia brasileira* foi publicado por Leal Souza, ao final da segunda década do século XX, reunindo algumas conferências realizadas pelo palestrante no lustro anterior. Uma das palestras que se transformou em capítulo da publicação versava sobre “Poetisas brasileiras” e nesse segmento o autor destacava os nomes de várias escritoras nacionais, citando entre elas as “irmãs sul-rio-grandenses” Julieta e Revocata, caracterizando-as como poetisas que ocuparam “salientes lugares visíveis entre as líricas que receberam a salutar influência parnasiana” (SOUZA, 1918, p. 72).

Propagandista do feminismo, Maria Lacerda Moura, também no encerramento da segunda década do século XX, escreveu o livro *Reno-*

uação, obra de engajamento em nome da causa feminista, abordando temas diversificados como sufrágio feminino, religião, solidariedade e educação. Ao tratar o feminismo, a autora destinava um segmento da publicação às “brasileiras célebres”, arrolando os nomes de diversas escritoras, inclusive àquelas que se dedicavam às lides jornalísticas. Nesse quadro, Revocata e Julieta (embora o nome aparecesse grafado de forma errônea) eram apresentadas como “jornalistas profissionais” atuantes no Rio Grande do Sul (MOURA, 1919, p. 76).

A escritora portuguesa, ativista do feminismo, Ana de Castro Osório, em meados da década de vinte, escreveu o livro *A grande aliança* narrando suas viagens por vários lugares do Brasil, conferenciando acerca da causa feminista. Na publicação a autora dava ênfase à “luta intelectual” das mulheres, no seio da qual destacava as irmãs Julieta e Revocata, consideradas como senhoras do Rio Grande do Sul, “respeitadas e veneradas como relíquias sagradas”. Elas eram apontadas como “jornalistas combativas”, defensoras “dos mais modernos ideais femininos”, constituindo para as mulheres brasileiras “um belo exemplo de inteligência progressiva, trabalhando pela elevação e progresso do seu sexo” (OSÓRIO, 1924, p. 58-59).

Também escritora engajada com o ideal feminista, Mariana Coelho, já na década de trinta, publicou *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Um dos segmentos do livro versava sobre a mulher nas ciências, nas artes e nas letras e, dentre elas, eram citadas as irmãs Julieta e Revocata de Melo, qualificadas como “intelectuais distintas”, sendo ressaltados seus escritos junto à imprensa e em livros, nos quais colocaram seu “valioso préstimo moral e intelectual” ao serviço das “mais nobres causas”. As irmãs eram ainda destacadas como “conhecidas até além das fronteiras do seu país”, com ênfase ao papel do *Corimbo* na defesa da causa feminina. Chamando atenção para a ação da mulher na imprensa, a autora reiterava a relevância do periódico rio-grandino, por, com “elevação de ideias” relativas à arte, à ciência, às letras, aos assuntos sociais da atualidade, promover o “progresso do feminismo” (COELHO, 1933, p. 512-513 e 541).

Letras rio-grandenses foi uma coletânea versando sobre autores gaúchos, organizada também na década de trinta, por Guilhermina Krug e Nelly Rezende de Carvalho. Em tal antologia, era citado um soneto de Julieta, intitulado “Flores”, e ela foi destacada como “poetisa de real valor e inspiração pujante”, além de ter sido citada a sua colaboração com inúmeras folhas do Rio Grande do Sul (KRUG & CARVALHO, 1935, p. 251).

Uma publicação introdutória de caráter dicionarístico voltada à abordagem de escritores gaúchos foi realizada por Luís Corrêa de Melo, na década de quarenta. O livro tinha por título *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses* e o verbete voltado à Julieta Monteiro trazia seu pseudônimo e os dados referentes ao nascimento e à morte. Além disso, tal dicionário introdutório identificava a escritora como poetisa lírica, destacando, sem todo o acerto, o seu pertencimento ao Partenon Literário e citando várias de suas obras, algumas já publicadas e outras inéditas (MELO, 1944, p. 83).

Já nos anos cinquenta, outra antologia acerca de escritores no Rio Grande do Sul foi organizada por Antônio Carlos Machado, ao editar *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Nesse livro era citado o poema de Julieta Monteiro intitulado “A uma árvore” e, a respeito da autora, foram destacados os dados de nascimento e óbito, o pseudônimo e as obras publicadas. O autor ainda dava ênfase ao papel de Julieta na *Violeta* e no *Corimbo*, além de citá-la como colaboradora dos periódicos rio-grandenses *Progresso Literário*, *Tribuna Literária*, *Ilustração Pelotense*, *Escrínio* e *Echo do Povo* (MACHADO, 1952, p. 143).

Guilhermino Cesar lançou sua *História da literatura do Rio Grande do Sul* na segunda metade da década de cinquenta. Nessa publicação, Julieta Monteiro aparecia como autora de teatro, em suas incursões pelo Realismo, como redatora e proprietária da *Violeta* e na condição de cofundadora do *Corimbo*. Além disso, a escritora chegava a receber uma rubrica própria no livro, na qual eram citados seus dados biográficos e algumas de suas obras. De acordo com o autor, Julieta refulgia ao processo romântico para adotar a linha parnasiana no que ela ti-

nha de mais descritiva e impessoal. Cesar ligou a ação da escritora à da irmã Revocata, afirmando que entre a obra de ambas existia a mais completa identidade. O olhar do crítico qualificava a produção de Julieta como “colorida por discreto panteísmo” e pela prática de uma poesia que oferecia “escassas condições de comunicabilidade”, por ser “descritiva sem grande acuidade”, deixando de sentir “a mística da paisagem gaúcha” (CESAR, 1956, p. 267, 272, 294 e 399).

Na mesma época, Alzira Freitas Tacques publicava o livro *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, trazendo o arrolamento de várias escritoras, entre elas Julieta Monteiro, apontada como “autora vitoriosa de uma série de livros consagrados”, sendo citados alguns deles. A autora considerava que a poesia de Julieta marcou época, revelando uma “pena esforçada e peregrina”, bem como “efervescente de inspiração e elevação”. Foi também dada ênfase ao papel do *Corimbo*, caracterizado como conhecido em todos os estados brasileiros, sendo transcrito um soneto de Julieta, a qual foi qualificada como “uma das glórias da poesia rio-grandense”, além de seu nome ter fulgurado “em letras de ouro no parnaso nacional” (TACQUES, 1956, p. 701).

Ainda na década de cinquenta, na *Enciclopédia Rio-Grandense*, Walter Spalding buscou traçar um breve roteiro acerca da literatura gaúcha. No levantamento voltado ao século XX, intitulado *Itinerário da literatura (1900-1957)*, ele elaborou um rol de mais de trezentos autores, dos quais menos de um décimo constituíam nomes de escritoras. Dentre elas, encontrava-se o de Julieta de Melo Monteiro, com destaque para os dados de nascimento e póstumos, sendo ela apresentada como poetisa e jornalista que dirigira, por longos anos, ao lado da irmã Revocata o semanário *Corimbo*. O autor citava algumas das obras da escritora e informava que ela também fora professora e dramaturga, deixando alguns dramas que foram representados (SPALDING, 1957, p. 275).

A escrita feminina esteve na ordem do dia do livro *Vozes femininas da poesia brasileira*, lançado por Domingos Carvalho da Silva, ao final dos anos cinquenta. O autor pretendia realizar um ensaio histórico-literário seguido de uma breve antologia e, de acordo com tal proposta,

citava várias poetisas brasileiras. Dentre elas figurava Julieta Monteiro, descrita como pertencente a uma família de mulheres literatas, sendo traçadas breves considerações acerca de algumas de suas obras, além da transcrição de um de seus sonetos intitulado “A uma árvore” (SILVA, 1959, p. 21 e 52).

No início dos anos sessenta, a ação de Julieta Monteiro como teatróloga foi lembrada no livro *O teatro no Brasil*, de José Galante de Sousa. Ao traçar alguns subsídios bibliográficos a respeito do cenário teatral brasileiro, o autor citava a escritora rio-grandense, destacando as informações acerca de nascimento e morte e seu pseudônimo. Julieta era apresentada como poetisa e teatróloga, e, de acordo com o interesse geral da obra, eram enfatizados seus escritos de natureza dramática, alguns deles em colaboração com a irmã Revocata Heloísa de Melo (SOUSA, 1960, t. 2, p. 364).

Também na década de sessenta, o mesmo José Galante de Sousa organizou um levantamento de natureza biográfica e bibliográfica intitulado *Índice de biobibliografia brasileira*. Levando em conta o intento de tal índice, a identificação de Julieta de Melo Monteiro ocorria em relação aos autores que tinham escrito sobre o seu nome, com referências às obras de Sacramento Blake, Luís Corrêa de Melo e o próprio Galante de Sousa com o livro *O teatro no Brasil* (SOUSA, 1963, p. 282).

Alguns anos depois, a presença de Julieta Monteiro ficou demarcada até mesmo em obras que tinham um escopo mais abrangente em termos internacionais. Foi o caso do *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, organizado pelos escritores portugueses Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana. O verbete destinado à Julieta caracterizava-a como escritora brasileira, natural do Rio Grande do Sul, destacando que ela dirigira, ao lado da irmã Revocata, o periódico *Corimbo*. Eram também citadas algumas de suas obras, além do informe de que a poetisa gaúcha escrevera alguns dramas que foram levados à cena (OLIVEIRA & VIANA, 1967, p. 936-937).

Ainda no ramo da dicionarização, ao final dos anos sessenta, Raimundo de Menezes publicou o *Dicionário literário brasileiro ilustrado*.

Nesse estudo da literatura nacional, Julieta Monteiro foi identificada em seus dados de nascimento e falecimento e pseudonímia, além de ser indicado o parentesco com Revocata de Melo e Amália Figueroa. A ação jornalística da autora era destacada quanto à sua participação na *Violeta* e no *Corimbo*, bem como foi informado que ela escrevera para diversas outras revistas literárias gaúchas. Várias de suas obras publicadas e inéditas foram divulgadas por tal dicionário (MENEZES, 1969, v. 3, p. 852).

Em época próxima, foi lançado o *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*, escrito por Adalzir Bittencourt. Tal obra tratava-se de um ambicioso e prolífico projeto, mas que foi interrompido ainda no início, limitando-se a três volumes que abordaram mulheres cujos nomes iniciavam pelas letras A e B. Ainda assim, houve uma brevíssima referência à Julieta de Melo Monteiro, no espaço destinado às informações sobre a sua tia Amália Figueroa. Em tal segmento, Julieta, ao lado da irmã Revocata, era apresentada como poetisa gaúcha (BITTENCOURT, 1970, v. 2, p. 198).

No âmbito regional, um levantamento de escritores gaúchos foi realizado por Pedro Leite Villas-Bôas, com o livro *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*, publicado na década de setenta. Nessa publicação, Julieta foi apresentada como professora, poetisa, cronista, teatróloga e contista, sendo enfatizada sua ação junto ao *Corimbo*, ao lado da irmã Revocata. Além de seu pseudônimo e das informações de nascimento e necrológicas, eram citadas várias obras publicadas pela autora rio-grandense (VILLAS-BÔAS, 1974, p. 325).

Um escritor que se voltou ao estudo de vários elementos constitutivos da cultura sul-rio-grandense, Athos Damasceno Ferreira, também se dedicou à pesquisa do jornalismo literário porto-alegrense, publicando, em meados dos anos setenta, o livro *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. A grande preocupação do autor é descrever os periódicos em seus elementos formais, com ênfase aos nomes dos indivíduos que atuaram em suas páginas como redatores ou colaboradores. Nesse sentido, Julieta de Melo Monteiro foi destacada pelo

autor por sua participação nas folhas literárias porto-alegrenses *O Lábaro*, *Revista Literária* e *O Contemporâneo* (FERREIRA, 1975, p. 127, 131 e 147).

Uma publicação destinada ao levantamento de livros voltados ao conto no Brasil foi organizada por Celuta Moreira Gomes nos anos setenta. *O conto brasileiro e sua crítica* trazia um arrolamento de obras contendo aquele gênero literário entre a década de quarenta do século XIX e a de setenta da centúria seguinte. A autora citou dois livros de Julieta de Melo Monteiro, identificados com a inserção de contos – *Alma e coração* e *Berilos*. Já no que tange à crítica a tais obras, foi citado o livro *História da literatura do Rio Grande do Sul* de Guilhermino César (GOMES, 1977, v. 2, p. 331-332).

A produção intelectual brasileira foi estudada na segunda metade dos anos setenta por Wilson Martins, na obra *História da inteligência brasileira*. Nesse livro, as referências à Julieta de Melo Monteiro ficavam estabelecidas a partir da citação de suas obras, como foi o caso de *Prelúdios*, livro alocado em um rol que demonstrava a “intensa vida literária local”, em alusão ao Rio Grande do Sul. O autor ainda indicava como de autoria de Julieta o livro de poesias *Auroras Boreais*, as “fantasias em prosa”, *Serões*, e os sonetos *Oscilantes* (MARTINS, 1978, v. 4, p. 108-109, 218 e 400).

Voltado ao arrolamento de autores sul-rio-grandenses foi lançado ao final dos anos setenta o livro *Escritores do Rio Grande do Sul*, de Ari Martins. Tal autor destacou dados acerca de Julieta Monteiro como nascimento, morte, pseudônimo, relações familiares e casamento, além de enfatizar sua atuação junto aos periódicos *Violeta* e *Corimbo*. A escritora foi apresentada como professora, jornalista, poetisa, contista e teatróloga, sendo citados vários de seus livros e artigos publicados em edições periódicas (MARTINS, 1978, p. 375).

No alvorecer dos anos oitenta, no livro *Vivência*, organizado por Maria Cristina Bruschini e Fúlvia Rosemberg, foi incluso o capítulo “Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945)”, escrito por Pedro Maia Soares. Nesse trabalho, o autor

explicava que as mulheres escritoras sul-rio-grandenses não estavam isoladas umas das outras e, pelo contrário, formavam uma espécie de rede feminina que abrangia o estado inteiro e mantinha vínculos com os outros centros do país. Em tal contexto, era demarcado o papel de Julieta e Revocata que, através do *Corimbo*, constituíam um dos pontos de encontro daquela rede. De acordo com o autor, junto de outras escritoras, as duas irmãs, desenvolveram por meio da imprensa uma certa “consciência de classe”, ou seja, a consciência de que as mulheres precisavam se reconhecer e se unir para se impor (SOARES, 1980, p. 145-146).

Alguns anos mais tarde, um levantamento biográfico acerca de escritores foi realizado também no âmbito rio-grandino por Décio Vignoli das Neves, em um dos tomos do livro *Vultos do Rio Grande*. O autor ressaltava dados genealógicos e detalhes sobre a vida familiar de Julieta, dando destaque para a ação da mesma nos tabloides *Violeta* e *Corimbo*. Ela é apresentada como professora, jornalista, poetisa, cronista, memorialista e teatróloga, sendo citados vários livros e artigos de sua autoria, além de transcritos três de seus poemas (NEVES, 1987, t. 2, p. 143-146).

Nos estertores da década de oitenta, Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes lançou o livro *Mulheres de ontem – Rio de Janeiro, século XIX*. Mesmo que o fulcro da publicação fosse o papel feminino na capital nacional, a autora organizou um anexo sobre mulheres de letras no Brasil do século XIX, realizando um levantamento de escritoras e tradutoras que publicaram entre 1840 e 1890. Na categoria daquelas escritoras que residiram em outros pontos do Brasil, que não fosse o Rio de Janeiro, encontrava-se um pequeno verbete destinado à Julieta Monteiro, identificada como natural do Rio Grande do Sul, tendo publicado poesia e prosa em seu estado natal e no Rio de Janeiro, além de ter fundado periódico literário (BERNARDES, 1989, p. 205).

Já no início dos anos noventa, a *Enciclopédia de literatura brasileira*, dirigida por Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, trazia informações sobre a escritora gaúcha. Julieta era apresentada como poetisa,

prosadora, contista, teatróloga e jornalista, havendo destaque às informações a respeito de seu nascimento e morte e ao seu pseudônimo. Eram também citadas as obras de sua lavra e descrito que ela colaborara com vários periódicos e participara de antologias (COUTINHO & SOUSA, 1990, p. 929).

Pedro Leite Villas-Bôas, já citado, nos anos noventa, ao ampliar as pesquisas anteriores, lançou uma nova obra acerca de autores rio-grandenses, intitulada *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Em tal livro, as informações acerca de Julieta de Melo Monteiro eram bastante próximas das expressas na obra escrita anteriormente pelo autor, notadamente quanto ao nascimento, ao falecimento, à redação no *Corimbo* e às obras publicadas. Quanto à múltipla atuação intelectual da escritora, ela era identificada como professora, contista, poetisa, cronista e teatróloga (VILLAS-BÔAS, 1991, p. 158).

Uma coletânea sobre escritoras rio-grandenses-do-sul foi organizada na década de noventa pela Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, a qual lançou a antologia *50 anos de literatura: perfil das patronas*. Julieta Monteiro era uma dessas patronas e foi destacada em alguns de seus dados biográficos e familiares. O texto trazia breves considerações sobre os livros *Oscilantes* e *Terra Sáfera* e a respeito da participação da poetisa no *Corimbo*, assim como enfatizava as inspirações familiares na obra de Julieta e os reflexos trazidos para a mesma a partir das perdas de seus entes queridos. A escritora era descrita como “mulher corajosa, idealista e empreendedora”, autora de um trabalho que “tornou seu nome consagrado” e imortalizado, de modo que “glorificou as letras rio-grandenses” (POÇAS, 1993, p. 28-30).

Em meados dos anos noventa, foi lançado o *Índice de dramaturgas brasileiras do século XX*, de Valéria Andrade Souto-Maior, abordando a escrita feminina voltada ao drama teatral. O livro se constitui de uma série de verbetes acerca das autoras e entre elas aparecia o nome de Julieta Monteiro, identificada como professora, jornalista, poetisa, contista e dramaturga. Também eram destaques os dados de nascimento e morte, o pseudônimo, o papel de Julieta junto à *Violeta* e ao *Corimbo*

e o arrolamento de algumas de suas obras, com ênfase aos dramas, sendo informado que ela publicou vários livros de versos, contos e crônicas, além de ter colaborado em diversos periódicos (SOUTO-MAIOR, 1996, p. 38-39).

No ramo da dicionarização, foi lançado, ao final do século XX, o *Dicionário de mulheres*, organizado por Hilda Agnes Hübner Flores. Nesse livro, o verbete destinado à Julieta Monteiro identificava seus dados de nascimento e necrológicos, seu pseudônimo e suas relações familiares. Julieta era apresentada como professora, jornalista, contista, poetisa e teatróloga e foi destacada em suas ações na *Violeta* e no *Corimbo*, em suas colaborações junto à imprensa e nos vários títulos de suas obras (FLORES, 1999, p. 350-351).

Na virada do século XX ao XXI foi organizada uma antologia voltada a destacar a escrita feminina, com o livro *Escritoras brasileiras do século XIX*, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. O texto a respeito de Julieta Monteiro foi escrito por Rita Terezinha Schimidt e trazia informações sobre nascimento, morte e relações familiares da escritora. A autora realizou breves análises sobre os livros *Prelúdios*, *Oscilantes* e *Terra Sáfara*, bem como trazia algumas reflexões acerca da produção poética de Julieta. Foi também destacado o papel das sucessivas perdas familiares na obra da poetisa e a ação por ela desempenhada junto ao *Corimbo*, além de serem transcritos oito poemas e um texto em prosa da lavra da escritora gaúcha (SCHIMIDT, 2000, p. 306-319).

Na mesma época foi editado o *Dicionário mulheres do Brasil*, organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil. Em tal obra, o verbete sobre Julieta Monteiro a descrevia como escritora, editora de jornal feminino e professora, dando ênfase às suas relações familiares, à criação da *Violeta* e aos livros publicados. O maior destaque foi para a participação de Julieta no *Corimbo*, identificado como importante periódico que propiciou a formação de uma rede de apoio para as mulheres literatas, ajudando-as a combater os preconceitos contra a produção feminina no mundo masculino da literatura (SCHUMACHER & BRAZIL, 2000, p. 308).

Pouco depois, uma outra obra dicionarística foi lançada por Nelly Novaes Coelho, intitulada *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. O apontamento referente à Julieta de Melo Monteiro a definia como poeta, contista, dramaturga e jornalista, destacando seus dados de nascimento e óbito, suas ligações familiares, suas obras publicadas e sua atuação junto à *Violeta* e ao *Corimbo*, apontado como o jornal feminino de mais longa duração do Brasil. Julieta era ainda caracterizada como “figura atuante em seu meio cultural”, tendo colaborado em vários jornais, revistas e almanaques, além de dar aulas particulares e escrever dramas, contos, poesia e textos em prosa muitos dos quais em colaboração com a irmã Revocata (COELHO, 2002, p. 314).

Em uma coletânea voltada à literatura de natureza feminina contemporânea, intitulada *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, publicada nos primeiros anos do século XXI, Luiz Rufatto apresentava o capítulo “Mulheres: contribuição para a história literária”, destinando um breve estudo às precursoras da escrita feminina no Brasil. Em tal segmento, o autor considerava dignas de destaque as irmãs Revocata e Julieta, citadas como contistas, poetisas e educadoras, as quais mantiveram a revista feminina *Corimbo*, desenvolvendo a “insólita atividade” de jornalistas, em um periódico no qual brilharam vários nomes femininos brasileiros (RUFATTO, 2004, p. 12-13).

Na segunda metade da primeira década do século XXI, foi lançado o livro *Imprensa, história, literatura e informação*, no qual Mauro Nicola Póvoas publicou o capítulo intitulado “O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino”. Em tal capítulo, o autor dava destaque ao papel das irmãs Revocata e Julieta na execução do *Corimbo*, apresentando dados de suas biografias e ressaltando o significado desse periódico para a formação da literatura rio-grandense. Para o autor, o *Corimbo* permitiu a formação de uma espécie de rede de mútuo apoio aos colaboradores que gravitavam em torno da folha (PÓVOAS, 2007, p. 29-38).

A obra *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX* foi escrita por Norma Telles no início da segunda década

do século XXI, tratando da escrita feminina brasileira nos Oitocentos. Nesse livro, a autora fazia referência a uma rede de comunicações que se espalhou pelo país através dos jornais, destacando os pontos que estenderam essa rede até o Rio Grande do Sul. Em tal contexto, ocorria a referência às irmãs Julieta e Revocata, apresentadas como literatas que escreveram contos e peças teatrais, sendo também as responsáveis pelo *Corimbo*, folha que, por sessenta anos, deu cobertura a respeito de qualquer “aventura das mulheres brasileiras” pelo campo das letras e das profissões (TELLES, 2012, p. 277).

Na segunda década do século XXI, Antenor Fischer lançou *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*. Visando destacar os escritores ligados ao drama teatral rio-grandense, o autor não deixou de fazer referência à Julieta Monteiro, definida como poeta e teatróloga e quanto aos seus dados biográficos e bibliográficos. Por tratar-se especificamente de um estudo de caso acerca do teatro gaúcho, a ênfase recaía sobre esse segmento da obra da poetisa, com referência às obras *Coração de mãe*, *Noivado no céu*, *O segredo de Marcial* e *Mário*, a maior parte destes escritos citados a partir das informações expressas por outros autores (FISCHER, 2014, p. 200).

Em seguida, no livro *História das mulheres no Brasil*, organizado por Mary Del Priore, foi publicado um capítulo destinado à escrita feminina, redigido pela já citada Norma Telles e intitulado “Escritoras, escritas, escrituras”. Esta autora reforçava algumas das informações expressas em seu livro de 2012, ressaltando o papel das mulheres através da imprensa, em um fenômeno que se espalhou pelo país, incluindo o Rio Grande do Sul, no qual ficava destacado o papel das irmãs Julieta e Revocata que, por meio do *Corimbo*, constituíram importantes elos da rede que congregava as escritoras brasileiras (TELLES, 2015, p. 426).

No ano seguinte, a mesma Mary Del Priore lançava *Histórias da gente brasileira*, livro no qual, no volume 2, voltado à época imperial, elaborou um capítulo intitulado “Coisas de mulher”, em que eram inseridas informações acerca da escrita feminina. Nesse segmento, a autora dava relevância ao papel desempenhado por Julieta Monteiro

na *Violeta* e, junto de sua irmã Revocata, no *Corimbo*, apontado como o mais importante jornal literário dirigido por mulheres, pela longevidade e abrangência, e que veio a constituir “caixa de ressonância do feminismo brasileiro” (PRIORE, 2016, p. 296).

Em tempo contemporâneo, Constância Lima Duarte lançou o livro *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Nessa publicação, Julieta de Melo Monteiro foi abordada nos verbetes destinados à *Violeta* e ao *Corimbo*, sendo apresentada como jornalista, professora, poetisa e teatróloga. O livro dava destaque também para suas obras publicadas e o papel por ela desempenhado nos dois periódicos citados, bem como trazia reflexões sobre a relevância de tais folhas, notadamente na difusão da escrita feminina (DUARTE, 2016, p. 219-220 e 277-281).

Este breve arrolamento permite identificar o reconhecimento que Julieta de Melo Monteiro teve como representante da escrita feminina brasileira e gaúcha nas décadas finais do século XIX e iniciais da centúria seguinte. Sua ação múltipla, como era típico dos intelectuais da época, foi amplamente destacada, bem como sua atuação junto à imprensa e como autora de livros. Cada informação expressa por estes diferentes autores serve como um fragmento a ser juntado a um conjunto maior, até constituir verdadeiro mosaico explicativo das vivências da autora. Nesse sentido, o presente livro intenta apresentar a seguir os escritos de Julieta Monteiro trazidos ao público no lustro final do século XIX, levando em conta sua produção bibliográfica, representada pelo livro *Alma e coração*, e as colaborações publicadas no periódico literário *Corimbo*.

ALMA E CORAÇÃO: LIVRO DO PASSADO

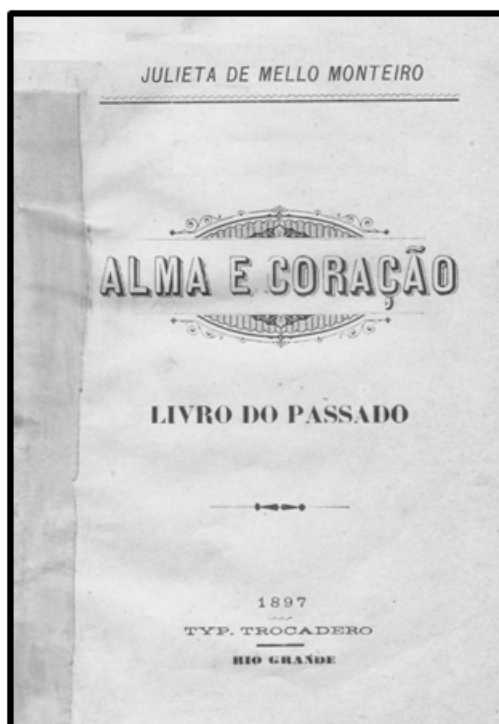
Em 1897, com pouco mais de quarenta anos, Julieta de Melo Monteiro lançou seu quarto livro intitulado *Alma e coração*, acrescido do subtítulo *Livro do passado*, indicando que se trata de uma obra composta de reminiscências da escritora. Seu formato é de 15 X 10 cm e foi editado na Tipografia Trocadero, uma tradicional firma de impressão da cidade do Rio Grande. O livro é dedicado aos irmãos da autora, Revocata Heloísa de Melo e Romeu dos Passos e Melo. A publicação conta com duzentos e dezesseis páginas e seu conteúdo divide-se em três partes.

A primeira parte tem o título de “Ideais” e se refere ao ideal amoroso, contando com breves textos nos quais a tônica dominante são os sentimentos, versando sobre diversificados temas como encantos e decepções amorosas e alcances e limites nas relações a dois. Há uma tendência mais próxima da melancolia, uma das marcas registradas dos escritos de Julieta. Estes textos curtos, todos em prosa, têm por títulos: “Faúlha”, “Passai”, “Amemos”, “Sonhar”, “***”, “Miniatura”, “Amar”, “Boêmio”, “Poesia do amor”, “Esperança”, “Escuta”, “Fala”, “Saudade”, “A. . .”, “A primeira violeta”, “Súplica”, “Escuta-me”, “Sempre”, “Sonhando”, “Lembraste”, “Fragmento”, “É tarde”, “É tarde, muito tarde”, “Obrigada” e “Noturno”. A exceção é “Livro de Atala”, bem mais longo que os demais, aparecendo dividido em oito segmentos, e sendo apresentado pela autora como um “poema em prosa”.

A segunda parte é chamada de “Multicores”, sendo composta mais uma vez por textos curtos, lembrando crônicas de circunstâncias, nas quais a escritora parecia descrever algumas de suas vivências, ou ainda estórias fruto de sua imaginação. Muitas delas trazem reflexões, compreendendo fragmentos do pensamento e/ou juízos de valor emitidos pela autora. Tais crônicas são: “Poesia”, “Hino ao trabalho”, “A vida”, “O ciúme”, “Aquela criança”, “Da minha janela”, “As ilusões”, “A mentira”, “O dever”, “Meditação”, “Felicidade”, “Excerto”, “Júlia e Judite”, “O lar”, “O pedante”, “Os dois edifícios”, “Os sonhos”, “Dores e saudades”, “O outono”, “Sogras e madrastras”, “Os sonhos e a morte”, “Duas faces”, “Uma notícia” e “A mulher”. Este último vem ao encontro de um dos pontos altos da obra de Julieta, constituindo um escrito engajado em nome da causa feminina e da luta por um novo papel para a mulher na sociedade. Em notas finais, a autora tecia um comentário sobre o texto “Duas faces”, também ele sobre a condição feminina, explicando que a partir dele se originara “uma animada polêmica”, com duração de dois meses, entre a autora e os escritores Cipriano Porto Alegre e Tito Canarim (MONTEIRO, 1897, p. 209-210). O acalorado debate foi promovido junto às páginas do periódico *Corimbo*, no ano de 1891.

Finalmente, “Palentes” é a terceira parte. A palidez que inspira o título desse terceiro segmento serve para dar o tom dos textos, predominantemente soturnos e por vezes até mórbidos. O fio condutor dessa parte é um dos temas preferidos de Julieta Monteiro, ligado à finitude da vida. Nesse sentido, a morte é praticamente a protagonista das estórias, umas taciturnas e algumas chegando até a beirarem um tênue suspense ou até um certo terror, como fatores motores do estímulo à leitura. “Palentes” é composta por: “O tuberculoso”, “Doce crença”, “Sombras”, “A confissão” e “Um dia memorável”. Ainda nesse terceiro segmento, aparece o texto de fechamento, sob o título de “O abismo”, único em versos no conjunto da obra. Nas notas apresentadas ao fim, a própria autora explicava que “a tradução de ‘O abismo’, formosa produção de Rameau” não fora por ela realizada, tendo achado a mesma “na *Gazeta de Campinas*, onde a publicou um de seus bri-

lhantes colaboradores” e, contando com a sua apreciação, tomara “a liberdade de pô-la em verso” (MONTEIRO, 1897, p. 210)



Na abertura do livro, Julieta Monteiro fazia uma breve apresentação aos seus leitores, destacando que *Alma e coração* constituía um reflexo do seu presente e, mormente do seu passado, daí o subtítulo da publicação. Ela revelava também ter uma preocupação com a expressão das emoções e das recordações e esclarecia que era indiferente àqueles que vissem com maus olhos a sensibilidade expressa no livro. Nesse sentido, esclarecia que sua escritura era estruturada em seus sentimentos e voltada para aqueles que a pudessem compreender, de modo que se obra ao menos agradasse a alguns, pois seria impossível agradar a todos, ela já estaria satisfeita. Outra declaração importante estava nas notas finais, nas quais Julieta esclarecia que a maior parte dos escritos

que compunham aquele volume, já era conhecida do público, que os lera em diferentes jornais, em que ela utilizara seus pseudônimos de Ego, Sibila, Atala e Forasteira (MONTEIRO, 1897, p. 5-6 e 209).

#####

ALMA E CORAÇÃO LIVRO DO PASSADO

A meus queridos irmãos
Revocata H. de Melo
e
Romeu dos Passos e Melo

Ao leitor

Jean Revel disse: “a obra de cada autor contém alguns pensamentos que são o reflexo de sua alma”; e assim é, a *Alma e coração* é em parte o espelho senão do meu presente, ao menos do meu passado.

Pode a sua leitura nada despertar no espírito público, que as mais das vezes não se impressiona com o sentimentos alheios; a mim, porém, emociona ternamente.

“Recordar-se, consolar-se”, escreveu a divina pena de Alexandre Herculanu; vivamos, pois, de recordações, visto que elas consolam.

Os fortes, os estoicos, os homens de mármore rirão sem dúvida da sensibilidade por demais acentuada em algumas das páginas deste livro: isso, porém, ser-me-á indiferente.

Escrevo sempre o que sinto e para quem me possa compreender.

Não é possível agradar a todos; se agradar a alguns, dar-me-ei por satisfeita.

Junho de 97.

IDEAIS

Faúlhas

Chego de longe, trago feridas as plantas e os vestidos cobertos do pó da estrada.

Caminhei, caminhei muito, mas eis-me afinal aqui.

O sol, único companheiro diurno da minha peregrinação, queimou-me a fronte com seus beijos abrasadores.

A lua, a cismadora companheira das saudosas noites de quem ama, matou-me com seus raios gelados os primeiros rebentos do verdejante arbusto da esperança.

Venho de longe, trago a fronte enfebrecida e o coração semigelado.

Sentei-me à beira da estrada e pedi à sombra de uma árvore frondosa, abrigo por alguns momentos.

O sol ia alto e além, no vastíssimo firmamento, nem uma nuvem aparecia.

Matei a sede no regato vizinho, aspirei sofregamente a aragem que passava e... afinal adormeci.

Sonhei contigo, sonhei com o passado, sonhei com o nosso amor!

As árvores tinham frutos, os arbustos floriam, as campinas eram verdejantes...

Depois... acordei.

A metamorfose era completa. Nem amor, nem flores, nem frutos, nem esperanças!

Venho de longe, muito longe; trago a fronte suarenta e o coração gelado!

Onde encontrar conforto?

Passai...

Passai, passai louras e rosadas lembranças do passado; deixai-me vegetar na densa penumbra a que voluntariamente condenei-me!

Passai sombras irradiadas, ilusões doiradas, crenças afagadas com ânsia e hoje mortas para sempre!

Passai fugitivos sorrisos, sonhos de um dia, esperanças despedaçadas pelo sopro destruidor do infortúnio; passai, passai.

Nomes queridos que me enchestes o coração; datas que representastes dias de glórias que o tempo conseguiu quiçá riscar de minha mente; deliciosos anelos, feiticeiros cismares, passai, passai!

Eu sou o espectro da mulher de outrora, sou o fantasma da sonhadora de passadas eras, um palente raio do chispante cérebro da criadora de quimeras.

Passai, passai azuladas nuvens, sedutores painéis, florentes aspirações que um dia me embalastes, passai, passai e após deixai cair pesadamente a espessa cortina que separa o meu viver presente, de todo esse conjunto embriagador que me entonteceu o espírito durante largo tempo, elevando-me a desconhecidos mundos, de onde acabo de voltar triste e desiludida.

Passai, passai pois rapidamente, oh quadro encantador!

Amemos

O coração quer amor; amemos, amemos!

O céu quer astros que iluminem a sua majestosa beleza;

O jardim quer flores; o bosque quer pássaros; o templo quer orações;

O coração quer afetos: amemos, amemos!

A flor quer perfumes; a ave, cantares; a estrela, brilho; os campos, verdura; o mar, murmúrios; mas o coração quer amor, muito amor. . .

Amemos, amemos!

A madrugada quer auras perfumosas; a tarde quer sorrisos da natureza; a noite divinas serenatas; mas o coração quer o melhor dos néctares, o amor.

Amemos, amemos!

O rei do deserto quer a liberdade, a santa liberdade; a borboleta quer a flor; o pirilampo, a luz; o poeta, a lira; a criancinha, o amoroso aconchego do colo materno; mas, o coração quer o amor, só o amor.

Amemos, amemos!

O olhar quer a vastidão, para estender-se; a boca quer o beijo; a mão, outra mão querida para estreitar carinhosamente; o ouvido, o som harmonioso das palavras amigas; mas. . . o coração quer a primeira das venturas, e a mais pungente das dores, o amor.

Amemos, amemos!

A crente quer a fé; a cigarra, o estio; o nauta, o balouço das ondas; o pescador, as redes que representam a sua fortuna; o caçador, a arma; o

gaúcho, o seu fogoso cavalo; o índio, a frecha; mas, o coração, o coração quer o amor, sempre o amor!

Amemos, amemos pois!

Sonhar...

Há duas formas de sonhar: dormindo e acordada. Eu prefiro a última.

Quando sonhamos dormindo, temos horas de verdadeiro sofrimento; minutos que representam anos de angústia.

Acordada, gozamos instantes deliciosos; erguemos no terreno da fantasia esplêndidos castelos que povoamos dos entes que mais nos prendem, e deslizamos suavemente pelo tapiz das ilusões que nos faz entrever venturas ignotas.

Oh! sonhar acordada é mil vezes mais doce que sonhar dormindo.

Sentarmo-nos em uma paragem erma, mas docemente perfumada pelas auras da tarde, deixar pender a cabeça para traz, cerrar os olhos e... sonhar sem dormir, é um dos maiores gozos da existência.

Eu quisera sonhar perenemente assim!

Enquanto há desses sonhos, o coração vive, palpita, anela.

A mocidade sonha sempre acordada; e que sonhos, que poemas que idealiza.

Ditosa quadra, adorável sonhar!

Porém, quando eles nos fogem, quando apenas os sonhos da noite vêm turbar o nosso sono sobressaltado por ideias lutulentas, ai da ventura, ai das esperanças, ai das crenças!

Vão todas em célere corrida, resvalando de declive em declive até perderem-se no bátrato da morte!

Nunca viste pousado num ramo verdejante, pleno de viço e de frescor, um solitário e triste passarinho silencioso e como que meditando dolorosamente ante o ninho vazio de sua prole, que mão malfazeja arrebatou sem dó, nem piedade?

Pois assim é o meu coração.

Quantas vezes debruçado à borda do berço das minhas doiradas ilusões, eu o vejo merencório, silente, lacrimoso, encarando saudoso aquele leito abandonado, onde outrora sorriam feiticeiras, essas douradas quimeras que nos povoam de risos os dias felizes, e fogem-nos num célebre voo, quando a desventura nos visita.

Pobre coração! Como o passarinhos quedaste a pensar: Que mal fiz eu? Porém como a ele só o silêncio acolhe a tua queixa.

Miniatura

Fui encontrá-lo triste e merencório: creio mesmo que soluçava.

Acerquei-me dele, tentou fugir; percebi que estava arrufado comigo.

– Que mal te fiz, ingrato?

E *ele* sempre surdo, sempre imóvel, sempre choroso.

– Acaso já te não recordas dos nossos dias felizes, dos nossos sonhos doirados, dos nossos róseos poemas de esperanças.

E *ele* pálido, trêmulo e amoroso murmurou-me quase imperceptivelmente:

– Falsa, ingrata, cruel, porque fizeste de mim tão fraca ideia? Porque imaginaste que eu, em quem o amor tem alevantado império, e em quem a saudade é flor que viçará perpetuamente, podia reviver para o mundo, podia de novo vestir-me de galas, podia ainda sonhar. Ingrata, ingrata mulher, deixa-me dormir perenemente o sono dos infelizes, deixa-me sonhar com o passado, não tentes acordar-me impiedosa!

Ajoelhei-me então e súplice pedi-lhe: – Perdoa-me ó doce amado, perdoa-me ó querido companheiro de meus dias, embora tente, não consegui ainda compreender-te a fundo; perdoa-me e doravante deixar-te-ei repousar sobre as cinzas das tuas ilusões, e jamais ousarei despertar-te.

Ele era o meu coração, esse esfacelado espectro, cujo pesado sono ninguém deve perturbar.

Amar!

Disseste-me ontem, que tens o coração repleto de amor: que amas, adoras, idolatras!

Loucura, sabes tu acaso o que é amar?

Compreendes todo o alcance dessa palavra, que, tão pequena, exprime tanto e tanto?!

Julgas que, amar é encantar-se a gente por uns lindos olhos ou por uns cabelos sedosos e bastos?!

Não, tu não traduziste ainda a magia desse vocábulo.

Amar é dedicar todo o nosso coração, todos os nossos pensamentos a um mesmo ser;

Sorrir quando ele sorri, e chorar quando ele chora;

É despertar pronunciando sempre o mesmo nome que adormecemos na véspera, repetindo;

Amar é empalidecer apenas pela aparição desse alguém cujo nome é para nós tão doce como a ambrosia;

É viver da luz de um olhar e julgarmo-nos em trevas sempre que, não vemos diante de nós esse bendito farol;

Amar é procurar a solidão, as sombras, para melhor consagrarmo-nos ao objeto de nossa afeição, longe do olhar e da voz dos profanos;

Amar é, no meio dos dissabores das festas, dos trabalhos, das glórias, das felicidades, dos sonhos, ter um nome nos lábios e um retrato no coração.

Amar é ter na fronte os traços do sofrimento; sorrir pouco e suspirar muito;

É gozar um momento e padecer muitas horas;

É desejar dizer muito, e sentir que nos fogem as expressões junto de quem nos avassala com o seu olhar, com o som de sua voz;

Amar é aspirar largamente, sonhar palmas, vitoriosos, laureis, para depor às plantas do nosso ídolo;

Amar é duvidar da felicidade; é desejar rosas e tropeçar em abrolhos;

Amar é a história da nossa mocidade, o suplício da nossa velhice;

Oh amar! amar!

Boêmio

Por mais de uma vez tenho presenciado a chegada desses bandos de míseros boêmios que vagueiam de vila em vila, de cidade em cidade, ganhando aqui e ali uns míseros vinténs que muitas vezes nem chegam para lhes matar

a fome, e que a maior parte da população dos lugares em que armam as suas barracas de peregrinos, olha com desdém, e repele com indiferença.

Por mais de uma vez tenho olhado esses desventurados a quem a sorte designou um destino errante, vagabundo, incerto, cheio de lances e peripécias, e enchido-me de compaixão por eles.

É certo que não podemos sentir aquilo que nos é vedado compreender; e é por isso que os homens olham gelados ou mais ainda, escarnecem as infelizes tribos nômadas, que caminham, caminham sempre como o *Ahasverus* da lenda, sem deparar o ambicionado termo da jornada.

Meu coração semelha-se a esses bandos forasteiros; dia e noite sem parar caminha pelas interminas estradas da existência, em busca de conforto; e quando cansado para um momento armando a sua pequenina tenda à sombra da Esperança, o mundo olha-o desdenhoso, apontando o proscrito audaz que ousa procurar refúgio sob a copa do abençoado arbusto.

Ele não pode traduzir as dores do esterno caminheiro, porque os mistérios dos corações sonhadores não são compreensíveis à vulgaridade dos mortais.

Vai meu coração, segue, nada temas pálido romeiro; e se em meio de extenso deserto deparares com a *Mancenilheira*, repousa então. Os homens não zombaram de ti.

Foge, fuge daqueles que não podem ler-te as páginas íntimas que guardas como um precioso tesouro.

Poesia do amor

Tu que, como eu, adoras a poesia, tu que como eu tanges a lira, cantando de preferência os ternos sentimentos, dize, não conheces outra poesia além dessa que o talento te faz arrancar do alaúde?

Pois se não sabes onde ela existe, escuta-me, vou mostrar-te onde leio dia a dia as mais harmoniosas estrofes, as mais soberbas inspirações:

Nunca fitaste uns olhos escuros, muito escuros, onde a inteligência, a ternura, a beleza, enfim, aninham-se em doce união?

Pois neles vive a poesia.

Nunca sentiste junto a ti o suave e embriagante perfume de uns cabelos negros, muito negros, da cor das tempestades, porém cuja posse trar-nos-ia eterna bonança?

Pois eles valem mais que todas as estrofes que conheces.

Nunca ouviste uma voz doce, meiga, repassada de ignotas harmonias?

Pois é aí que eu bebo as minhas apaixonadas endechas.

Esses olhos, esses cabelos e essa voz encantadora pertencem-te, e é por isso que a minha musa és tu, tu tão somente.

Esperança

ESPERANÇA! mimosa e sedutora flor que brilhas no peito dos felizes, porque foges de mim?!

Ave que abandona o lar dos desterrados da ventura, para adejar em torno da deliciosa vivenda dos escolhidos da felicidade!

Aura que cicia meigamente ao ouvido dos diletos da sorte; suave murmúrio que não cessa de segredar sonhos encantados aos queridos do Senhor!

ESPERANÇA! esperança, facho luminoso que não deixa tropeçar nos escuros precipícios do caminho aqueles a quem Deus selou na fronte com o perfumoso beijo com que distingue os seus bem-aventurados.

ESPERANÇA! como tu sabes derramar bálsamo consolador no enfermo peito dos que amam, mas, amam pensando no porvir!?

ESPERANÇA! como tu afagas sensível o seio dos que não vêm diante de si o cruel fantasma do impossível!

ESPERANÇA! esperança, porque foges de mim, porque me abandonas?!

Escuta. . .

Dorme serenamente a lua no seu vasto estendal cerúleo: a terra é silente; nem o mais leve murmúrio quebra a merencória quietude desta saudosa noite.

O mar é calmo, os pescadores já de há muito recolheram as redes e dormem tranquilamente, cansados das afanosas lides pela existência.

Parece que a natureza inteira dormita.

Só eu velo; só eu alongando a vista pelo imenso panorama que se desenrola diante de mim, penso e recordo. . .

Oh! como é doloroso recordar com saudades um tempo para sempre morto!

Penso no passado, nas deliciosas fases de uma quadra que nunca, nunca mais voltará!

Recordo dias felizes e noites como esta, plenas de poesia;

Recordo os nossos sonhos, as nossas esperanças, os nossos castelos tão brilhantemente levantados e que a fatalidade derrubou tão cedo.

E... involuntariamente uma lágrima rolando vagarosamente por minhas gélidas faces vem cair sobre o peitoril da janela.

Será fragilidade chorar?

Não, as lágrimas são próprias das almas sensíveis, e elas são também o poderoso e único lenitivo dado aos corações trucidados pela saudade.

Venham elas, pois, em meu auxílio neste cruel momento. Eu preciso chorar.

Fala

Fala, fala, quando eu ouço

As tuas vozes...

Percebo uns leves perfumes

De jasmims e de baunilha.

C. Ferreira

Fala, fala doce e encantadora criatura que povoaste de flores a minha tortuosa existência.

Fala, se os astros podem falar, se as flores também se compreendem, fala, fala eu quero ouvir a tua deliciosa voz.

Quando tu falas, a aragem para, a passarada suspende o voo e o eco repete ternamente sílaba por sílaba as frases que proferes.

Fala, fala esperança de minha alma, sonho de minhas noites, aspiração doirada dos meus dias.

A tua voz tem mais harmonia que os acordes das peregrinas harpas: fala, fala, oh minha doce visão, oh minha fulgente estrela, oh minha arrebatadora musa.

Saudade

Sabes o que é saudade?

Sabes o que é percorrer folha a folha o querido livro do passado, encontrando aqui, ali, além, uma data, uma lembrança, um vulto desenhado, uma flor empalidecida, a nos dizerem – saudade!

Sabes? Pois é esse o agri doce viver de quem já amou.

Saudade, saudade, misteriosa palavra a traduzir infinitos na vida do homem.

Triste de quem vive na saudade; triste de quem vive no passado!

Sabes o que é saudade?

Sabes quanto exprime esta palavra tão simples como expressiva?

Sabes?

Pois é dela que se alimenta minha alma; pois é dela que vive meu coração!

Saudade, saudade, como tu me falas dos amados seres que povoaram minha vida, deixando-me após a labutar nas trevas da tristeza!

A...

Poeta, ouve.

Agora que o silêncio das dez horas cai pesadamente sobre a terra, e o luar estende-se branco, muito branco pela infinita extensão do mar; agora que os cintilantes facho da noite brilham divinamente no céu; agora que as aves dormem suave e docemente no verdejante e delicado ninho; agora que tudo é queto, e cortando esse silêncio chegam vagamente a meus ouvidos os queixumes de um piano que soluça o *Último pensamento* de Webber; agora que a natureza dorme e apenas eu velo pensando em ti que, neste momento sem dúvida esquecido do mundo entregas-te a teus estudos com o ardor próprio da mocidade, erário de anelos; agora enfim, ouve-me poeta, ouve ainda uma vez a minha voz dolente repetir-te a frase de sempre: Quero-te tanto, tanto, que julgarias um sonho se um dia te pudesses compenetrar do meu grande, do meu infinito afeto.

Ouve: este amor que cresce dia a dia e enraíza-se com todo o entusiasmo da minha imaginação impressionável, nasceu do teu olhar, do teu olhar belo e inspirado, às vezes facho candente, às vezes seta envenenada que fere, fere e pode causar a morte.

E sabes porque esta afeição progride, e sabes porque este amor toma de instante a instante proporções gigantescas? É porque nasceu no silêncio, é porque alimenta-se de esperanças, mas esperanças quicá enganadoras: é porque não se divulga nas salas, não se apregoa nos passeios, não se confia aos indiferentes.

O amor ama o segredo: o amor quer sombras, sigilo, olhares furtivos, palavras trocadas apressadamente entre um cerimonioso aperto de mão e um olhar tão rápido quanto eloquente.

Oh! o amor, o amor profundo, é assim que cresce e vive, meu doce poeta.

A primeira violeta

Outrora quando o amor e a ventura de mãos dadas viviam naquele lar; quando as flores do jardimzinho hoje coberto de melancolia, tinham um devotado cultor, a primeira violeta que abria todos os anos, era para *ela*. Ela a companheira do pálido jardineiro: – Aqui tem o seu retrato, dizia-lhe ele, como querendo lisonjeá-la.

E a *mignon* criatura que a recebia, mais orgulhosa da lembrança do seu amado, do que da paridade que ele estabelecia entre ambas, sentia-se feliz.

Agora, que um luto eterno veio cobrir-lhe o coração; agora que o escolhido de sua alma partiu para essa longa e interminável viagem, abriu a *primeira violeta* no jardim.

A chorosa jardineira viu-a e uma dor dilacerante lhe oprimiu o seio. Não colheu a flor.

Três dias veio fitá-la com a alma despedaçada pelo cruel isolamento: depois a modesta e perfumosa florinha feneceu.

E *ela* sempre a esperar que *ele* viesse como de costume oferecer-lhe o seu *retrato*.

Quem ama espera sempre, porque se chegasse a compreender a separação eterna, não viveria por certo.

É um esperar sem tréguas.

Amanhã, sempre amanhã!

Súplica

Desperta, escuta, não ouves o doce murmúrio da vaga quebrando-se saudosamente na praia?

Não ouves o suave arruído das auras passando langorosamente nas franças do arvoredor?

Desperta, escuta.

Longe, muito longe vibra ignota mão as melodiosas cordas de uma sentida harpa, e ela solução cheia de poesia a encantadora *Trariata*.

Não durmas, desperta.

A noite vai alta; o céu ostenta-se em toda a sua arrebatadora beleza, e a lua, a lua misteriosa confidente dos sonhadores de utopias, beija cheia de mística poesia as prateadas águas do lago.

Não durmas, escuta.

Como é esplêndido o panorama que ante meus olhos se desenrola?

Como o silêncio é docemente quebrado por aquela longínqua harmonia!

E tu não ouves? Não vens casar os suspiros de teu peito com as vozes de minha alma sofredora?

É triste, tão triste vive esperando,

Se a flor da esperança se afasta de nós!

Que eu sinto minha alma partir-se chorando

Pois sei que não hei de te ouvir mais a voz.

Escuta-me

Quanto te invejo!

A tua alma expande-se jubilosa, o teu coração exulta, banha-se no róseo lago das ilusões.

Envolves-te no manto da esperança, dessa loira esperança que breve dar-te-á a felicidade.

Quanto te invejo!

Transbordando de ventura cantas, cantas para aliviar todo esse mundo de sonhos que te enche o peito e quase te sufoca.

Parece-te que soltando a voz dizes às flores, às auras, aos lagos, às aves, à terra, ao mar, a tudo, tudo enfim: – escutem, eu sou feliz! Amanhã a doirada

visão das minhas poéticas cismas, a estrela que irradia em minha estrada, a Déa que povoa de delícias o meu coração, vai ser minha, eu sou muito feliz!

Quanto te invejo!

Que antítese em nossas existências!

Enquanto tu sorris, eu choro; choro a felicidade morta, essa felicidade que aguardas ansioso e que te espera sem dúvida para aconchegar-te ao seio.

Já gozei: já esta fronte que ora se envolve em lutuoso véu, coroou-se de feiticeiras flores. Trilhei sorrindo o caminho que conduz ao templo da ventura, aspirei muito, e vi minhas ardentes aspirações ternamente realizadas; mas, depois, depois, a morte estendeu os longos braços e arrebatou-me com o seu incomparável poder, tudo, ai tudo!

Quanto te invejo!

Cantas porque esperas a felicidade: eu choro porque a inconstante fugiu-me!

Sempre!

Sempre! Sempre!

Volvam-se os dias, os meses, e até os anos, que um momento sequer a tua saudosíssima imagem não deixará de vagar em meus sonhos de acordada.

Tolde-se de sombrias nuvens o horizonte de minha vida, ou surja por um desses fenômenos da natureza uma estrela brilhante no meio da tenebrosa escuridão que me cerca, que a tua doce lembrança acompanhar-me-á como hoje e como ontem, circundada de um afeto intraduzível.

A ausência não conseguirá obscurecer por um instante que seja a saudade profunda que dia a dia cresce e tortura o coração despedaçado.

Sempre a mesma ideia, sempre a mesma recordação, o mesmo nome gravado em minha alma!

Dizem que o tempo tudo consola! Mentira, é em vão que eu espero o bálsamo consolador, que, dizem, ele traz aos aflitos.

Sempre, sempre no meu seio punge a mesma amargura.

Sonhando

Era por um dia esplêndido: um desses dias em que a natureza parece que fala ao coração; em que vaga no éter um mistério indefinível, um encantamento místico.

E o céu, e a terra, e o mar, entornavam torrentes de poesia!

Como que tangidas por mãos ignotas, vibravam além, suave, dulcissimamente, divinas e merencórias harpas!

E aquela harmonia casando-se poeticamente aos deslumbramentos da natureza, como que repetia: ama, ama, ama!

E eu caminhava, triste, como sempre, saudosa e sem esperança, viandante de eterna jornada, sem deparar jamais seguro abrigo.

De repente, como se naquele delicioso cenário houvesse rapidamente se dado a mutação da cena, vi a *Felicidade*, esse mágico sonho dos acordados, surgir bela, arrebatadora como sempre, adorável como a conheci outrora a caminhar para mim!

Pálida, trêmula, indecisa, duvidando e crendo ao mesmo tempo, sentindo-me fascinada e temendo mais uma vez a queda dessas ilusões tão fáceis de nascerem em nosso espírito, e tão fáceis também de esfolharem-se sem vida ao sopro fatídico da sorte, não tive forças para prosseguir.

Parei.

Porém ela avançava, avançava rápida, tendo a pender-lhe dos lábios a palavra – espera.

Quase louca de ventura, sentindo o coração a transbordar de súbito prazer, por um último esforço conseguir abrir do torpor em que ficara, e... corri para ela.

Entre nós mediavam apenas alguns passos; inesperadamente, porém, senti como que uma vertigem e ouvi uma estrondosa gargalhada! A *Felicidade* fugira!

Irrisão!

Acordei.

Lembras-te?

Plácida, serena, sem uma sombra sequer de tempestade, corria a tarde, uma deliciosa tarde de dezembro.

Lembras-te?

Nem uma aragem movia as folhas das trepadeiras; tudo quedo, tudo silente.

Dir-se-ia que a natureza repousava.

Nas águas do mar, vastíssimo e límpido espelho onde refletia-se esplendidamente o céu, passou então uma barquinha com a vela solta.

Lembras-te da canção do barqueiro?

Não creias, não creias não.

Foge, foge, desses olhos,

Põe-te ao largo coração.

E o eco parecia repetir:

Põe-te ao largo coração.

Depois a voz perdeu-se além, e a noite veio caindo, caindo qual um sombrio véu sobre uma fronte pálida e cismadora.

Surgiu então a sultana das noites com o seu longo e rutilante séquito, e as maravilhas, as poéticas *boas noutes* embalsamaram o ar com seu saudosíssimo perfume; lembras-te?

No entanto, que antítese profunda, que tempestade em nossas almas!

Lembras-te?

Fragmento

Entardecia. Uma chuvinha miúda, monótona e incomodativa, começava a cair.

O céu era brumoso: o mar um tanto inquieto batia na praia em surdos gemidos e a brisa gélida soprava asperamente na ramaria do arvoredor.

Na rua pouco movimento: um ou outro transeunte, forçado sem dúvida pela necessidade, afrontava heroicamente os afagos daquela tarde hibernal.

Através da vidraça da janela, eu seguia com o olhar triste e profundo, o vai-e-vem das nuvens no espaço.

Ora vagarosamente, ora como que acelerando de repente a marcha, elas passavam; passavam uma após outras, sem descanso, sem destino, sem interrupção.

Agora uma alvacentas, depois uma mais escura, e logo após, outras quase tenebrosas.

São a imagem da vida, dizia, eu comigo: dias felizes, dias de incerteza, dias de dores, por fim!

Ontem flores, hoje espinhos, amanhã... amanhã só a Deus pertence sabê-lo!

E as nuvens continuavam a passar rapidamente.

Esquecida do que me cercava, eu deixava o olhar seguir melancolicamente as belas fugitivas, enquanto o pensamento errava perscrutador do passado para o presente, do presente para o futuro, cujo espesso véu tentava em balde romper.

E a noite desceu: desceu lentamente sem que eu me apercebesse disso.

A chuva continuava a cair fria e insípida, e o mar a gemer lugubrememente na praia arenosa e erma!...

É tarde

É tarde, laje sombria,
Inerte, gelada e fria
Abafou-me o coração
(Extr.)

Outrora quando as firas rajadas das desilusões não haviam ainda me tocado, talvez eu pudesse dar-te todo o ardor que me incendeu o peito, talvez pudesse amar-te.

Agora é tarde.

Não sei mesmo se tenho coração, sinto um vácuo dentro do peito.

Já amei, já senti todos os encantamentos que esse divino sentimento nos proporciona: hoje, passo indiferente pelo mundo, sorrio ante as frases que outrora sensibilizavam-me, e vou, e sigo, e procuro, é muito tarde.

Porque não me procuraste quando minha alma tinha crenças, meu coração esperanças?

Para que deixaste apagar a chama, para vires então dizer-me: Eu necessito do teu amor, eu quero abrasar-me no fogo de teus olhos.

Agora é tarde, restam apenas cinzas do incêndio que lavrou.

Já viste soprar cinzas e elas se tornarem em brasas? Não, se ao menos houvesse ainda algum calor. . . Mas é embalde, estão frias, gélidas mesmo.

Deixa a vereda em que segues, esquece o caminho que te conduz ao meu lar, e sê feliz.

É tarde! é tarde!

É tarde, muito tarde

A Armand

É tarde. . .

Uma centelha não arde
Nas cinzas do peito meu.
(Extr.)

Quem és tu oh belo desconhecido que te levantas em meio de meu caminho para falar-me de crenças?

Crenças! Esperanças! Ilusões! É tarde, muito tarde!

Meu coração está morto: os mortos não sentem, bem como se não reanima a labareda extinta quando não há resquícios do brasido que a produziu.

É tarde, muito tarde!

Meus sonhos, meus anelos, meus afetos, dormem sob uma laje funerária.

Foi a morte, a morte tão somente que com o seu invencível poder quebrou para sempre o virente arbusto em que haviam feito ninho as minhas doces ilusões.

Não foi o *desprezo*, a *ingratidão*!

Desprezo, *ingratidão*! Oh! Armand não conhece aquela a quem fala. O seu orgulho é tanto, tanto, que quase ela se deixa dominar por ele!

Há mulheres assim, quase incompreensíveis.

É triste viver sem amar, é; porém também se vive do passado. Ama-se a quadra volvida e. . . toda a nossa alma consagra-se a esse agri doce cismar.

O amor de além túmulo é sagrado.

Para amar no presente, é tarde, muito tarde!

Obrigada

A Armand

Obrigada Armand, obrigada.

Eu te agradeço o abandonares ainda que por momentos as tuas alegrias de moço, para vires chorar comigo à beira do sepulcro que guarda as minhas doiradas ilusões.

Obrigada Armand, obrigada.

Quando a felicidade nos afaga, quando a esperança nos sorri, raro é que nos lembremos dos desterrados dos festins da vida; e tu, que vogas serenamente no lago das ilusões, tendo por palinuro do teu doirado batel o sagrado sentimento que nos alimenta a existência na rosada quadra das quimeras e utopias, tu lembras-te de parar um momento a tua deliciosa viagem, para escutar uma alma desolada.

Deve ser meio o teu coração, Armand.

Obrigada pois; e agora que as tuas generosas palavras vieram dar-me alguns momentos de conforto, vai, sê feliz, prossegue a tua rota, e praza o céu que nunca apareçam nuvens sombrias no horizonte da tua existência, nem escolhos no bonançoso mar em que navegas.

Noturno

Só e triste; o luar batia-lhe merencório na janelinha da alcova, e ela cismava.

Além na quebrada da serra soava saudosa cantiga, e o céu, e o mar, e a terra envolviam-se no suave manto da poesia.

Só e triste; nas serenas águas do riachinho passava um pequeno batel cujo único tripulante cantava a deliciosa canção do “Proscrito”: e os astros que cintilavam no céu, de instante a instante desprendiam mais fulgurações.

O passado, essa folha já volvida do livro da existência, como um rosado sonho, veio despertar a cismadora, e falar-lhe de alguém...

Uma lágrima, uma só, caiu-lhe dos pensativos olhos e foi perder-se no seio da flor empalidecida que tinha apertada entre os dedos.

Distante, o galo, o romântico cantor da noite, batia as asas e saudava os primeiros alvares do dia.

Livro de Atala – Poema em prosa

I Meu coração A TI

Pelos longos desertos da existência, eu caminhava a só; nem as suaves brisas das rosadas manhãs de primavera, nem o frio glacial das hórridas noites hibernais, conseguiam afastar meu coração da indiferença com que seguia qual Ahasverus da lenda, sem jamais descansar.

Surgisse o sol no levante ou reclinasse-se rubro e orgulhoso no ocaso; a sultana da noite vestida de galas aparecesse no azulado firmamento, ou a tempestade rebentasse com fragor, era o mesmo gelo, era a mesma calma, era o mesmo ceticismo a invadi-lo!

Nem o canto das aves, nem o perfume das flores, nem o murmúrio dos regatos, despertava-o do seu letargo.

Só e tristes: uma a uma desfeitas as suas adoradas ilusões, uma a uma rotas as páginas do seu livro íntimo, uma a uma talvez para sempre pisadas as cetinosas pétalas da verdejante flor da esperança.

Só e triste; réprobo, amaldiçoado pelo cego destino, isolara-se das festas; proscrito da ventura, fugira ao bulício do mundo!

E caminhava, e seguia; em volta a si parece que se levanta uma barreira a segregá-lo da vida, do movimento, dos vaivéns do existir!

Não tinha um sonho a afagá-lo, não tinha um afeto como bálsamo às suas dores, não tinha um laivo sequer de esperança!

Cobria-o longo manto lutuoso.

Mas um dia... como esses personagens lendários que tocados por uma fada adormeciam longos anos, para despertarem em um dia aprazado em que se encontravam em um cenário inteiramente novo para si, ele despertou!

Não sei o tempo que dormiu; sei apenas que do bátrato insondável em que viveu, não vê agora vestígios.

Acordou-o deliciosa surdina, era a tua voz; viu diante de si brilharem dois astros de um fulgor inexcedível, eram teus olhos; estático, embevecido, trêmulo de emoção, quis saber o nome de tão poderosa criatura, negaste dizê-lo; mas, como era necessário dar-te um apelido para agradecer-te tanta ventura, ele chamou-te – René.

Aceitas?

II

Meu amor

Meu amor és tu; meu sol, minha esperança, minha estrela, meu sonho de bonança!

Meu amor são teus olhos, tuas falas, meu amor o perfume em que me embalas quando junto de ti creio no céu; meu amor os suspiros do teu seio, meu amor o poema que em ti leio, meu amor tudo, tudo quanto é teu!

Meu amor, os teus livros prediletos, as flores que preferes por mais belas, os autores que chamas teus diletos!

Meu amor, o mistério fundo, imenso, desta santa afeição, que dia a dia mais cresce, mais se ateia se em ti penso!

Meu amor é teu nobre coração; é o fogo do gênio que te beija, é o grato bafejo da poesia que sem cessar em volta a ti adeja, e na existência serve-te de guia.

Meu amor é teu nome que eu murmuro de instante a instante e em tudo quanto há puro suponho divisar; nas flores, nas estrelas e até nas borboletas, essas belas peregrinas gentis, creio ver áureas letras encantadas, pelos anjos traçadas com tintas perfumosas e sutis.

Meu amor são teus olhos, sim teus olhos, fanais que me apareceram brilhantes quando nas trevas só pisava abrolhos. São teus cabelos, fios cetinosos, que em doce flacidez são poderosos e possuem condão de prender, enlevar, lançar cadeias ao mais duro e gelado coração!

Meu amor, meu amor, ai tu nem pensas, nem suspeitas sequer! Se tu soubesses que fervor encerra o coração ardente e apaixonado de utopista mulher!?

Mas não, não tentes desvendar arcanos; não procures, não busques ler mistérios, porque o amor tem negros desenganos.

Crês no amor? Oh! o amor nos leva até... as raias do impossível, crê René!

III

Teus olhos

Teus olhos! teus olhos são os fachos luminosos que apareceram na sombria noite da minha vida, para mostrarem-me a vereda da esperança?

Teus olhos – são brilhantes faróis apontando o porto da bonança a este mísero coração que naufragava no oceano da saudade!

Teus olhos – são estrelas fulgentes, esplendidas, incomparáveis, a luzirem no céu de minha existência!

Teus olhos – são dois sublimes cantos do apaixonado poema de minha alma.

Teus olhos – são as mais belas flores do viçoso jardim de meu peito.

Teus olhos – são diamantes de sublime valor, rolados por inexplicável descuido, da coroa celestial!

Teus olhos – têm as cintilações dos astros e o sombrio manto das misteriosas noites de tempestade.

Teus olhos – como diz o poeta são “gotas de luz”, da luz encantadora que te pulula no cérebro!

Teus olhos – são tudo quanto há belo, santo, intraduzível e adorável!

Teus olhos! – oh teus olhos René, são a minha vida, o meu amor, a minha esperança, o meu porvir, e... quiçá a minha fatalidade!

IV

Meu sonho

Sabes qual é meu sonho auri-rosado, o ideal amado, que faz minha ventura, oh doce criatura, oh mágico ideal?! Sabes qual é meu rútilo fanal nas trevas do caminho onde o agudo espinho nos fere sem cessar? É teu doirado amor, oh meio sonhador!

Sabes qual é meu sonho predileto, por noites sem luar, quando a ave da noite bate as asas, quando a brisa de manso diz – amar!?

E a borboleta negra como é negro teu cabelo gentil, passa sutil, veloz, célere, além; e a noite triste mil encantos tem?!

Sabes? é vaguear pela existência, mas, sempre ao lado teu, doce René que me acordaste um dia, lá quando a tarde ia saudosa a descambar, e fizeste meus lábios ressequidos pela febre talvez falarem outra vez, em castas ilusões, em sonhos, em visões, em crenças, em amar!

Sabes qual é meu sonho feiticeiro, sabes qual é, ó pálido romeiro, oh cismador René? É ter-te sempre ao pé de mim que quero ser a musa tua, quer seja esplendorosa e clara a noite, quer seja negra, sem fulgor, sem lua!

É escutar a tua voz divina, suave, encantadora, sempre tão bela qual a ouço agora, em lânguida surdina, em meiga cavatina, falando do futuro, desse poema santo, saíreo qual o manto que Deus estende além, onde vive também o astro fulgurante que me aponta a sorrir o dia que há de vir!

V

Tuas mãos

Sabes o que me lembram as tuas mãos brancas e delicadas, macias como as pétalas dos jasmims?

Lembram-me duas borboletas brancas, muito brancas, a voarem, voarem, doidamente em volta do meu pobre coração.

Se tu soubesses como essas travessas aristocratas são por mim queridas!

Se tu soubesses os zelos que me despertam o vê-las unidas, ainda que por momentos a outras mãos!

Gosto de vê-las enluvadas, gosto porque assim é a pelica que roça ligeiramente a epiderme de outras mãos; é a pelica que sente o calor de outro ser.

Oh! as tuas mãos! as tuas mãos não deviam ter a existência do geral das mãos; deviam viver em um altar, terem mesmo um templo a elas consagrado!

São mãos tão finas, tão débeis que a gente ao fitá-las sente-se assustada, julgando a cada momento que as pobrezinhas vão ferir-se nos espinhos de uma rosa, ou mancharem-se ao contato de qualquer objeto menos alvo, menos odoroso, menos gentil do que elas.

Eu que tenho tanto orgulho; eu que não nasci para dobrar-me diante de quem quer que seja; eu que julgava que, apenas depois das mãos de nossos

pais, a mão da Virgem Maria devia ser adorada; não desdenharia por certo curvar-me reverente ante essas cetinosas e belas mãos, coroadas por elegantes e rosadas unhas.

É uma fraqueza, conheço, mas a culpa é tão somente delas, dessas duas brancas e pequeninas asas, roubadas a alguma ave do paraíso.

Oh mãos de poeta, oh mãos nascidas para dedilharem a lira; oh mãos do meu caro René, eu vos saúdo com afeto, eu vos amo com idolatria!

VI

Sonhemos

Sonhemos René; sonhemos, mas os doces sonhos de acordada.

É tão doce deixar a caprichosa fantasia levar-nos a ignotos mundos!

Sonhemos, René.

A tarde descamba languidamente; o sol rubro facho, aclara ainda as vastas campinas e os múrmuros regatos; ainda vem longe a estrela vespertina.

No lago deliciosamente frisado pela suave brisa do declinar do dia, voga gentil, gracioso baixel.

Voguemos, voguemos René.

Sabes o que é amar?

Sabes o que é despertar pronunciando um nome, e adormecer ainda sob a santa impressão da última promessa de alguém?

Sabes o que é encontrar em volta a nós extenso deserto, mesmo quando nos rodeiam inúmeros seres, se uma imagem por nós adorada não surge entre esse mundo de indiferentes que nos cercam?

Sabes René? Pois isso é amar!

Amor, amor, oh como tu enches o coração, como tu dás vida, como tu assassinas as tuas vítimas!

Sonhemos, sonhemos René.

Rompe a aurora, o céu tinge-se ligeiramente de nuvens róseas, e a passada desperta, voa, voa, cruzando-se nos ares em graciosos volteios.

Canta ao longe o tropeiro, e ao eco do seu merencório cantar o gado vai seguindo, seguindo.

Povoa-se o ar do gratíssimo perfume das plantas agrestes, e as borboletas em gentil confusão formando encantadores matizes, voam e revoam em derredor das flores.

Sonhemos René.

Sonhemos que em meio a tantas belezas nós seguimos juntos e felizes pela estrada da vida.

Sonhemos que o nosso amor é tamanho, tamanho, que só com ele enchemos o Universo.

Sonhemos que para nós não há noite; a existência é um eterno dia, porque a incomparável luz de teus formosíssimos olhos bem pode suprir a falta do grandioso astro.

Sonhemos, sonhemos René.

VII

Semper

Pela calada das longas e merencórias noites hibernais, quando triste, muito triste geme o vento nas franças dos arvoredos, brilha o relâmpago e bate a chuva cadenciosa nos vidros da gelosia, penso em ti; em ti que tiveste o poder de despertar meu coração há tanto adormecido, em ti que és hoje tudo para mim no mundo!

Quando o luar branco, muito branco como a doce palidez da tua fronte cismadora, estende-se languidamente pelos longos areais, pelas intermináveis planícies, mandando seus palentes beijos às perfumosas flores do jardim, penso em ti, em ti que compreendeste a minha alma ardente e amante, em ti que preenchestes o meu sonhado ideal!

Nas tépidas madrugadas de outubro, quando o céu veste-se de rosa e ouro e as nuvens tênues e vaporosas deslizam além doce e serenamente.

Quando os voláteis concertistas do espaço entoam o delicioso hino do amor; quando os operários, essas criaturas para quem o trabalho é a vida, a felicidade, partem, alegres em busca do pão para o lar; quando as aves aquáticas espanejam-se preguiçosamente à flor dos lagos; quando o céu, a terra, o mar, envolvem-se no gázeo manto da poesia, penso em ti, em ti que tens na fronte a sacra chama do talento, em ti que tens nos olhos mais luz

que as estrelas, mais amor que as estrofes de Lamartine, mais expressão que os quadros de Murilo.

Quando a tarde desmaia cândida e suave, trocando com o dia que expira, o saudoso adeus de despedida; quando o crepúsculo abre as longas e sombrias asas sobre a terra; quando vagam pelo espaço esses doces e suavíssimos perfumes que se evolvem do seio das flores, penso em ti, em ti belo e sonhador René, em ti a quem erigi dentro do peito, sacro e imperecível altar!

E sempre, de manhã, à tarde, à noite, velando ou dormindo, sofrendo ou gozando, sorrindo ou soluçando, é a ti, a ti tão somente que o meu pensamento voa em célere voo, em ansioso afã a murmurar-lhe o interminável poema do nosso afeto!

VIII

Eis-me de novo a falar-te do nosso amor; a contar-te todos os meus sonhos, todas as minhas esperanças, todas as minhas crenças, todos os meus pesares!

Um dia, pareceu-me que entre nós ambos passava uma visão, uma estátua, uma miragem talvez! Tremi, cheia de dor, transida de zelos, tendo na face a palidez do sofrimento e na mente a ideia do suicídio, fugi.

Fugi para bem longe; chorei os meus sonhos, os meus castelos doirados tão cedo envolvidos na caligem da desesperança, e sepultei-me em vida no túmulo da saudade!

René, sabes tu acaso o que são zelos? Compreendes o quanto há de puro e santo nesse sentimento tão mal compreendido e interpretado pela maior parte dos homens?

Já sentiste no coração de poeta esse cruciante e duro punhal?

Já passaste dias e noites sem fim – como em todas as horas em que o sofrer nos magoa o coração, – vendo ante ti e o ideal de teus sonhos, um vulto que, embora cheio de encanto e atrativos, a teus olhos tomasse as proporções de um desses fantasmas que nos aparecem em pesadelos?

Nunca, não é verdade querido René? Pois bem, então não sabes o que é padecer!

Porém eu... eu sofri martírios sem nome, suplícios intraduzíveis...

Mas agora, agora que a negra nuvem passou; agora que o teu olhar me fala de bonança, que o teu sorriso inunda-me o coração de felicidade; agora que a tua dulcíssima lira entorna em volta de mim um jorro de harmonias e esperanças, oh, quanto sou ditosa, oh, quanto te amo ainda, estremecido René!...

MULTICORES

A Damasceno Vieira, modesta homenagem ao
grande coração do poeta

Poesia

Não existe somente a poesia metrificada, nem é ela tão só que tem encantos para mim. Adoro também a poesia que se sente, que se vê, que se respira enfim, e que no entanto não é escrita.

A vida do lar, o conchego da família, a união dos irmãos, o amor dos esposos, a benção dos pais, não têm em si uma poesia divina, doce, santa, intraduzível?!

O canto matinal dos passarinhos no copado arvoredo, o desabrochar das flores nas deslumbrantes manhãs de primavera, o céu azul coberto de esplêndidas estrelas, o véu merencório do crepúsculo estendendo-se suavemente sobre a terra, também não é poesia?

Não encerra um *que* misterioso, harmônico?!

O rir do pequenino ser, que inocente encara todas as dores e todos os gozos da vida; o beijo dessas santas e sublimes criaturas que têm o melodioso nome de – Mães; as lágrimas que a saudade faz verter aos entes sensíveis; os suspiros íntimos de quem ama; tudo, tudo isto não tem poesia?

Haverá mais doloroso, porém também mais expressivo e monumental poema, que o da despedida última a um ente que na vida nos foi caro, que nos amou e foi por nós amado, e que hoje osculamos pela derradeira vez?

Não de certo; a poesia das lágrimas, da saudade, tem estrofes de um valor imenso, e que nos deixam uma recordação eterna!

A natureza por si é um poema, cujos cantos cheios de doçura ou de amargo fel, são mais ou menos extensos conforme a vontade de seu amor.

Os cantos lúgubres contém quase sempre mais estrofes; os alegres são pequenos, acabam depressa.

Quem poderá negar que em nossa existência há inúmeras páginas de poesia?

Triste ou feliz, plácida ou tormentosa, é ela poética; eu pelo menos o creio, porque muitas vezes encontro poesia em cenas de desolação!

A mais bela porém de todas as estâncias que se têm escrito, eu julgo que é a que está gravada no coração das verdadeiras Mães!

Essa é superior a todos os cantos de Victor Hugo.

Escreveu-a o maior poeta – Deus.

Hino ao trabalho

Cantem outros os gozos, a felicidade das horas consagradas aos prazeres do baile, do passeio, das distrações fúteis; entoem harmoniosos hinos ao repouso, coroem de flores os momentos de ócio, tapizem de pétalas perfumosas a estrada por onde trilha a incomparável indolência. Eu só cantarei ao trabalho.

O trabalho, oh! o trabalho que vivifica, reanima, encoraja, faz voltar as crenças perdidas, conduz ao caminho da honra, mostra a vereda do dever aos míseros transviados, consegue reviver a esperança semimorta em nosso coração, acorda os sentimentos adormecidos no seio do homem a quem a fatalidade ferira sem piedade, e que entregue à sua mágoa profunda, deixara-se cair examine, descrente de si e até da providência; fala de Deus ao cético e de futuro ao réprobo banido dos festins da sociedade!

Oh! o trabalho, o trabalho!

Trabalhai e sentireis que vos volta a fé extinta, porque a necessidade que chegara de mãos dadas com a inércia fizera-vos cético das bondades do Altíssimo. Trabalhai, e vereis abrir-se diante de vós um caminho enastrado das desejadas venturas; sim, a recompensa do trabalho é o maná almejado. Trabalhai que a esperança perdida em um momento angustioso, voltará a ocupar o lugar abandonado em vosso ser.

Trabalhai e esperai; o vosso dia não se demorará em raiar.

O vagabundo, o réprobo encontram regeneração no trabalho.

Trabalhemos.

A dor mais funda, mais latente, o sofrimento mais cruel, o desespero mais intenso acham sempre lenitivo no trabalho.

Trabalhar é viver; trabalhar é ter fé.

Qual seria a minha existência, qual seria o meu peregrinar no mundo, se no abençoado trabalho não tivesse encontrado algumas partículas de conforto para as profundíssimas chagas abertas pelo infortúnio no íntimo de meu peito?!

A vida

A vida, a vida! o que vale ela a quem se sente cansada da luta, a quem aspira chegar célere ao termo da jornada?

Viver é lutar, e quando as forças estão gastas, quando o corpo sente-se exausto, impossível é tentar o combate; é mister depor armas e entregar-se prisioneiro ao inimigo – a morte.

O corpo e o espírito pedem às vezes repouso. Eles são operários intemeratos, é certo, mas ao fim desejam o prêmio do seu constante labutar. Quem trabalha é que aspira! mais ou menos elevado tem um sonho, um desejo a realizar.

Porém, quando esse sonho, esse anelo resvala de despenhadeiro em despenhadeiro até perder-se no bátrato insondável do impossível, para que tentar, para que ousar cruzar armas com força duplamente superior?

No vasto cenário da vida, cada um de nós tem o dever de representar o papel que lhe foi designado pelo *Destino*. Quando, bem ou mal, está cumprida essa missão, o ator deve retirar-se para dar lugar a outro personagem desse interminável drama onde há quadros verdadeiramente cômicos.

O ciúme

Nunca sentiste ciúme!

Se nunca foste ferido por esse cruelíssimo e afiado estilete, é que nunca amaste.

Amar e não sofrer as torturas do ciúme? Impossível dos impossíveis!

Ter ciúme é ser supliciado a todas as horas, a todos os momentos; é sentir o coração dilacerado pelo alvo de nossos carinhos, de nossos desvelos;

é ver nuvens sombrias mesmo no mais límpido céu!

Ter ciúme é encontrar os olhos do objeto amado fixos em outrem, quando eles estão voltados ternamente para nós; é divisar sorrisos significativos em lábios que só se descerram para falar-nos com meiguice; é ver o que nunca existiu, ouvir o que jamais foi pronunciado, sonhar o que em época alguma deve realizar-se!

O ciúme é o cálix do veneno que nos oferece o amor: ou mata-nos ou deixa-nos enfermos para sempre.

É um sentimento ardente, impetuoso, que nos arroja ao abismo do desespero, precipita-nos no oceano da loucura.

Encoraja-nos para a luta, dá-nos forças para o combate, empresta-nos audácia para enfrentar o inimigo!

O inimigo é o rival maldito.

Esse antagonista real ou imaginário, que transformou o nosso afeto terno, calmo, pacífico, em chama abrasadora, em lava rubra, candente!

O ciúme é o algoz dos amantes; nem os tormentos de Procusto, nem as dores de Ugolino, nem os horrores de Tântalo, ou os martírios de Prometeu, lhe são superiores!!

Digam-no as suas vítimas!!

Aquela criança

Eu não pertenço ao número dos que entoam hinos às crianças, dos que têm sempre um punhado de flores para atirar-lhes aos pequeninos pés, como homenagem às suas graças, ao seu espírito, às suas travessuras mesmo.

Sei que estas linhas podem granjear-me alguns desafeiçoados, muitos até, porque esses pequeninos seres que os poetas chamam avezinhas ou anjos, têm um número ilimitado de adoradores; porém, como não aprendi a mentir, escrevo o que sinto.

Amando o silêncio, fugindo ao bulício do mundo para concentrar-me longas horas nas minhas saudosas cismas, é-me impossível suportar resignadamente e muito menos prazenteiramente, essa inqualificável bulha que tanto entusiasma as crianças.

A minha *crueldade* chega ao ponto de detestar as mais turbulentas.

DETESTAR! como isto admirará aos fanáticos por elas!

No entanto, é a verdade.

Mas... e nesse *mas* resume-se tudo: no meio desse turbilhão desinquieto que passa e perpassa por diante de mim, causando-me muitas vezes sérios frenesis, existe um entezinho para quem abro uma exceção, porém, uma grande exceção.

É uma criança adorável.

No seu olhar encantadoramente inteligente, na sua voz mimosa e suave, no seu talhe gentil, nos seus pezinhos ligeiros, nas suas formosas mãozinhas, duas irrequietas borboletas brancas, no seu todo enfim, existe tanta poesia, tanta graça, tanta beleza, que, impossível seria deixar de amá-la, e amá-la tanto, quanto eu a amo.

Para ela sonho futuros cor-de-rosa, dias ridentes, noites sem sombras.

Ela faz parte da minha existência; é um dos poucos elos que me prendem à vida.

Até o seu nome é encantador, chama-se Alda.

Da minha janela

Da minha janela, caro leitor, vejo tantas, tantas coisas que não tenho necessidade de sair para distrair-me. Antes de tudo vejo o mar: o mar que tem sido sempre o meu suave encanto; o mar com os seus suspiros e as suas queixas, os seus murmúrios e as suas harmonias. Às vezes, quando morre o dia e a noite avizinha-se, cortando o largo espelho das águas, vejo passar esguio batelzinho com a branca vela semelhante a uma asa de garça, aberta à viração da tarde.

Como esse espetáculo tão simples me parece arrebatador!

Vejo pela manhã as lavadeiras estendendo na grama verdejante as peças de roupa branca, que devem corar.

E aquela cena encantadoramente singela, toma a meus olhos cismadores as proporções de um quadro romanesco. Esse longo e alvo estendal semelha-me uma esteira formada pelos caprichosos raios da lua, em noite estival, bela sedutora!

Vejo debruçadas à janela, as felizes jovens de faces rosadas e cabelos negros ou loiros, esperando alegres, satisfeitas, os escolhidos de sua alma, que não deixam de vir diariamente renovar-lhes os seus protestos de um

amor casto e profundo, amor que só deve terminar na sepultura, porém que... muitas vezes tem a duração das rosas de Malherbe.

Vejo antes que o sino tenha dado o merencório toque da AVE MARIA, passarem de volta do trabalho os honrados operários que ganham com o suor de sua fronte, o modesto pão para a família. Vêm alegres, apressados, cantarolando alguma trova popular ou conversando com os companheiros.

Da minha janela vejo despontar o sol, rubro, esplêndido, orgulhoso.

Vejo também surgir a lua, a merencória lua irmã dos poetas.

Vejo pela manhã as meninas e os rapazes passarem para o colégio; uns alegres, gesticulando, contando os progressos feitos e as travessuras que lhes custaram boas repreensões ou bem merecidos castigos; outros tristes, chorosos, seguros à mão do pai ou do fâmulos que o leva para o templo da Luz, que eles os pequenos teimam em julgar – cruel prisão.

Vejo nas frias e saudosas tardes de agosto, o vento açoutar impiedosamente o arvoredado fronteiro à minha humilde morada, e ouço os gemidos lutulentos da folhagem que se desprende.

Vejo as andorinhas saudarem alegremente a rosada volta da primavera, e escuto o pipilar das avezinhas nos beirais do telhado das habitações vizinhas.

Vejo passar a vendedora de flores com os seus graciosos ramalhetes arrumados simetricamente em volta da bacia cheia de água fresca, onde estão mergulhados os pés das odorosas companheiras das almas castas e sonhadoras.

Vejo nas noites frias e tenebrosas o relampado ferir o espaço, e ouço o ribombo do trovão que me faz insensivelmente estremecer.

Tarde, muito tarde, quando tudo é silencioso na terra, recostada ao peitoril escuto embevecida ora os acordes maviosos de um saudoso violão acompanhando uma voz cheia de dulçores, ora a flauta, a deliciosa flauta de algum cismador notívago.

Vejo um vasto e sombrio edifício em cujas paredes exteriores o tempo deixou já estampados os seus passos, e onde sei que vivem dezenas de homens e mulheres a quem a felicidade não sorri; é uma casa de caridade. Em volta a ela parece que volitam a dor e o desespero.

Triste painel.

Vejo o espaço, o firmamento, a vastidão do céu, e nessa doce contemplação deixou o pensamento borboletear do passado para o presente, do

presente para o futuro: e então... vejo inúmeras belezas, inúmeras venturas, inúmeros pesares!

Vejo muitas, muitas coisas da minha janela; só não vejo desgraçadamente um vulto muito querido, vulto eternamente lembrado por mim!

As ilusões

À semelhança das frágeis e feiticeiras andorinhas, “elas” chegam com a primavera, sim, a primavera da vida, e partem ao aproximar do inverno, o gélido inverno da existência.

Róseas, azuis, áureas ou esperançosas, “elas” são o doce alimento de nossa mocidade; a fulgurante coroa que nos cinge a fronte; os florões com que tapizamos a estrada a percorrer.

Oh ilusões! Oh ilusões queridas!

Felizes aqueles que por largo espaço de tempo, sentem-se embalados em vosso delicioso regaço.

Felizes, muito felizes!

Quando o declinar dos anos, com o seu largo e desolador cortejo de decepções, começa a patentear a nossos olhos a realidade, a glacial realidade da existência, “elas” fogem, fogem em bandos alígeros e graciosos, e vão voando, voando, sumirem-se além no profundo abismo da incomparável saudade!

Que vale o mundo, quando essas queridas companheiras de nossa alma, despedem-se de nós que as acariciamos, que as amamos, que lhes damos o melhor quinhão de nossa mocidade?

Nada, simplesmente nada!

Ilusões castas e serenas que encheis o coração da juventude, vós sois irmãs da Felicidade.

Uma ilusão que nasce é um bem-aventurado sonho que começa; uma ilusão que morre, um pedaço de nossa alma que se esfacela.

Mortas as ilusões, o coração sucumbe.

Sem ilusões, a vida não é vida.

Quem não sonha, não vive, vegeta.

A mentira

Em minha, embora curta, porém bem penosa peregrinação pelo mundo, hei prestado sempre culto à verdade, e votado invencível asco à mentira.

Nunca pude compreender como se pode enganar ou procurar enganar o próximo, e muito menos quando esse alguém a quem se falta à verdade, deposita em nós inteira confiança.

É possível que essas simples frases façam sorrir maliciosamente a muitos, que, tendo por hábito inveterado a mentira, não acham possibilidade em que exista alguém para quem o faltar à verdade constitua um crime.

Que exemplo! que perfeição! que tipo tão digno de servir de norma! dirão zombando. Não importa.

Infelizmente não sou um modelo, resta-me, porém, o consolo de que não os há.

O que sei, o que sustento, e o que apregoarei com convicção, é que, a verdade merece altares, a mentira simplesmente o tédio, o aborrecimento, o desprezo.

Quanto apanho em uma mentira um indiferente, um desses mortais que encontramos em nosso caminho, com quem por acaso ou por necessidade trocamos algumas palavras, e de quem não guardamos lembrança nem mesmo momentânea, sinto logo desejos de manifestar-lhe quanto é indigno e desprezível o seu procedimento, na minha opinião.

Porém, se aquele que mente é, por infelicidade, alguém que me merecia alto conceito, muita simpatia, ou sentimento ainda maior do que esse, que verdadeira mágoa se apodera do meu coração!

Não há coisa mais cruel do que a queda de uma ilusão, elas nunca se desprendem só; com elas vai também, ou parte do nosso afeto, ou quando por fatalidade ele está por tal forma enraizado que consegue resistir a esse ferino golpe, tomba insensivelmente uma partícula da nossa felicidade.

É muito difícil de suportar uma ingratidão; e o mentiroso a quem se liga afeição, é um ingrato.

Ele tenta fazer-nos representar um papel pouco digno – o de parvo.

Os enganados, as mais das vezes representam de parvos.

E é por isso que eu – com bastante mágoa o confesso – muitas vezes hei ficado por longo tempo melancolicamente a pensar, e a repetir mentalmente – mentiu-me...

Para que serve a mentira?

A consciência dos mentirosos não os acusará, não se revoltará contra eles?

Quando praticamos uma ação boa, *ela* é a primeira a rejubilar-se; quando faltamos ao nosso dever não será também pronta em repreender-nos?!

A mentira avilta, amesquinha.

O hipócrita finge o que não sente; o mentiroso diz o que não é.

Não terão eles um ponto de afinidade entre si?

Dizia alguém, cuja cabeça coberta de venerandas cãs, há três longos anos repousa sob a laje de um túmulo, que, eu adquirira, ou talvez tivera sempre o hábito de fazer profunda apreensão, em fatos que para muitos, não merecem cinco minutos de reflexão.

É possível que seja assim; e é talvez esse o motivo da minha prematura aparência de que se afastou há muito das rosas da mocidade.

Que fazer?!

Não sou culpada, são caprichos da natureza.

Sinto-me profundamente abalada muitas vezes por meros nada para outrem!

E... nunca, nunca consegui encarar friamente uma inverdade dita por uns lábios queridos e amados!

Muitos sorrirão dessa fragilidade; embora.

Muitas vezes hei ficado a repetir sozinha: – mentiu-me, e para quê? qual é o prazer que nos proporciona a mentira?

O dever

Sentimento algum deve imperar no homem, acima do – dever.

O dever é sagrado.

O coração pede que sigamos por uma vereda, porém se ela for contrária ao dever, demos retroceder sem perda de tempo.

O cumprimento de um dever é sempre uma satisfação para a nossa consciência, ainda que muitas vezes a alma como que se despedace para isso.

Sofre, sufoca o teu afeto, esmaga tua vontade, mas, deixa que o dever triunfe soberanamente.

A dor que te for no imo do seio terá uns resquícios de mel.

Quando a consciência repousa tranquila, a mágoa tem um poderoso lenitivo.

O homem tem muitos e poderosos deveres a cumprir nesta vasta arena – o mundo.

É necessário seguir pela linha reta que o Supremo Criador lhe traçou; e ela conduz invariavelmente à senda do dever.

A nossa religião ensina-nos a amar e respeitar ao Salvador do Mundo, e a esse sagrado dever, segue-se o de executar à risca os seus divinos preceitos.

Não nos deixemos, pois, arrastar pelo turbilhão das paixões mundanas.

Procuremos a trilha da honra, a trilha do dever.

Nunca devemos arrepender-nos de cumpri-lo.

Quem cumpre um dever como que se sente aliviado de um peso.

Muito embora se nos antolhe um presente recamado de flores; muito embora pareça-nos que a ventura abre-nos os braços, devemos fugir, esquecer, cerrar os olhos à sedutora miragem, porque é uma quimera, uma utopia, se o dever, dela se achar desterrado.

Meditação

Lutar! Lutar, eis a palavra imensa que o homem depara diante de si mal empreende a espinhosa jornada da vida.

Lutar! eis a existência da humanidade!

A vida, essa peregrinação tão árdua, tão espinhosa, mas também tão ambicionada, resume-se neste simples vocábulo – lutar!

E quando ao fim cansamos da luta, quando extenuados, suarentos, tendo na alma o desânimo, no coração o desespero, nas faces os traços do sofrimento, repousamos a fronte para sempre, o que levamos do mundo? O que nos ficou da profunda luta? Nada, absolutamente nada!

Lutamos até o derradeiro instante, e nesse inglório lutar, nesse labutar sem tréguas, sempre na esperança do dia de amanhã, consumimos a nossa mocidade, atribulamos os dias da velhice, e quantas vezes até sombreamos a infância, a quadra que só se devera consagrar aos brincos, aos folguedos!

Que vale a vida?!

Viver para sofrer, lutar para viver, eis a história da maior parte dos homens.

No entanto, por um desses incompreensíveis caprichos, por um desses mistérios de que é fértil o coração humano, almejamos viver!

O homem vê diante de si o abismo, sabe que, se precipitar-se nele terão fim todos os seus dissabores, e... afasta-se pressuroso, quer sofrer, mas viver.

A morte, o descanso final, a pedra que cobre perenemente todos os martírios, que sepulta todas as dores, e abre quiçá as portas a uma existência toda paz, toda ventura, é acaso anelada?

Não.

Mágoas sobre mágoas, prantos sobre prantos, queixumes sobre queixumes; mas, sempre, sempre a mesma aspiração – viver.

É que a esperança, essa doce consoladora nos amargurados momentos de infortúnio, não nos abandona um instante.

Ela vaga sem cessar em torno de nós, murmurando-nos de quando em quando – espera.

E nós, fracos, porque o homem geralmente não tem a necessária coragem para afrontar a morte, enlevamo-nos na sedutora voz da decantada sereia, e porfiamos na luta.

Em nosso ouvidos ressoa sempre aquela cética harmonia espera.

Amanhã, quem sabe amanhã!

E o anelado dia não chega, e a dor progride e a luta recomeça.

Esperar, esperar sempre em vão.

Bem hajas tu oh esperança – embora mentirosa – que suaviza a peregrinação do homem, lhe lançando de momento em momento um punhado de flores entre as urzes que lhe tapizam a limitada estrada da vida.

Felicidade!

Felicidade, visão enganadora, sonho dos acordados, esperança dos cren-tes, onde vives tu?!

Em que encantado país armaste a tua doirada tenda, ingrata romeira?

Porque não paras um momento a fim de lançar sobre os que te buscam, um desses peregrinos olhares?

Interminável caminheira que segues, segues sem deixar que o viandante sôfrego em alcançar-te consiga ver-te ao menos o rosto feiticeiro, que mal fizeram-te os homens?

Há tanto séculos que eles buscam-te em vão!

E tu sempre zombando deles, sempre fugindo-lhes, sempre prometendo-lhes os teus afagos e cobrindo-te com espesso véu quando os míseros cheios de crença, de fé em tuas promessas conseguem aproximar-se de ti.

Ingrata mulher!

Deve ser tão bom ser feliz! Mas, quem logrou jamais possuir-te?

Àqueles a que chamas teus prediletos, distingues de quando em quando com uma palavra animadora, – avante!

Porém, logo após vendo que eles ousam esperar um beijo de teus lábios, levantas a tua tenda e em vertiginosa carreira vais armá-la de novo em outro sítio, além, muito além!

Eu também consegui outrora avistar-te; rodeavam-me então queridos e saudosos entes que, em sua maior parte, deixaram já este deserto que nós apelidamos mundo.

A existência corria-nos plácida, tranquila, e nós dia a dia aproximávamo-nos mais de ti. Quando estávamos porém quase a tocar-te, levantou-se um turbilhão medonho e entre nós ergueu-se densa barreira fatal.

Quando a tempestade passou, havias desaparecido, e eu vi-me quase só no mundo! Os meus companheiros dessa inglória jornada, haviam sido arrebatados pelo furacão destruidor.

Felicidade, oh felicidade, porque fazes dos homens alvo de teus cruéis motejos?

Excerto – ao autor do “Fragmento”

O suave momento do expirar do dia, predispõe à tristeza. Do consórcio da luz que se despede, a das sombras que se aproximam, nasce a doce poesia que fala às almas sonhadoras.

Todos nós idealistas, somos sujeitos a essas cismas pungentes que nos transportam a mundos imaginários onde o *impossível* impera sobranceiro.

E foi por isso que, o teu coração pleno de vida, de sonhos, de aspirações, pulsando regularmente, sem ter sentido ainda esses cruéis sobressaltos que

tanto nos fazem sofrer, *a pesar teu* sentiu-se tomado de tristeza, naquela tarde encantadora em que sonhaste acordado um mundo de quimeras, de utopias!

Quando se tem dezoito anos e vê-se abrir diante de nós larga e florida estrada que conduz ao almejado templo do porvir;

Quando nesse porvir que não deve tardar muito, sabemos que nos espera a glória;

Quando finalmente repetimos como outrora o imortal Bonaparte: *não conheço impossíveis*, como fugir aterrado diante da mansão adorada onde vive *ignota dea*, por que essa mansão tem no frontispício a lúgubre legenda do inferno de Dante:

Lasciate ogni speranza voi che entrate.

Inconcebível!

É muito cedo para murmurar: “embalde procuro na terra.”

Só a mulher tem direito de cansar na luta. O homem tem o dever de ser forte. E depois... mal começa a aurora a despontar!

Prossegue, caminha, esquece o *Castelo Feudal*, ou então despedaça com as poderosas armas que te oferecem a mocidade e o talento, aquela divisa negra, cruel, fatídica, que te surgiu lugubrememente, como outrora no festim de Baltazar, as memoráveis palavras: *Thecél, Mané, Pharés*.

Criança, o fragmento de teu coração mentiu, tu és feliz.

Eu tenho imensa dó dos que sofrem, mas eu não creio em tuas mágoas. Se me fosse possível acreditar que diante de ti ergue-se uma barreira que te amedronta, se me fosse possível não duvidar do teu sofrimento precoce, eu murmuraria piedosamente contigo, lembrando ainda o poeta italiano – *Nessun maggior dolore*.

Júlia e Judite

Não morreram, tão somente
Recordando a pátria sua,
Foram-se um dia os arcanjos
Num branco raio da lua.

Pobres crianças! Ainda ontem buscando sôfregas a taça da felicidade, e

hoje resvalando cheias de crenças, de sonhos, de aspirações, no insondável abismo da morte!

Ontem a luz, hoje a treva!

Ontem a esperança, hoje a cruel realidade da vida!

Júlia e Judite, nêvas garças que espanejaram-se por um momento no delicioso lago das quimeras e após alaram-se ao mundo do desconhecido!

Quantas ilusões desfeitas, quantos castelos desmoronados, quantas rosas trocadas por suspiros, quantos lírios mudados em saudades!

Há páginas na história da humanidade, que se não deviam escrever se não com lágrimas; são aquelas que registram o desaparecimento da terra, dessas aves implumes, dessas rosas entreabertas, dessas inditosas crianças, que abandonam tudo quanto amavam e vão belas, queridas, rodeadas dos fa-gueiros sonhos da mocidade, esconderem-se para sempre sob a gelada pedra de um túmulo.

Bem pode dizer-se que não viveram; mal transpunham agora os umbrais da mocidade, e é nessa rosada quadra da existência que a vida nos enleva, nos prende, nos arrebatava.

Miseras florinhas, o outono desapiedado desfolhou-as ainda em botão.

Foi uma após a outra; confundiram sem dúvida os seus sonhos de virgem e hoje no sepulcro confundem as suas vestes de noivado.

Que coração se não confrangerá ante o túmulo dessas mimosas avezinhas, mortas em pleno alvorecer da vida!

Resvalaram do berço para o túmulo.

Não gozaram, mal tiveram tempo de abrir o livro da existência, e quando se propunham a procurar a lenda do futuro, a morte veio, arrancou-lhes brutalmente o querido manuscrito, lhes vendou os olhos e levou-as pálidas e frias de susto sob as suas longas asas glaciais.

Morte, morte cruel, pois nem a inocência tu respeitas?

O lar

A Carlos Machado

Ó lar! doce e casto ninho de felicidade, precioso erário de nossas mais santas aspirações, eu te bendigo.

Tu és nos felizes momentos da existência, o cofre em que recolhemos os nossos doirados sonhos; és nos amargurados transe da vida, ainda o receptáculo de nossos prantos.

Quem te não amará!

Ouves carinhosamente as nossas santas confidências, os ternos beijos que nos imprimem nossos pais, as palavras meigas do companheiro de nossos dias, os nossos primeiros suspiros de amor. Não há ventura que se possa igualar a que nos proporcionas na tua singeleza.

Não há pompas festivas, não há bailes, não há distrações que devam ser preferidas a ti.

Mereces um altar em cada coração puro, por que só esses poderão compreender-te.

Perguntem ao proscrito, ao infeliz exilado, qual é a saudade que mais o tortura; e ele responderá: a do lar.

Primeiro, o ninho dos nossos afetos; depois a pátria, nossa segunda mãe.

É ainda por *ele* que as crianças, esses seres descuidados e alegres, que passam a vida a rir, têm lágrimas de verdadeiro pesar ao encetarem a sua *trabalhosa* peregrinação da escola.

E é por *ele* que verte amargurados prantos a ditosa noiva, no momento em que, tendo junto de si o escolhido de sua alma, se ajoelha diante do altar.

Ela sabe que não perde o amor da família; sabe que vai gozar nova ventura, mas... vai deixar o lar, o berço dos seus primeiros cismares; e essa lembrança tortura-a cruelmente.

Cantam-no os poetas, os felizes predestinados a exprimirem de uma forma mais terna, mais suave, os seus mais íntimos sentimentos:

“Longe da pátria, sob um céu diverso,
Onde o sol como aqui tanto não arde.
Chorei saudades do meu lar querido,
Ave sem ninho que suspira à tarde.”

E quem melhor que os poetas poderá compreendê-lo e amá-lo, se ele é o verdadeiro sacrário da poesia?

O pedante

É um dos vultos que mais me prende a atenção.

Gosto de vê-lo e ouvi-lo, creio mesmo que nunca me canso de apreciá-lo.

Geralmente tem uns ares assim de quem supõe-se um douto; sabe muito mas é avaro do seu saber, por isso enquanto os mais falam, ele ouve e sorri significativamente; aquele sorriso traduz-se assim: – que palermas, que pacóvios, não dizem coisa alguma que se possa ouvir.

Veste o rigor da moda. Rigor às vezes exagerado, que mais uma vez o torna ridículo.

Tem uma convicção arraigada de que o sexo frágil o idolatra.

É uma crença como umas tantas outras que o perseguem, e das quais o mísero não sabe o *porquê*.

Se vai a uma reunião, a um sarau, a um espetáculo, ao recolher-se à casa leva sempre a grata certeza de que foi o *primus inter pares* da festa.

É um feliz mortal o *pedante*.

Anda sempre alegre de si, porque coisa alguma tem a invejar ao próximo.

É belo, ilustrado, possui todas as virtudes, é um conquistador de fama, finalmente, onde aparece ofusca, deslumbra, entusiasma!

Dá-lhe às vezes para ser literato; e o pedante literato deve ocupar o *primo loco* na vasta galeria desses incomparáveis adoradores de si mesmo.

Que de obras importantes possui! Que esplêndida biblioteca a sua!

Infelizmente quase sempre não a deixa ver nem aos íntimos.

E o que tem escrito! As gavetas da escrivaninha estão pejudadas de manuscritos.

Não dá a lume porque não gosta de escrever para jornais; e, no entanto, já tem tido oferecimentos de alguns editores, para as suas obras.

Admira como há tanto quem se arroje a escrever para o público, cometendo erros gravíssimos que estão mesmo a pedir uma crítica; e conclui: *dos pobres de espírito é o reino dos céus*.

Adora com verdadeira ardência as *loiras*, mas, por *uso e costume* fala mal do inofensivo metal e confessa-se escravo dos louros!

É incontestavelmente um dos tipos mais salientes da sociedade, e... um dos mais afortunados.

Feliz quem feliz se julga.

Os dois edifícios – excerto

À primeira vista julguei-os iguais; ambos erguiam-se imponentes diante do transeunte como que ensoberbados da sua grandeza.

Dois fortes monumentos a atestarem o progresso de um povo, pensei eu; dois baluartes prontos a defender denodadamente os filhos do trabalho contra os seus encarniçados inimigos, o ócio e a ignorância.

Engano, engano manifesto; aquelas duas casas apresentavam a mais pungente antítese; uma era a mansão das trevas, a outra o templo da luz!

Enquanto em uma esclareciam-se os espíritos obscurecidos, e derramava-se-lhes em borbotões esse sublime antídoto do erro – a instrução, na outra lançando-se as cadeias aos pulsos dos proscritos dos convívios sociais, roubava-se-lhes a luz, a luz santa da liberdade.

Uma escola e uma cadeia!

O grêmio dos felizes que trabalham para o suntuoso edifício do porvir, e a associação dos desgraçados que estacaram no meio da jornada do homem honrado, para enveredarem pelo caminho do crime.

O santuário da esperança, e o antro do desespero. O sol e a treva, o riso e a dor!

E no entanto eles se erguiam altaneiros em frente um do outro, como que a desafiar-se para a luta.

Visitei-os, e ao retirar-me ia pensando: – quantos infelizes daqueles que ora gemem em um doloroso desanimo, não desconhecera de todo os benefícios do templo que ante eles se levanta?!

Os sonhos

O sonho, esse mistério que tantos têm tentado explicar, e que com certeza pessoa alguma jamais conseguiu sequer levantar uma ponta do véu espesso que o cobre; esse segredo da natureza que nos embala em suas róseas ou negras asas durante algumas horas da noite, que de caprichos têm!

Às vezes, depois de um dia feliz, venturoso, passado ao lado dos entes a quem mais amamos no mundo, vem a noite e com ela o sono que em

breve deixa que um lúgubre e doloroso sonho se apodere de nosso espírito, precipitando-nos num oceano de cruciantes dores!

Outras ocasiões, a uma dia lutuoso, cheio de decepções, repleto de desespero, em que as lágrimas por mais de uma vez vieram orvalhar-nos as faces, segue-se uma noite plena de encantos, na qual vemos em sonho a mais bela, mais risonha página de nossa existência.

Noites há em que sonhamos coisas inverossímeis, verdadeiros impossíveis; e algumas também onde o sonho apresenta-nos justamente aquilo que mais nos preocupa o pensamento e cuja realização seria para nós uma completa felicidade.

Há muito quem se impressione com eles e quem dê-lhes ridículas interpretações, que julgam certas.

Tenho ouvido algumas que, na verdade, chegam ao auge do disparate.

Eu também tenho o meu fraco em relação aos sonhos, pois por mais de uma vez tenho acordado soluçando por causa deles, e, sem que os julgue decretos da providência, hei passado algumas horas envolta em melancolia, recordando quadros tristes passados com os seres mais queridos de minha alma, e que vi clara e distintamente, porém... sonhando.

Com o que nunca me preocupei foi com as felicidades que alguns deles me têm prometido.

Nesses momentos eu creio-os uns verdadeiros mentirosos que se querem apenas divertir à minha custa.

Dores e saudades

Ela dorme, a jornada foi longa e os espinhos foram muitos a ferir a corajosa viajante.

Deixai-a agora repousar em paz.

De frente erguida, sorriso nos lábios e palavras cheias de fé e coragem a brotarem-lhe como que do coração, ela percorreu a vasta arena da existência, onde a cada passo se lhe depararam cruezas e suplicios.

A dor jamais conseguiu vencê-la, a esperança em Deus nunca abandonou-a.

Viu um a um desaparecer esses idolatrados pedaços da alma, a que as mães chamam filhos, e sofreu como só aqueles a quem a sorte impiedosa não

tem cansado de perseguir, poderão compreender; porém, jamais blasfemou, jamais deixou de crer na bondade e no poder do Todo Poderoso.

Nos longos anos de sua vida, a princípio recamada de flores, e mais tarde repleta de sofrimentos, teve a grande ventura de merecer sempre e sempre as mais verdadeiras simpatias e as mais acentuadas provas de um respeito quase mudado em veneração.

Cansada da romagem, reclinou agora a encanecida cabeça e adormeceu. Não perturbemos o seu doce sono: doce sim, que o sono dos justos deve ser tranquilo; deixemo-la dormir.

*
* *

Lá, distante do burburinho das cidades, em um sítio cheio de encantadora poesia, está a sua derradeira morada; e é a ela que neste momento meu coração despedaçado por uma grande, imensa saudade, manda nas asas do pensamento uma coroa de perpétuas orvalhada de lágrimas.

*
* *

Recebe, pois, ó veneranda mãe de minha mãe, os prantos e os soluções de quem jamais te esquecerá.

O outono

Eis-nos no outono, a estação da saudade, a quadra da melancolia.

Breve as árvores despiram as garridas roupagens, e as tardes nebulosas virão aumentar a desolação dos corações ermos de risos.

As andorinhas feiticeiras, as garrulas núncias da primavera, já ergueram o voo e foram em busca de novas plagas; o ar começa pela tarde a envolver-se em tênue manto de uma friagem que enregela; o sol foge-nos mais cedo e tarda mais pela manhã a sua visita quotidiana.

Tudo, tudo anuncia-nos que é findo o estio, e que o inverno brevemente arvorará a sua lúgubre tenda.

Mas... assim como após a tormenta a natureza veste galas, assim após os fúnebres gemidos do frio vento hibernal, virão as encantadoras e serenas noites de luar; as árvores terão de novo a sua esperançosa roupagem; as andorinhas regressando alegres passarão velozes e quase junto da terra a procurarem os ninhos abandonados; o sol será o madrugador incansável que virá bater-nos à porta e saudar-nos com o seus ardentes beijos; E...

A natureza inteira
Após a desolação,
Vestirá qual noutras eras
As vestes da sedução.

Só em meu peito a esperança
Que pouco a pouco secou
Não florira, a saudade
Cruel, sem pena a matou.

Sogras e madrastras

Sogras e madrastras! Os demônios da sociedade, murmurarão talvez os leitores; não, as vítimas delas acrescentamos nós.

Não sabemos qual a razão porque estas duas posições a que todas as mulheres podem estar sujeitas, e que em verdade devem ser pesadíssimas, a mor parte das vezes só servem para acarretar antipatias.

Não existiram sogras e madrastras boas?

Por certo que existem.

E não haverá um genro mau, ou enteado?

Muitos e muitos, sem dúvida alguma.

Pois bem, que motivos temos nós então contra essas desventuradas criaturas para derrarmos sobre elas toda a nossa terrível biles?

França Júnior, o incansável folhetinista que tanto e tão vantajosamente estudou a nossa sociedade, em um de seu apreciadíssimos escritos falou-nos das sogras e das injustiças de que as míseras se têm tornado alvo.

No propecto literato encontraram elas, pois, um distinto defensor, dispensado por esse motivo, quanto em seu favor pudéssemos dizer.

A opinião do ilustre folhetinista é também a nossa.

O grande, o imenso crime das sogras, é o não poderem as mães das vezes assistir impassíveis aos martírios, aos sofrimentos, ou enfim ao abandono em que vêm as pobres e queridas filhas.

Se o amor de mãe é como geralmente se apregoa o mais puro e santo de todos os afetos, como esperar que, aquelas que o sentem em todas as suas sublimes manifestações, procedam de modo diverso do que o fazem em tão críticas circunstâncias?

Para um genro bom, não cremos que exista uma má sogra.

Conhecemos muitos exemplos.

Com as madrastas dá-se idêntico caso; dai-lhes bons enteados e vê-la-eis velando por eles como se fossem seus filhos.

Imaginal, porém, uma senhora distinta, de uma educação esmerada, que nasceu e viveu sempre cercada de todas as comodidades que a fortuna nos pode proporcionar, e que um dia por uma dessas fatalidades inexplicáveis cuja origem não nos propomos neste momento desvendar, une-se a um homem que lhe leva uma filha teimosa, malcriada, insolente mesmo, que lhe desobedece sempre para a ver incomodada, que arranca-lhe do jardim as flores que ela mais preza, trepa nas cadeiras, pede tudo quanto vê, tem maus costumes, não deixa a infeliz madrasta ter um momento de seu, buscar um livro por exemplo, para entreter-se, vem logo para junto dela gritar, dizer tolices, aborrecê-la finalmente; e acrescentai a tudo isto a voz pública a lamentar a criança e a acusar a sua madrasta que não lhe faz mimos, que não a beija, que não acha graça em todas essas coisas, e tereis diante de vós o algoz tão falado. Tal qual ele é; uma vítima digna de toda a compaixão. Se a missão de mãe é grande e sublime, porém, também árdua, difícil; se os deveres de professora encerram responsabilidade ilimitada; o papel de madrasta é por todos os respeitos muito mais pesado.

A mãe – a não ser por uma dessas raras exceções, não se vê censurada por castigar os filhos, por admoestá-los muitas vezes, ser mesmo severa para com eles; diz-se geralmente: – tenho pena de F. porque vê-se louca com os filhos, são endemoninhadas aquelas crianças; e ninguém ousa dizer: – deploro a sorte delas por causa dos castigos que lhes dá a mãe!

Sabe-se que ela se procede assim, é porque é necessário para a boa educação dos filhos; tudo quanto faz é justo e para o bem estar deles.

A professora tem também o seu quinhão de desculpa. Castiga porque é necessário, porque os pais dos alunos querem ver o lucro do seu dinheiro, e os pequenos por meio de palavras apenas, não se querem corrigir dos seus mil defeitos. Em uma palavra, fá-lo também porque é boa; a madrastra, porém, nunca tem razão. Com que direito castiga as crianças? Não são seus filhos! Se a mísera dá-lhes excessiva liberdade, é má porque cria-os à lei da natureza – e pouco se importa com o mal que daí lhes pode provir; se os prende, se lhes proíbe o andarem com as outras crianças, temendo que eles tomem os maus costumes daquelas, é também má pois não deixa que os probrezinhos brinquem e aproveitem a sua infância. Que fazer então?

Sofrer no silêncio e deplorar consigo a sua sorte, é quanto lhe resta, e é o que muitas delas fazem.

Finalizando, diremos: educar os filhos alheios é de todas a mais cruel missão que pode ter a mulher.

Ser sogra deve ser triste; ser madrastra, simplesmente horrível!

Felizmente quem traça estas linhas, tem a felicidade de não ser madrastra, e a firme convicção de que também jamais será sogra.

Os sonhos e a morte

O que são os sonhos?

Não sabemos, mas não estamos de acordo com as muitas opiniões que sobre eles temos lido.

O sonho é como o mistério da morte; todos querem adivinhar, desvendar, sem que tenham para fazê-lo as necessárias bases.

Se morre alguém após um cruel desgosto, diz-se imediatamente que a causa da morte foi a grande impressão sofrida; no entanto são inúmeros os fatos a mostrarem-nos indivíduos entregues a lancinantes dores, suportarem-nas por longos anos!

Logo, a dor mata? Não.

Morre-se quando se tem de morrer. E porque se morre?

Porque estava cumprida a nossa missão sobre a terra?

Impossível.

Uma criança que morre ao nascer, ou aqueles que morrem em plena mocidade, isto é, quando geralmente se diz, começa-se a viver, não podem ter cumprido a sua missão.

A morte, pois, como o sonho, é mistério que jamais será descoberto, desvendando.

Porque se sonha? O que é o sonho?

A ciência tem querido demonstrar; mas, a nosso ver, coisa alguma tem adiantado.

Será o sonho a consequência imediata da impressão que levamos para o leito? Nem sempre. Temos maus sonhos após dias alegres, e sonhos felizes em momentos bem dolorosos da vida.

Sonhamos com pessoas que nunca vimos, e ainda mais extraordinário, sonhamos fatos que mais tarde se vão a realizar.

O sonho teria uma explicação clara, compreensível, se relacionasse-se sempre com os acontecimentos que estão durante o dia, desenrolando-se diante de nós.

Deitando-nos sob aquela impressão, nada havia de notável em que ela continuasse a permanecer em nosso espírito.

O sonho seria então o espelho em que ela se veria refletida.

Mas, sonhar com bailes, com festas, com o delírio da valsa, no momento em que acabamos por exemplo de dizer o último adeus ao ente que mais amávamos no mundo, e que se conseguimos adormecer foi apenas vencidos pelo cansaço de um sem número de dias e noites passados a velar o querido enfermo...

Que explicação dar ao fenômeno?

A nosso ver não encontramos alguma que nos pareça aceitável.

Será talvez porque não temos a *fortuna* de decifrar sonhos.

Ah, nesse ponto, se não temêssemos ofender alguns crédulos, ou entes a quem nem sabemos que nome dar, contaríamos ao leitor, a forma burlesca porque temos ouvido explicar este difícil problema – o sonho.

Mas silêncio, deixemo-los na sua incomparável crença, a qual inegavelmente traz-lhes em algumas ocasiões, uma bem invejada felicidade.

Ah! se pudéssemos também compreendê-los, decifrá-los. . .

Duas faces

Há duas formas inteiramente opostas de educar a mulher:

Mostrando-lhe todos os horrores do mundo, todas as perversidades de que é capaz o homem, ou cobrindo-a com denso véu sempre que tiver de enfrentar com as misérias que a sociedade nos aponta diariamente.

O fim em ambas as formas é o mesmo: afastá-la do caminho do crime.

Victor Hugo disse: “O único perigo social é a escuridão”; é portanto necessário que seja feita a luz para que possamos ver a vereda por onde trilhamos. Mas será dever dos pais desvendar os mais negros quadros da existência desses entes que passam pela vida sem colherem senão maldições e motejos, sorrisos de desprezo e asco, para dizerem às delicadas flores que são metade de sua existência, a doirada cadeia que os liga ao mundo: – vede, olhai, escutai todas essas blasfêmias, e agora que sabeis tudo, agora que conheceis o lodo, afastai-vos dele; fugi para bem longe, mas. . . não o olvideis a fim de terdes sempre diante de vós os efeitos de quem nele se lança?!

Não nos parece que sim. Educada sob outros princípios tendo como mentora uma mulher virtuosa e ilustrada, que carregava o sobrolho ao ouvir pronunciar por uma menina uma palavra menos casta; que não entregava em mãos de uma filha, um livro cuja leitura não houvesse ainda sido feita por ela, e que as ensinava a erguerem-se da sala logo que a conversação recaía sobre assuntos que as mesmas devessem ignorar, não nos podemos habituar a esse modo de encarar a educação feminina. Tem ele no entanto bastante adeptos.

Se a mulher desconhece o mal, como há de abster-se de praticá-lo, dizem eles?

Se nunca ouviu falar das ciladas armadas a cada passo pelos réprobos do mundo, como fugir-lhes?

Não nos damos por convencida com semelhantes argumentos.

Há muito quem não visse o *lodo* e não se deixe contudo cair nele, se um dia o deparar em seu caminho.

É certo que quem caminha nas trevas tem maior probabilidade de cair; mas, a quantas inditasas crianças, tem seduzido o pó doirado de que se

cobrem muitas dessas desgraças em que a fatalidade lança infelizes criaturas que como nós tiveram no berço afagos e carinhos?

Adoramos as almas puras, os corações sem nuvens tenebrosas a ensombrarem os seus róseos sonhos, os sorrisos cândidos.

Detestamos *os maliciosos* e repugnam-nos *as maliciosas*; afastamo-nos dos que trocam olhares expressivos quando alguém inocentemente pronuncia um termo a que eles dão significação diversa, e dispensamos de bom grado os *autores da moda* que fazem garbo em desnudar as chagas, as úlceras mais repugnantes.

Serão retrógradas as nossas ideias? Talvez.

Não há muito, na capital federal, um jornalista disse:

A mulher deve saber tudo.

Respondam-nos, pois, os que puderem mostrar-nos o erro em que labutamos.

É-nos tão grato o aprender...

Uma notícia

Parece uma coisa tão simples *uma notícia*, não é verdade? E no entanto quantas vezes vem ela derramar a dor e o desespero, no seio daqueles que julgavam-se verdadeiramente felizes!

Quantas vezes uma notícia derruba todos os nossos castelos, todos os nossos sonhos e todas as nossas esperanças, lançando-nos num longo, profundíssimo desespero!

Um dia despertamos como de costume, não houve alteração alguma em nosso viver; na véspera deitamo-nos pensando, pensando em quê? talvez em alguém que amamos e de quem vivemos ausente há já longo tempo; o vapor é esperado amanhã, dissemos conosco, devo invariavelmente ter uma carta; oh uma carta de quem se ama, que verdadeira felicidade!

Amanhece, as horas correm lentamente; espera-se, até que ao fim alguém vem tirar-nos da incerteza; mas oh infelicidade, a carta tão ansiosamente esperada é portadora de uma dolorosa nova: o ente querido está enfermo.

Eis um momento e nosso dia feliz, transformado completamente; e isto, *apenas por uma notícia!*

Uma pobre mãe separa-se do filho único, cuja vocação é a vida militar.

Vê-o partir para o campo do combate e debulhada em lágrimas, espera o momento de receber notícias suas.

Os dias correm, o desespero aumenta, e a almejada carta não vem.

Uma tarde, quando já a resignação começara a apoderar-se dela; quando a esperança de que uma breve volta fosse a causa de tão prolongado silêncio, um desconhecido chega.

Traz, como o filho ausente, o uniforme militar, vem da guerra.

O coração materno alvoroça-se; treme, espera sôfrego a palavra do mensageiro. Ao fim ele começa com aspecto melancólico: – Senhora, sinto profundamente ser portador de tão infausta notícia. . .

Ela empalidece e ele continua lugubrememente: – Fui amigo de seu filho, e . . . e dele recebi o último suspiro; morreu falando em vós.

A mísera solta um grito.

E eis *uma notícia* despedaçando para sempre o sonho auri-rosado de uma desventurada mãe.

Uma esposa extremosa a quem um negócio urgente rouba o esposo por alguns dias, porém que espera que essa ausência não se prolongue porque ele escreveu-lhe, falando-lhe de sua breve volta, e que rodeada dos queridos filhinhos aguarda o feliz momento de abraçá-lo, é surpreendida uma noite tempestuosa, por um forte bater à porta.

Ergue-se apressada tendo o coração vacilante entre o temor e a esperança.

– Será ele?

Mas, horrível surpresa; é um enviado que vem preveni-la de que por um lamentável engano, aquele a quem ansiosa espera, acaba de cair vítima de um punhal assassino!

E é ainda *uma notícia* que traz o luto e o desespero àquele lar onde a felicidade sorria ainda há pouco.

Tornar-se-ia eterno se procurássemos descrever todas as cenas desoladoras que *uma notícia* pode causar.

Muitas vezes são centenas, milhares de criaturas a sofrer pela mesma nova, como acontece em tempos de guerra; a notícia de que um combate, um assalto, traz a dor e a amargura intraduzíveis.

Em compensação, porém, temos a *boa notícia*; a que derrama a alegria, faz nascer a esperança, enche o coração de júbilo, coroa a existência de flores.

A chegada de um telegrama que nos diz: *Está salvo, passou o perigo*.

Ou uma carta rósea e perfumada: *Finalmente tudo está vencido, parto e creio que jamais nos separaremos*.

E muitas, muitas outras.

O que é bem certo é que de *uma notícia* pode depender o nosso futuro.

A mulher

A mulher tem sido, é, e será sempre o assunto predileto do homem.

Quer endeusando-a, quer emprestando-lhe defeitos que está ela longe de possuir, muitas são as penas que diariamente aparecem para descrevê-la, tratarem de sua primeira missão – a do lar, e darem justo ou errôneo parecer sobre as habilitações e empresas concernentes ao seu sexo.

Opina grande parte dos homens, e especialmente aqueles cujo espírito não tem o necessário desenvolvimento, pela decantada trilogia *filha, esposa e mãe*.

Não podem, não querem concordar em que, esse ente apelidado fraco, possa desempenhar no vasto cenário do mundo um papel igual e até muitas vezes superior ao deles.

Disse a autora do *Tratado da emancipação da mulher e direito de votar*: “É uma arrogância do homem pensar que a cabeça feminina não pode rivalizar com a dele”.

E incontestavelmente assim é.

A história de todos os tempos mostra-nos um sem número de exemplos da capacidade intelectual da mulher; exemplos que se repetiriam diariamente, se fossem outros os elementos de que dispõe a companheira inseparável do homem, cuja educação tem sido até hoje tão cruelmente descurada, e cuja liberdade de proceder na sociedade, tem encontrado sempre as mais rigorosas peias, especialmente, em nosso país.

Não nos parece no entanto que haja razão para isso, e folgamos em ver

que a nosso lado batalham grandes espíritos, que lutam em prol da educação e emancipação da mulher.

Como o homem, ela tem direito: como ele, ela pode pensar e agir.

Condorcet, Godwin e Bentham, etc., ilustres democratas europeus, reconheceram o direito da mulher.

Os mais alevantados talentos da Alemanha, França e Inglaterra, concordam na igualdade de inteligência entre os dois sexos.

Deixem-na, pois, dar livre curso às suas ideias: trabalhar e pensar por si.

Escreveu uma ilustrada pena: “Enquanto a mulher subsistir somente pelo trabalho do marido, sua condição será sempre triste, não representará na sociedade, e estará sempre exposta e maltratada especialmente pela classe dos homens pouco ilustrados”.

É necessário, pois, que ela, rompendo os ridículos preconceitos a que infelizmente por uma mal entendida submissão, teima em prestar culto, apareça tal qual é, inteligente, ativa, empreendedora, não esquecendo o santuário da família, mas tomando parte empenhada em todos os tentames proveitosos, onde pode salientar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão, pelo modo judicioso com que encara certas questões, onde os homens se lançam apaixonadamente e sem tempo por conseguinte de verem e estudarem o principal caminho a tomar.

Julgam-nas fracas, incapazes de regenerarem-se por si, e por esse motivo fazem-nas absolutamente dependentes do pai, do tutor, do esposo, de um homem enfim que lhes possa abrir os olhos, para que se não precipitem no abismo onde a sua proverbial ignorância e falta de prática as pode lançar! Engano.

A mulher não nasceu simplesmente para obedecer: a história nos mostra que muitas delas têm dado irrecusáveis provas de sua capacidade para governar.

Catarina, da Rússia, Maria Tereza, da Hungria, Cristina, da Suécia, Joana d'Albret, mãe de Henrique IV, Elizabete, da Inglaterra, e mais Blanche, mãe de Luiz IX, da França, Isabel de Castela, etc., deram excelentes testemunhos do quanto pode a inteligência, o critério, a força de vontade, a tática da mulher!

Recorrendo ainda à história, ela nos diz que, a célebre oradora Susana Drassowich, no mais crítico período da Hungria, no reinado de Fernando e Isabel, em Salamanca e Alcalá, conseguiu, penetrando na Assembleia, salvar o

país com os seus sábios conselhos, com a sua palavra fluente e arrebatadora, e com as luminosas orações em latim, com que enchia os jornais diariamente.

Não há muito, uma folha fluminense cujo nome não nos acode na ocasião, falou dos nenhuns testemunhos apresentados até hoje, da capacidade da mulher nas letras, nas artes e nas ciências!

Causa pasmo que uma ilustrada pena, deixe cair de seus bicos tão saliente contrassenso!

Acaso a senhora Hiesha, filha de Mahomed-ben-Laduim não foi tida pelo maior gênio do século X?

O primeiro jornal diário conhecido, não teve como redatora Isabel Mallet?

E Margarida Crapper, após o falecimento de seu esposo e redator da folha *Massachusetts Gazette and Newsletter*, não tomou o seu lugar, mantendo o jornal corajosamente, tanto que foi ele o único a não suspender a publicação quando Boston esteve em sítio?

Quem em 1773, à frente do *Diário Colonial*, nos Estados Unidos, defendeu heroicamente a liberdade pátria?

Não foi Clementina Reid?

Como pois, negar à mulher influência nos grandes cometimentos universais?!

Os homens, especialmente aqueles cujo espírito é um foco de ilustração, devem antes animar a mulher a que estude, eduque-se, ilustre-se, para que possa ocupar na sociedade o lugar que lhe compete, do que estar procurando desprestigiá-la, rindo dessa ignorância cruel no século de Victor Hugo, no século das luzes!!

É certo que a mulher brasileira, quase que no geral pertence ao número daquelas que nos fala *Ignotus*, o ilustrado jornalista fluminense: Desconhece Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Rodolfo Bernardelli, e outras tantas glórias de seu florescentes países.

Porém, a quem cabe maior soma de responsabilidade dessa fatal cegueira, dessa calamitosa treva em que ela vive tateando?

Incontestavelmente ao homem.

A ele compete o mostrar-lhe a luz, porque para isso não será necessária nenhuma luta titânica, pois, a mulher, repetimos, é inteligente, e, convenientemente educada poderá, dizemo-lo afoitamente, estar sempre a par do homem no grande convívio social.

Joaquim Nabuco, essa cabeça gigante, esse talento adorável, escreveu: *A posição da mulher na vida moderna tende a rivalizar com a do homem; a indústria não conhece sexos; inteligência, aptidão, honestidade, são grandes qualidades de operário que a mulher possui em elevado grau.*

E a inolvidável pena do poeta das *Revelações* traçou em caracteres de ouro esta grande verdade:

Procurar instruir os homens, e deixar na ignorância as mulheres, é um erro e um crime.

PALENTES

À saudosa memória de minhas gentilíssimas sobrinhas

O tuberculoso

Ela acabava de entrar na vida; sim, porque só se entra na existência quando o coração começa a sentir.

E o coração com todas os arrebatamentos da mocidade, abria-se delirantemente ao amor de Normélio; de Normélio, pobre rapaz a quem a implacável tuberculose conduzia a passos agigantados ao caminho do túmulo!

Ele tinha vinte e dois anos, era um belo tipo moreno, de fronte altiva e olhar penetrante, de voz suavemente simpática e mãos gentilmente aristocráticas.

Mas, a fatalidade fadara-o no berço; dera-lhe o beijo fatídico que dá aos seus predestinados, e o infeliz em plena mocidade, com o coração a transbordar de sonhos e a fronte incendiada por um mundo de grandiosas aspirações, sentia-se morrer.

Júlia era uma criança sonhadora, idealista.

Quantas vezes os dois ao cair das tardes estivais, passeando pelo jardim da vivenda do infeliz enfermo, falavam do presente e do futuro.

Do presente, agridoce quadra onde os sorrisos eram interrompidos pelos suspiros arrancados após os cruéis acessos de tosse de Normélio; do futuro, quem sabe? talvez triste, talvez prenhe de gozos.

E a esperança, essa feiticeira borboleta que foge e vem de novo afagar-nos, não abandonava jamais os castelos dos dois utopistas.

A mãe de Normélio seguia-os de perto, quase sempre com os olhos marejados de lágrimas.

Pobre senhora!

Entre todas as enfermidades, a que está condenado o gênero humano, nenhuma por certo encerra em suas histórias mais lutulentas páginas, que essa cruelíssima tuberculose, que lentamente consome as mais robustas organizações, e zomba da mocidade, preferindo-a até para sua vítima.

Ela faz antever hoje ao mísero doente um vislumbre de esperança, para desapiedadamente roubá-lo amanhã.

Diz-lhe agora: – espera; e logo depois: – a tua sentença está lavrada.

E conduz os desventurados à beira do túmulo, sempre falando-lhes do futuro.

Parece que ninguém aspira tanto viver como o tuberculoso.

Ele procurando enganar os que o cercam, chega a enganar-se a si próprio.

Inditasas criaturas!

A primavera passou com o seu cortejo de flores e perfumes e veio o estio; o estio, a estação que se diz da felicidade!

Normélio melhorou; e embora a tosse continuasse impertinente a cortar sempre em meio os mais ridentes projetos do talentoso moço, havia em si o quer que fosse que se assemelhava ao voltar da vida, e que rudemente enganou Júlia.

Foram quase que felizes durante três meses; mas, uma tarde aperceberam-se que era chegado o outono.

Oh! o outono, a ave agourenta que Normélio tanto temia.

As árvores despiram-se de folhas, as mais delicadas flores do jardim desfaleceram e as andorinhas partiram em busca de novos ares.

Tudo era triste, tudo pressagiava aos dois amantes a tormenta que se aproximava.

E a tosse, e a febre, e o cruel cansaço aumentavam de dia a dia no desolado doente; e a mocidade tentava lutar; tentava, porém em vão.

Uma noite em que o luar palente e merencório entrando pela vidraça da alcova de Normélio, vinha beijar a estante onde os seus livros prediletos dormiam quase esquecidos; e em que o frio, o frio intenso que parece até enregelar crenças e esperanças, fazia tiritar os mais fortes, os mais robustos, o moço sentiu que ia partir.

Junto dele velavam os seus mais ternos afetos, porém a morte é gélida, marmórea, não tem coração, não há quadro que a comova.

Pela madrugada, uma madrugada fria e nevoenta, Normélio expirou.

Belo, inteligente, bom, cheio de aspirações alou-se aos mundos desconhecidos!

Houve naquele pequeno santuário um quadro desolador; a pena não pode descrevê-lo!

Imaginem-no os que já passaram por tão dolorosos transe, e felizes os que não podem imaginá-lo!

Júlia ainda vive, porque nem sempre morre o corpo quando o coração sucumbe.

Mas... que existência meu Deus!

Doce crença

Há anos, por uma noite fria e tempestuosa, seguia eu em carro fechado, com algumas pessoas da família, por uma estrada cujo nome não importa saber, porém que vai dar a uma povoação muito conhecida.

O motivo da viagem era triste; tratava-se de visitar um enfermo querido, em perigo de vida.

Soprava um vento glacial, e de quando em quando um chuveiro impertinente molhava as vidraças do carro.

Triste, impressionada com a ideia de que, talvez o caro enfermo sucumbisse antes de nossa chegada, sentia-me propensa à meditação.

Pensei em Deus, e creio mesmo que orei.

De repente, no meio da profunda escuridão da noite, quebrada até então pela luz das lanternas que levávamos, distingi ao longe, pequenos e incertos clarões.

Inquiri dos meus companheiros de viagem: – Que significam aquelas luzes?

Nenhum me soube responder.

Senti curiosidade. A carruagem avançava e vi com satisfação que passaríamos perto.

Neste momento, cedendo a um forte abalo motivado pela descida de um barranco, uma mulher de cor, já avançada em anos, e que nos acompanhava,

acordou sobressaltada.

Instintivamente olhou para fora. Sabe que luzes são aquelas? Perguntei-lhe.

Quem não sabe a história da pobre Margarida, respondeu-me ela.

Olhe, repare, ela lá está; e dizendo isto ajoelhou piedosamente.

Um instante depois passávamos junto de uma pequena elevação, feita não sei se pela natureza se pela mão do homem, com o fim de fazer dela um altar.

Ajoelhada aí, uma mulher parecia entregue à profunda e doce oração.

No improvisado altar, ardiam três pequenas velas.

Tocou-me a poesia daquela cena impressionadora.

Quis saber a história de Margarida.

– É muito simples, disse-me a velha, ela cumpre uma promessa.

Há três anos, que, em dias determinados, vem ela todos os meses acender as três velas prometidas às almas, e agradecer-lhes contrita a vida do filhinho amado. Não há tempo por pior que seja, que a demova de sua peregrinação. Caminha para cumprir a sua promessa perto de um quarto de légua, e quase sempre vem só!

– E não teme os malfeitores, em um lugar deserto como este?

– Não, a sua fé, a sua crença dão-lhe coragem.

Foi por estas alturas que seu pequenino, caindo do cavalo em que viajava ao lado dos pais, ficou como morto.

Sem socorros daqui à povoação, ninguém diria que o menino resistisse. Ela no auge do desespero prometeu então às almas, fazer em seu louvor o sacrifício que acabamos de ver.

A criança salvou-se e Margarida cumpre religiosamente a sua promessa.

Como prometeu fazer o trajeto a pé, não traz consigo o pequeno a quem não quer fatigar.

Enquanto viveu o marido, ele acompanhava-a piedoso; hoje, porém, que ele dorme o derradeiro sono, Margarida vem só, depor a sua homenagem tão pequena no valor intrínseco, quão valiosa pelo sacrifício feito.

– E ali permanecesse a noite inteira? Retorqui.

– Só se retira pela manhã, e o que admira a muitos, é que o vento, e até a chuva não apagam as suas velas!

A mulher calou-se, e eu voltando ao meu recolhimento, pensei naquele estranho quadro, e murmurei: Feliz crença. Felizes, muito felizes os crentes!

Sombras

Entrou na existência por uma noite tempestuosa; o céu tinha borrascas, e o coração da desventurada mãe quem sabe se as teriam também!

No peregrinar da vida deparou sempre com abrolhos; só cardos, nunca macia relva; por toda a parte sombras!

Faltou-lhe a luz do olhar; mais tarde a da razão.

Nunca soube o que era ser feliz; nunca pode aquilatar o inexplicável valor dessa rósea palavra!

Ser feliz! O que seria ser feliz?

Se sonhava uma flor, deparava com um espinho; se desejava um sorriso tinha uma lágrima; se almejava um beijo tinha o escárnio!

Desditosa mulher.

Cedo o tédio pela existência veio procurá-la. Almejou morrer; mas a morte não veio.

Parece que a fatalidade comprazia-se em feri-la, em vê-la sofrer.

Às vezes julgava até nos seus mais dolorosos momentos, ouvir satânica risada junto de si. . .

No entanto, que mal fizera ela a Deus para ser tão desapiedadamente alvo dos motejos do destino!?

Nenhum por certo; se viera ao mundo por efeito de um crime, que a culpa lhe cabia por isso?

Fora filha amante, mulher caridosa, amiga dos pobres, dos infelizes como ela.

Nunca blasfemara; se a desgraça vinha ao seu encontro, encontrava-a sempre resignada a recebê-la sem amaldiçoar aquele que a mandara.

Se fazia um benefício e recebia ingratidão em troca, curvava a fronte e não soltava uma queixa sequer.

Era o símbolo do infortúnio.

Um dia acordou como que sentindo em si uma nova vida. Um *quê* intraduzível.

– Irei ser feliz?

Irei entrar nesse paraíso denominado – felicidade?

– Há em torno a mim como que um ambiente doce, santo, suave e casto, que me afaga.

– Oh! deve ser assim a existência dos venturosos. . .

E nesse dia foi feliz!

A morte veio de manso, de manso, e tomando-a em seus robustos braços levou-a à sua santa morada.

Pela primeira vez rasgaram-se as trevas que a cercavam desde o instante em que vira a luz da existência, e um esplêndido raio de luz veio beijar-lhe a fronte cismarenta.

Era a luz da eternidade!

Fragmento de um livro inédito – A confissão

A alcova era modesta, pequena, mas encantadora.

Por entre os rendados lençóis do perfumoso leito, surgia o busto marmóreo da enferma.

Tinha no olhar a expressão de um longo sofrimento; na fronte o cunho de uma nunca mentida altivez. Conservava-a erguida; era larga e cortada por expressivos sulcos.

A alcova estava silenciosa e ELA parecia esperar alguém.

Via-se que buscava aparentar tranquilidade, abafando de quando em quando algum indiscreto suspiro que mau grado seu desprendia-se-lhe do seio.

De repente soou no corredor um passo leve e apressado a uma mão de homem, porém de homem aristocrata, empurrou a porta de mansinho.

– Pode entrar; murmurou baixinho a doente.

Ele entrou, pálido, cauteloso, tendo a mágoa e a surpresa estampadas no semblante.

Era um vulto muito simpático, muito distinto, muito atraente.

Aproximou-se do leito e estendendo a mão à moça disse, procurando sorrir:

– Aqui me tem, não me fiz esperar; fale e queira o céu que, como diz, essa confissão lhe possa dar algum alívio.

Ela indicou-lhe com o olhar uma cadeira, que ele arrastou pra junto da cama, sentando-se.

Depois de uma pequena pausa a doente começou assim:

– Eu já fui feliz, amei e fui amada. Todos os meus sonhos, todos os meus anelos, todos os meus caprichos, eram satisfeitos pelo senhor do meu coração.

A ventura sorria-me. O céu tinha sempre para mim nuvens rosadas, a lua falava-me sempre de um amor retribuído.

Parece-me mesmo que não me sobrava tempo para pensar nas mágoas futuras, nos espinhos das rosas que então sôfrega colhia.

Despertava sorrindo e adormecia cantando; a minha existência era como a descreveu o poeta; um despenhar de pétalas perfumosas sobre uma alfombravirente.

Mas um dia! Um dia de eterna recordação, uma nuvem tenebrosa surgiu inesperadamente no límpido firmamento de minha vida; e crescendo, crescendo, em breve conseguira eclipsá-lo de todo! Como que uma avalanche enorme despenhara-se sobre esse longo estendal de rosas.

A destruição foi completa! Nada ficou; nada, nem mesmo a esperança!

Depois... depois, durante muito tempo nem sei se vivi. Quando se passou indiferente pelo mundo, poder-se-á acaso dizer que se viveu?

Pois eu fui assim.

Não via as belezas da terra nem sofria com os seus tormentos.

Tornara-me de gelo, continuou ela, e por certo perduraria nesse estado, se um dia não fosse despertada subitamente por uma voz doce, simpática, cheia de sedução e de atrativos.

Meu coração semimorto começou a pulsar; meus lábios de novo sorriram, meu olhar amortecido reviveu, minha lira enflorou-se, e... eu amei.

Encontrara o meu tão sonhado ideal; e esse ideal, e esse tipo romanesco, e esse elo que de novo me prendia à terra, sabes tu quem era, adivinhaste-lo? Eras tu.

Eu! Murmurou o rapaz pondo-se de pé como que assombrado.

– Eu!

– Sim, eras tu. Dei-te todos os meus sonhos, todas as minhas esperanças, todas as minhas aspirações! Mas, tu passaste frio, indiferente; dir-se-ia que eu sagrava os meus cultos a uma estátua de bronze.

Se soubesses quanto sofri!

Nas festas, nos teatros, nos passeios, por toda a parte enfim, o meu pensamento seguia-te. Sorria se eras feliz, chorava quando sofrias.

Que sombrias noites e que lutulentos dias fizeste-me passar.

– Mas... será crível que eu nunca desconfiasse desses extremos, repetia o mancebo, tendo entre as suas as mãos trêmulas da moça.

– É certo sim. Eu mesma fiz-me essa interrogação infinitas vezes...

Uma flor, um livro, uma carta, uns versos, tudo, tudo enfim quanto me vinha de ti, tomava para mim as proporções de um talismã, de um objeto de valor inestimável.

O simples contato de tuas mãos fazia-me estremecer.

Oh! quanto te amei!

E agora, agora que pouco me resta de vida; agora que todos os meus sonhos de futuro estão findos, agora que nada mais aspiro, que nada espero, quis dizer-te um derradeiro adeus, porém um adeus terno, mais doce, mais afetuoso do que quantos temos até então trocado.

Calou-se por alguns momentos.

O mancebo ajoelhou. Seu corpo tremia nervosamente, nos seus olhos brilhavam lágrimas.

– Perdoa-me se te fiz sofrer.

– Oh! eu nunca te maldisse. Acaso somos nós senhores de nosso coração?

– Não o somos certo, porém, neste momento parece que o quer que seja de novo faz-me pensar em uma mulher.

A moça sorriu.

É a gratidão, a gratidão somente: podes crê-lo. Demais...

– Não, não sinto que te amo, sinto que te adoro. Oh! quanto fui cego meu Deus!

– É tarde, murmurou a doente deixando resvalar a cabeça no travesseiro e apertando ainda uma vez as mãos do mancebo. É tarde. Adeus!

Um dia memorável

Iam em bando alegre as raparigas e os rapazes da aldeia, em festiva romaria.

O dia estava esplêndido; dir-se-ia que a natureza partilhava do júbilo daquela gente tão simples, como boa, tão modesta nas aspirações quanto generosa no íntimo.

As canções alegres misturavam-se ao som ruidoso das risadas francas daquela mocidade ditosa, que parecia despreocupado do dia de amanhã.

Corria o mês de março.

O firmamento ostentava-se límpido e sereno.

Na ramaria das árvores que bordavam os caminhos, cantava a inquieta passarada.

As borboletas multicores voavam gentis e céleres, pousando de quando em quando na grama florida.

Tudo era belo naquele dia que se tornou memorável para os habitantes da aldeia, que festejavam então a sua santa predileta.

Ente as raparigas distinguia-se pela beleza e pela travessura, a Rosinha, filha única de uma viúva tão boa, tão boa, que os vizinhos não trepidavam em chamá-la – santa.

Rosinha tinha quatorze anos; estatura alta, elegante, tez branca e rosada.

Era mesmo uma ROSA a desabrochar.

Lá quase no fim da estrada havia um precipício; uma cova muito funda, um horror, santo Deus!

Cair nela era morrer irremediavelmente.

Os romeiros, porém, não ignoravam a existência do abismo, junto do qual passavam todos os anos naquele dia, muito vagarosos, muito cheios de cautela.

Só Rosinha, que ia à festa pela primeira vez, desconhecia-o.

Entregue aos folgedos, absorta às vezes pela contemplação desta ou daquela beleza do caminho, a folgazã caravana não deu por falta de Rosinha, que imaginara causar-lhes um susto sumindo-se repentinamente da comitiva, e fazendo com que a procurassem por algum tempo.

Toda enlevada na sua ideia, a gentil criança, logo que conseguiu furtar-se às vistas dos seus companheiros, começou a correr, a correr com todo o entusiasmo de quem espera sair-se bem de uma lembrança que lhe parece muito acertada.

Mas Rosinha corria, corria e voltava de tempos a tempos a cabeça para trás a ver se era seguida, se já a haviam descoberto.

De repente, porém, mesmo ao chegar ao fim de um atalho, e no momento em que talvez pela vigésima vez voltava a cabeça, sentiu faltar-lhe o solo de-

baixo dos pés, e caiu! Caiu soltando um grito estridente, horrível, que repercutiu por longo tempo.

A inditosa precipitara-se no bátrato profundo!

Momentos depois, chegavam azafamados rapazes e raparigas, atraídos pelo grito, que ainda hoje muitos dizem que lhes soa aos ouvidos lugubremente!

Pararam à borda do abismo.

O sol rubro, vívido, suspenso sobre suas cabeças, alumia o quadro e deixava ver um vulto no fundo do fúnebre asilo.

Os mais afoitos debruçaram-se e olharam... nesse momento uma voz cheia de aflição fez-se ouvir: – Onde está Rosinha?

Onde está Rosinha?

E como se fosse o eco daquela exclamação desesperadora, todos repetiram; onde está Rosinha?

Rosa não acudiu ao chamado, ela dormia o sono eterno, naquele túmulo que a fatalidade lhe preparara.

Quando todo o horror da situação foi conhecido, tratou-se incontinentemente dos meios de trazer o corpo da morta para cima.

A dor, o desespero, as lágrimas, os soluços, haviam sucedido aos cantos e às risadas argentinas.

Era quase noite quando após inauditos esforços, conseguiram erguer até o solo o cadáver da cândida menina.

As raparigas acercaram-se todas, e depois de beijarem o desfigurado rosto da infeliz companheira, puseram-se em marcha para casa, seguindo o improvisado féretro que os rapazes carregavam aos ombros.

Doloroso contraste da peregrinação encetada pela manhã!

*

No dia seguinte, os mesmos companheiros da véspera conduziram Rosinha à sua derradeira morada.

Não há palavras que possam traduzir a dor da desventurada mãe.

Dizem que ao despedir-se da filha, tinha mais palidez que a morta, e muitos supunham pela expressão do olhar que havia enlouquecido.

Assim porém não acontecera; Deus lhe conservou a razão para que ela pudesse – como o faz – ir diariamente levar flores e prantos ao túmulo do seu anjo tutelar, da sua infeliz Rosinha.

O abismo

A Carlos Ferreira

Vamos leitor, se a flama do talento
Beija-te a fronte, vem seguir-me agora
Vamos aos Pirineus, quadro opulento
Ante nós se desdobra nesta hora.

Só quem sente no seio a chama ardente
Da aspiração, do amor, do sonho infindo,
Pode compreender bem fielmente
O encanto de um painel assim tão lindo!

Ei-nos lá, vês? Montanhas e torrentes
Aqui, ali, além, por toda a parte...
Montes sem fim, cascatas e vertentes,
Tudo mais belo do que os quadros de arte.

E os cedros, e os pinheiros gigantescos
A velarem impávidos, possantes;
E do sol os doirados arabescos
Nas comas dos arbustos verdejantes!

E as negras rochas, e os abismos fundos
Onde a vista se perde espavorida
E o pensamento voa a uns outros mundos,
E vai, e pensa numa eterna vida!

Foi aqui, ouve, atende, eu sinto ainda
Calafrios sem fim lembrando a história!
Mas... que amor, que paixão tamanha, infinda
Doutra igual não existe na memória!!

Eram três os “touristes” descuidados;
Um casal e um amigo que os seguira,
Três corações para muito amor fadados,
Que o destino em má hora reunira.

“Ela”, uma flor, um sonho cor de rosa,
Uma estrela, um poema, uma esperança,
Uma aurora, uma nuvem vaporosa,
Um favônio por tardes de bonança.

“Ele”, o marido, inválido, sem braços,
Grave, austero, de um século quase em meio,
Só tinha a consolá-lo os doces laços
Desse amor que lhe queimava inda o seio.

Era um afeto ardente; nessa idade
Dizem que ele progride hora por hora!
O coração tem sempre mocidade.
Só envelhece a casa em que ele mora.

O amigo, soldado impetuoso
Esbelto capitão, moço e poeta,
Era um tipo ideal, tipo formoso;
Se houvesse perfeição, tocara a meta.

Iam seguindo os três, ... estados
Ante o quadro imponente da natura,
Ora falando, e às vezes afastados
Talvez mesmo sonhando uma aventura.

Dispersaram-se ao fim; mas... de repente
Ao dobrar de um atalho, o amante esposo
Deu um grito cruel, grito estridente
Que ecoou como um dobre doloroso!

Ali, viram seus olhos espantados,
De um precipício à beira os dois perjuros
O amigo e a esposa, unidos, abraçados,
Ideando talvez róseos futuros!

Horror!... Mas oh! num ímpeto medonho
“Ela” surpresa, pálida, trememente,

Olhando, mas sem ver, julgando um sonho,
Vacilou... e caiu no abismo rente!

O marido avançou, quase em delírio
Chegou à borda do sepulcro horrendo,
E viu envolto em nuvens de martírio
Um espetáculo lúgubre, tremendo!

O corpo, aquele corpo esbelto e lindo
Rolando numa célere corrida,
Como em castigo enorme, imenso, infindo,
Aqui e ali se partia inda em vida!!

E descendo, descendo ensanguentado,
Massa por fim sem formas, decepada
Também rolou do corpo esfacelado
A cabeça gentil, cabeça amada!

Parou por fim, tocara o fundo escuro.
O mísero inda olhava espavorido!
Não gritou, mas do peito seu tão puro
Desprende-se um soluço dolorido.

II

Raiara o dia; um dia esplendoroso!
Céu azul, sol brilhante, brisa olente,
Como dizendo ao homem: – se ditosa,
É preciso gozar, viver, ser crente.

O desgraçado mártir, semilouco
Disse ao guerreiro pálido e agitado;
– “Capitão, ouça, a vida vale pouco,
Devo matá-lo, a honra é um bem amado.”

O moço não tremeu: – “sim, reconheço.
– Pois bem, já que impossível é bater-me,

Se a forma lhe merece algum apreço
Qual a morte que quer, queira dizer-me.”

– [ilegível]
O velho então, que a sina invalidara,
Mas que o costume dera um certo jeito.
Pedi as armas; foi-lhe a sorte ávara.

Entre os joelhos colocou, primeiro
A pistola, e mais tarde a carabina.
Mas o destino sempre zombeteiro
Deu aos tiros outro alvo na colina.

Então cego, ansioso, angustiado.
– Nem vingar-me, meu Deus! pois será crível?
– Não desespere, disse-lhe o soldado,
“Vai ver, não é qual julga, isso impossível.”

“Ante os seus olhos vou matar-me agora,
Suspenda, replicou-lhe o desvairado,
– Vamos caminhe, é tempo, sem demora
É mister que se cumpra o negro fado.”

Partiram. Cedros, montes e pinheiros
Eram guias mostrando a mesma senda;
Tudo como na véspera, e os viajeros
Seguindo quais espectros da legenda.

De quando em quando, o velho perscrutava
Os caminhos, buscando um ponto certo;
– Rochas negras, torrentes, e pensava
É por aqui, não tarda, estamos perto.

O capitão tremia; adivinhara
A lúgubre vingança do marido;
No entanto uma só vez lhe não passara
A ideia de fugir como um bandido.

Eram chegados; pela areia havia
O sinal dos pezinhos de criança
Da formosa visão que ontem sorria,
Da “touriste” e célica lembrança.

Pararam: – Fique aqui, falou o esposo
Mostrando ao moço a borda escancarada
Do precipício, invólucro horroroso
Do corpo escultural da esposa amada.

A vítima, que o susto eletrizava
Olhava o seu verdugo muda de fria;
– Vamos, que espera? E mais se aproximava
Do infeliz que em ânsias se estorcia.

– É preciso ajudá-lo? E de improviso
O seu olhar desceu zeloso e quente
Àquela fria tumba onde um friso
De claridade entrava tristemente.

Um pensamento rápido passou-lhe
E um tremor glacial feriu-o em cheio,
Lá bem no fundo, a branca luz mostrou-lhe
Um pedaço da amada de seu seio. . .

O amante caindo, era bem certo
Que ao cabo dessa tétrica jornada,
Parasse, e nesse fúnebre deserto
Repousasse com “ela”, a flor gelada!

Um ciúme cruel, louco, fremente,
Ciúme que devora e não se exprime,
Atravessou o coração candente
Do velho que ao seu fogo não se exime!

Então. . . como se um sonho almo e propício
Viesse bafejá-lo nesse instante,

Não, não, bradou! E lívido, anelante
O corpo seu rolou no precipício!...

Notas

A maior parte dos escritos de que se compõe este volume, é já conhecida do público que os leu em diferentes jornais, firmados com os pseudônimos de EGO, SIBILA, ATALA e FORASTEIRA.

O artigo “Duas faces”, inserto na segunda parte desse livro, suscitou uma animada polêmica que se prolongou por espaço de dois meses, entre a autora e os Srs. Cipriano Porto Alegre, distinto professor, e Tito Canarim, talentoso jovem a quem a morte impiedosa cortou os arrojados voos de águia, que um dia não mui remoto devia ser o orgulho de seu torrão natal.

A tradução de “O abismo”, formosa produção de Rameau e que serve de chave a este volume, não nos pertence, achamo-la na *Gazeta de Campinas*, onde a publicou um de seus brilhantes colaboradores.

Apreciando-a devidamente, tomamos a liberdade de pô-la em verso.

TEXTOS DE JULIETA MONTEIRO PUBLICADOS NO PERIÓDICO *CORIMBO*, NO ÚLTIMO LUSTRO DO SÉCULO XIX

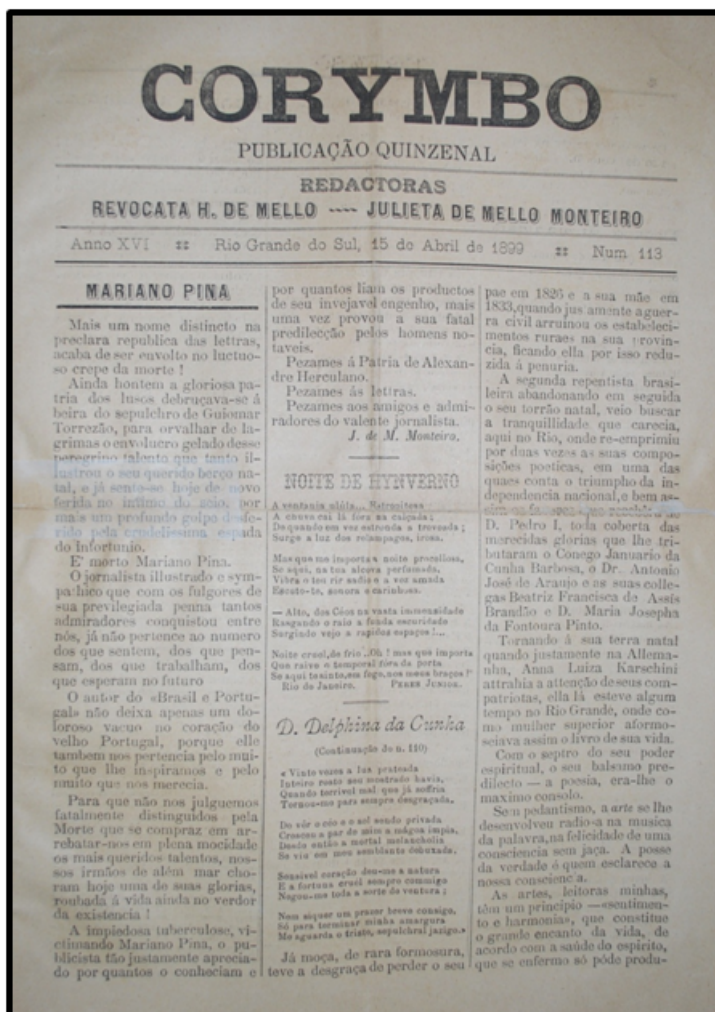
O *Corimbo* foi um dos mais importantes periódicos literários no contexto sul-rio-grandense brasileiro, mormente tendo em vista a sua longevidade de seis décadas, surpreendente em se tratando de um representante da pequena imprensa. Ele começou a ser publicado em outubro de 1883, no formato de uma revista mensal, ou seja, com capa, contracapa e as matérias distribuídas linearmente no variado número de páginas. Ao final dos anos 1880, assumiu uma feição mais próxima dos jornais convencionais, com edições apresentando cabeçalho e as matérias distribuídas em colunas de suas quatro páginas, que circulavam semanalmente. As edições passaram a ser quinzenais ao final dos anos 1890 e assim se manteve a partir de 1905, quando voltou a assumir o formato de revista. Da década de 1930 em diante, assumia a distribuição bimensal, mantendo o formato de revista até o final de sua circulação, no início de 1944.

Além da longa duração, o *Corimbo* teve uma atuação relevante porque abriu suas páginas para amplos debates e, dentre eles, um dos mais importantes e recorrentes foi sobre a questão feminina, assumindo desde a origem a luta pela ascensão social da mulher, notadamente por meio da educação. Foram colaboradores da redação escritoras e escritores de variados matizes ideológicos, desde publicistas com

conduta mais moderada até polemistas de ação engajada e panfletária. Também escreveram no periódico desde nomes pouco conhecidos a renomados intelectuais. Ao longo de sua existência, o *Corimbo* foi um dos mais importantes difusores da literatura, mas também da escrita feminina, formando-se verdadeiras redes de inter-relações entre redatores, colaboradores e leitores, cujos elos se espalharam não só no contexto regional, como também no nacional e até no internacional.

A criação do *Corimbo* esteve sob o comando de Revocata Heloísa de Melo, irmã de Julieta, passando a dedicar sua vida ao gerenciamento e redação da folha até o final da sua existência. Julieta Monteiro também exerceu importante papel no *Corimbo*, despontando como a principal colaboradora da publicação literária e feminina, e, a partir de 1898, figurava como corresponsável pela redação do jornal, ao lado de sua irmã, posição na qual permaneceu até a sua morte, em 1928. A partir dos anos 1930, quando o periódico voltou a circular, no frontispício aparecia a inscrição: “Fundadoras – Revoca Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro”.

Ao longo dessa longa participação de Julieta Monteiro nas páginas do *Corimbo*, fosse apenas como colaboradora, ou, mais tarde, como correitora, cobrindo um período de quase meio século, ela escreveu uma expressiva quantidade de textos, envolvendo as mais variadas temáticas e formas. O último lustro do século XIX – recorte cronológico do objeto de trabalho deste livro – corresponde a um excelente microcosmo que possibilita o conhecimento do universo da ação da escritora na publicação rio-grandina. Trata-se evidentemente de uma amostragem, tendo em vista que as coleções com os exemplares remanescentes do *Corimbo* não se apresentam completas, permanecendo a maior quantidade de números restantes conservados junto ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Há também alguns exemplares esparsos na Biblioteca Nacional, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e na Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



Dentre os exemplares remanescentes, no período entre 1896 e 1900, Julieta de Melo Monteiro fundamentalmente publicou crônicas e poesias nas páginas do *Corimbo*, abordando temáticas variadas. Os sentimentos foram temas abordados nos textos em versos intitulados “Ideal”, “O amor”, “Fragmento”, “Aquela noite” e “A um desconhecido”, além de um poema editado sem título. O assunto também foi o sentimen-

talismo nas crônicas “Os gêmeos”, “Miniatura”, “Carta sobre o amor – respondendo”, “Olhos belos”, “O violonista” e “Primavera”. A natureza esteve presente nas crônicas “Cisma” e “Aquarela”. A morte, um dos temas preferenciais da autora, é apresentada nos poemas “Ema” e “As minhas noites” e na crônica “A suicida”. Em várias ocasiões, Julieta realizou textos de natureza encomiástica, como ao enaltecer, bem de acordo com as suas filiações políticas, o líder federalista Gumerindo Saraiva, com uma crônica homônima de tal chefe e o poema “Dez de agosto”; homenageou também o cinquentenário da Biblioteca Rio-Grandense, com o texto “As bibliotecas”; exaltou ainda o quarto centenário da descoberta do Brasil, com o poema “Descobrimento do Brasil” e a crônica “Brasil e Portugal”. Também quanto a esses textos laudatórios, somados ao cunho necrológico, publicou homenagens póstumas ao músico Carlos Gomes, com crônica homônima; ao escritor Luiz Guimarães Júnior, com crônica do mesmo nome e o poema “Humilde preto”; e ao político francês Felix Faure e ao jornalista Mariano Pina, com respectivas crônicas homônimas. Houve ainda de teor encomiástico, o poema “Odemira e Ernestina (num álbum)”. No campo da crítica, Julieta Monteiro apresentou três apreciações sob o título “Biografia”. Quanto à religião, editou o poema “Ressurreição” e no que tange às reflexões pessoais, na forma de crônica de costumes, apresentou “A virtude”. Outro texto da lavra de Julieta reproduzia sua insatisfação com o autoritarismo e a repressão da ditadura castilhistas, denunciando o cerceamento à liberdade de expressão com o artigo “Mais uma vítima”.

#####

**PROSA E POESIA DA LAVRA DE JULIETA DE MELO MONTEIRO
NAS PÁGINAS DO *CORIMBO* (1896-1900)**

Ema (CORIMBO, Rio Grande, 5 abr. 1896, a. 13, n. 5, p. 2)

Branca, gentil, mimosa criatura,
Passaste pela vida num adejo que terminou na fria sepultura!

Tiveste a duração tão só de um beijo,
Ardente às vezes, sim, porém tão breve
Como da brisa o tépido bafejo.

Não tocaste sequer mesmo de leve
Na taça do prazer, tua existência
Num verso tão somente se descreve.

Foste arcanjo de amor e de inocência,
Sem conhecer as dores da saudade
Dela deixaste neste mundo a essência.

Dormes agora em triste soledade,
Mas és feliz no entanto ó flor de um dia.
Ditosos dos que fogem nessa idade
Ao fantasma cruento da agonia!

Cismas (CORIMBO, Rio Grande, 5 abr. 1896, a. 13, n. 5, p. 2-3)

A Otacílio de Oliveira

Branca, muito branca, envolta no seu palente e diáfano manto, a lua, a eterna peregrina, a merencória musa dos notívagos trovadores, segue morosamente o seu longo itinerário...

Na terra tudo silente, triste e suavemente belo. No mar a poesia da solidão, do mistério, do intraduzível.

Divina poesia a do mar! No firmamento milhões de vívidos astros a cintilarem faiscantes, sobre o aveludado tapete gázeo que o Senhor estendeu nas alturas.

Tudo grande, tudo sublime, tudo falando ao coração! Quem poderá pela calada de uma noite de estio, quando tudo que nos cerca parece repousar das fadigas do dia, estendendo a vista pelo grandioso painel da natureza, deixar de sentir-se poeta?! A natureza é a poesia de Deus.

Perfeita, correta, inimitável! Sim, quem comporá com mais arte, mais perfeição?

Vai a noite em meio. Meu pensamento semelhante às avezinhas que abandonam o lar em busca de alimento para a prole implume, atravessa a longa vastidão do espaço e vai em busca das queridas recordações do passado, para com elas alimentar o coração que à míngua de ilusões dia a dia vai desfalecendo!

E vai, e segue, e caminha perdendo-o na sombria noite da saudade, noites feitas de dor e gotas de ventura!

E vê então esse doirado berço onde embalaram-se os meus primeiros dias; depois a rósea meninice junto dos adorados pais e dos queridos irmãozinhos; mais tarde a mocidade com o seu gentil cortejo de crença, ilusões, esperanças e sonhos azulados, e o primeiro amor, esse poema misterioso que nunca desaparece de todo de nosso coração amante!

Passa após a segunda fase da existência; a quarta deslizada ao lado do escolhido de minha alma; daquele que repartiu comigo as suas dores, os seus sorrisos, que soube compreender-me, que tapizou de olentes flores esse período de minha vida, que a fatalidade tão cedo cobriu de eterno véu lutuoso. E, paira ao fim no presente, sombrio, merencório, envolto em dúvidas e saudades, mas ainda assim amenizado pela suavíssima ventura do amor de meus irmãos. . .

Languidamente a noite desmaia em cetinosos coxins anilados; a vaga geme docemente na praia, e a poetisa da noite segue vagarosa o seu longo peregrinar.

SIBILA

Os gêmeos (CORIMBO, Rio Grande, 19 abr. 1896, a. 13, n. 7, p. 1-2)

Ele chamava-se “Coração”, ela chamava-se “Esperança”.

Ele era tristonho, soturno, meditativo; ela era alegre, risonha, jovial.

Abraçados, unidos, satisfeitos percorriam o jardim, colhiam flores com que ela se enfeitava, e vagavam depois de horas esquecidas, à beira mar, para escutar o marulhar das ondas e o canto merencório dos pescadores.

Nas noites de lua, ele, esquecido de tudo quanto o cercava, até da querida e inseparável irmã, entregava-se às suas doridas cismas e suspirava. Suspirava pelo desconhecido.

Ela vinha então disfarçando o seu enfado por vê-lo assim, lhe afagar os sedosos cabelos e beijá-lo na fronte empalidecida.

Coração despertava então do profundo letargo em que se mergulhara, e lá se iam os dois unidos, abraçados adormecerem à feiticeira sombra dos jasmineiros floridos.

Um dia... o Amor chegou.

“O Amor” era um rapazito de olhos negros, buliçosos, que há tempos dava a perseguir o pobre Coração.

A Esperança amou-se porque o irmão quis imediatamente abrir-lhe as portas do seu domicílio; mas o irmão não quis atendê-la, e o Amor entrou naquele lar até então venturoso, e começou a exercer ali o seu grandioso império.

Em breve morrera a tranquilidade daquela feliz vivenda. E o Amor ria, ria perdidamente, vendo o Coração sofrer e a Esperança definhar a olhos vistos.

Uma noite em que o Coração saíra sem a irmã, a passear com o malévolo Amor, ela, a pobrezinha, sentiu-se desfalecer, perdeu pouco a pouco as forças e, por fim, sucumbiu.

Desde essa noite o desventurado irmão soluça sem cessar!

Todos o lamentam, todos buscam consolá-lo, porém o infeliz não tem conforto. E... quanto mais ele sofre, mais espinhos lhe crava o cruel Amor, que dia a dia apodera-se das poucas forças que restam do seu desolado companheiro, a quem quanto mais subjuga, mais gotas de fel chega-lhe aos lábios, com um prazer satânico!

Oh! maldito seja esse tirano que é o Amor!

ATALA

Ideal (CORIMBO, Rio Grande, 26 abr. 1896, a. 13, n. 8, p. 1)

Quando os olhos abri de novo à luz da vida,
Após esse fatal e negro pesadelo
Que em minha enferma fronte há estampado o selo
Da mágoa mais cruel, mais funda e dolorida;

Foi à luz desse olhar, visão santa e querida,
No teu meio carinho e íntimo desvelo,
Que eu senti dia a dia ir fenecendo o gelo
E voltando o calor a esta alma já descrida.

Bem como o viajor cansado da jornada
Para para respirar a brisa impregnada
De um aroma sútil, balsâmico, divino,

Parei nevada flor, sorvendo alento, esperança
Na peregrina voz transunto de bonança,
Que me soa gentil qual dulçoroso hino.

O amor (CORIMBO, Rio Grande, 12 jul. 1896, a. 13, n. 19, p. 1)

Dizem que o Amor, das almas mais pequenas
Faz grandes almas, faz heróis gigantes,
Dos humildes cordeiros, faz hienas,
Dos tigres, dos leões, pombos amantes.

Aos cegos, que caminham Tateando
Pelas longas veredas da existência,
Aclara a estrada, e segue iluminando,
Rubro facho a expandir fosforescência.

Aos sábios, aos que pensam, aos que estudam,
Transforma, torna insanos, faz crianças,
Ao seu poder, da Glória os sonhos mudam
Em loucas, em falazes esperanças.

Dizem que o Amor... Mas ah! quão longo fora
Falar do seu poder, seu vasto império!
Triste, infeliz da alma sonhadora
Que se deixa prender no azul mistério!

ATALA

Sem título (CORIMBO, Rio Grande, 2 ago. 1896, a. 13, n. 22, p. 1)

Sonhei, todo o passado, esse poema
Que tantas vezes eu reli sorrindo,
Suas laudas gentis de novo abrindo
Vinha minha alma mergulhar em luz.

Nenhum dos goivos, das saudades fundas
Que hoje me cercam glaciais, sombrias,
Vinha empanar as róseas alegrias
Que morreram nos braços de uma cruz.

De novo o rubro sol da felicidade
No firmamento azul da minha vida
Coloria a roseira empalidecida
Que o beijo da descrença desbotou;

E o roseiral enchia-se de flores,
Aí da flores benditas da esperança,
Como se a sorte fosse só bonança
E morto o negro fado que a tocou.

Sonhei que o teu olhar que eu tanto amava,
Que tanta, tanta vez me encheu de afagos,
Vinha aquecer-me com seus brilhos magos,
Vinha falar-me, mudo embora, sim.

E sonhei, e sonhei tanta ventura
Que ao recordá-la agora inda estremeço;

Oh livro do passado! Se eu padeço
Porque te vens abrir em frente a mim?

ATALA

Miniatura (CORIMBO, Rio Grande, 2 ago. 1896, a. 13, n. 22, p. 2)

Debruçada ao peitoril da modesta janelinha do seu gentil gabinete, Célia, a pálida cismadora fitava com olhar distraído o bando de pombas travessas que em revoada circundava o arroio vizinho.

E o seu pensamento, qual o bando de aves inquietas ia e vinha do passado para o presente e do presente para o futuro.

Ontem fora feliz, hoje sofria, e amanhã, amanhã só Deus sabia o que lhe estava reservado.

E a tarde descia, descia lentamente.

A mantilha da noite estava prestes a estender-se sobre a terra; o sino começou a badalar “Ave-Marias”.

Célia continuava a olhar, porém não via. Fizera-se noite na sua alma.

Quando acordou do sono ideal, não viu mais o bando feiticeiro. Fugira para o ninho com o aproximar da noite.

A cismadora quis então recolher também o seu cansado pensamento; mas ah! ele estava longe, muito longe, adejando em torno do lar querido do seu primeiro afeto, que morrer por uma noite plena de fulgores, abraçado na febre do ciúme ao som de uma valsa vertiginosa!

FORASTEIRA

Gumercindo Saraiva (CORIMBO, Rio Grande, 9 ago. 1896, a. 13, n. 23, p. 1)

[O periódico divulgava as homenagens prestadas pelos “amigos e apreciadores do grande e pranteado soldado da liberdade”, com “missa em comemoração ao segundo aniversário de sua morte”, com missa rezada na Igreja Matriz]

A ampulheta do tempo marca amanhã uma dolorosa data para o Brasil e muito especialmente para o vasto torrão rio-grandense.

Dez de agosto! Manto lutulento desdobrado sobre as esperanças de um povo altaneiro, ferido em seus brios de patriota!

Avalanche tombada de chofre no coração da pátria!

Golpe impiedoso desfechado pela fatalidade, no imo do seio de um pugilo de bravos que marchavam intrépidos em demanda da liberdade que lhes fora usurpada, levando por chefe o valoroso soldado rio-grandense!

Dez de agosto! Data que a História conservará tarjada de negro, no seu infinito repositório de lutuosos dias nacionais.

Quanto grandioso sonho desfeito com a queda do intrépido batalhador.

Armas em funeral, bandeiras enlutadas, joelho em terra denodados patriotas.

A pátria ainda traja luto; a ferida que o passamento do destemido gaúcho abriu-lhe no coração, ainda não deixou de sangrar.

Dez de agosto de 94! Como tu ecoas funebremente na alma nacional.

Dois anos! Dois longos anos hão decorrido que o destino na sua cruelíssima cegueira arrebatou-nos o guerreiro ousado, o intemerato filho dos pampas; no entanto o nome de Gumerindo é repetido dia e noite com o mesmo entusiasmo, com o mesmo amor, com a mesma veneração.

[ilegível]

Os seus inimigos chamaram-no tirano, quando ele era um herói! Chamaram-no cruel, quando ele era bom e generoso; negaram-lhe títulos de bravura, quando ninguém mais do que ele os merecia!

Que importa se um pequenino número de homens degenerados, não quis ou não soube compreender o bravo dos bravos?

Que importa, se um país inteiro o aplaudiu, se o estrangeiro repetiu assombrado o seu glorioso nome!

Por muito tempo, por muitos anos, quiçá por séculos, a história de seus feitos repercutirá de monte em monte, de quebrada em quebrada, de coxilha em coxilha, neste formoso e patriótico torrão americano.

Armas em funeral, bandeiras enlutadas, que a pátria desolada ajoelha junto ao túmulo de Gumerindo Saraiva!

Dez de agosto (CORIMBO, Rio Grande, 9 ago. 1896, a. 13, n. 23, p. 2)

À memória de Gumercindo Saraiva

Ajoelha Brasil, do morto glorioso
Neste dia fatal a imagem grande passa;
Rodeiam-no canhões, bombardas e a fumaça
De onde ressurgue ovante o vulto portentoso.

O valente acordou; sublime, imaginoso,
Vem receber lauréis sorrindo à populaça
Que o aclama febril, e em volta a si perpassa
Num delírio sem par, num frêmito espantoso.

Soa longe o clarim, vem despertar-nos na alma
Viva recordação do que colheu a palma
Como bravo entre heróis de tradição gigante!

Mas ah! que o ressurgir do indômito soldado
É só no coração do seu país amado!
Ele dorme para sempre... embora triunfante.

A FORASTEIRA

As minhas noites (CORIMBO, Rio Grande, 13 set. 1896, a. 13, n. 28, p. 1)

Noites cheias de dor e de mistério
São as noites fatais de quem padece,
Noites imensas como o voo sidéreo
Que a nosso olhar avulta, e cresce e cresce!

Se de cem horas uma noite houvesse,
Em que o sino gemesse um som funéreo
E alguém velasse desde que anoitece
Até surgir o sol num carro etéreo.

Mesmo assim essa noite nada fora,
Se em vez de uma cruel, desoladora
Suspeita, ela tivesse risos, flores!

Noite sem fim é a noite do ciúme...
Esse punhal de penetrante gume
Que mata os sonhos semeando dores!

A FORASTEIRA

Aquarela (CORIMBO, Rio Grande, 13 set. 1896, a. 13, n. 28, p. 2)

Estende-se o luar pela praia, vasta, tão vasta como a dor latente de um coração esfacelado pela saudade...

Lá, distante, muito distante, na margem oposta, erguem-se tão altivas como merencórias, longas filas de árvores seculares, formosas representantes do passado.

O mar soluça baixinho, baixinho, quase que num murmúrio.

Cortando as águas em que a lua, a doce cismadora das noites de poesia, retrata-se amorosa, passa um batel esguio, pequenino, leve como uma pétala de rosa, ligeiro como um sonho de felicidade!

No firmamento milhões e milhões de estrelas que nos lembram olhos queridos de adorados entes há muito adormecidos aos pés do Criador, fulgem, cintilam, despedem lampejos.

A brisa tépida e branda, segreda cantilenas na ramaria verdejante do copado arvoredo.

E o violino geme, geme, suspira, fala, palpita, soluça e desmaia languidamente!...

SIBILA

Carlos Gomes (CORIMBO, Rio Grande, 27 set. 1896, a. 13, n. 30, p. 1)

Mais uma vez a grande pátria brasileira envolve-se em pesado manto lutuoso, pela perda irreparável de um filho querido.

E, hoje mais do que nunca a dor da mãe gloriosa, é profunda, porque o dileto filho não deixou quem o substituísse!

O Brasil rico de poetas, guerreiros, pintores, publicistas, não possui no entanto um só maestro que possa preencher esse enorme vácuo que a gélida mão da morte acaba de abrir em seu seio!

A divina arte de Mozart, de Bellini, de Verdi, está coberta de crepe.

Carlos Gomes é morto!

O inspirado autor do *Guarani*, o imaginoso criador do *Schiavo*, o melodioso sonhador da *Noite no Castelo*, o artista sublime da *Fosca*, *Joana de Flandres*, *Maria Tudo*, *La Morena*, *Colombo*, *Condor* e outras tanta preciosidades que devem ser de ora avante verdadeiras relíquias para a pátria, envolto em nuvens de louros acaba de entrar triunfante na panteão da imortalidade!

Talento superior, ou para melhor dizermos – gênio, ele mostrou desde cedo que seria um dia a águia de mais elevados voos do seu torrão natal.

Aos 15 anos já produzia peças musicais, que eram executadas pela banda de que era seu pai hábil professor.

O primeiro instrumento que gemeu melodias em suas mãos privilegiadas, foi o dulcíssimo violino; o mágico instrumento que fala, palpita, soluça e enleva a alma do artista.

Em Milão foi discípulo querido de Lauro Rossi, o festejado e distinto maestro.

O inolvidável monarca brasileiro, tão pronto sempre a proteger os filhos diletos da pátria que tanto amava e da qual foi morrer tão distante, distendeu sobre o grande talento musical as suas asas protetoras.

Carlos Gomes honrou no estrangeiro, de uma forma extraordinária o nome do seu país.

A Itália, a pátria da música, sagrou – gênio o sublime idealista do *Guarani*.

Mas a morte, a morte negra e cruelíssima, arrebatou-o sem dó, sem piedade, depois de uma agonia pungente, para levá-lo orgulhosa da presa, aos mundos do desconhecido!

À beira do túmulo semiaberto do gigantesco vulto brasileiro, caía aos sons dulcíssimos das suas inimitáveis criações, uma chuva copiosa de saudades e louros, orvalhados pelas lágrimas ardentes da pátria!

Fragmento (CORIMBO, Rio Grande, 27 set. 1896, a. 13, n. 30, p. 2)

Parece que sonho ainda!
Quanta esperança nascente
Quanto crença linda, linda!

Teu olhar profundo, ardente,
Foi astro no céu escuro
Da minha vida descrente...

Vem, vem ser o palinuro
Do batelzinho rosado
Que nos conduza ao futuro.

Meu coração desolado
Vivia entregue à tristeza,
Vivia entregue ao passado,

Foste tu flor da devesa
Que acordaste quem jazia
Num sonho de morbidez

Que noite oh Deus, que poesia
Inda sinto enlevada
Nos arroubos da magia!

Noite gentil, encantada,
Noite plena de fulgores,
Tu foste a aurora rosada
Destes queridos amores!

FORASTEIRA

As bibliotecas (CORIMBO, Rio Grande, 25 out. 1896, a. 13, n. 34, p. 1)
[por ocasião do cinquentenário da BRG]

São elas os templos benditos, sagrados,
Que aos povos desvendam mistérios sem par,
As urnas, os cofres gentis, facetados,
Que encerram as gemas de infindo brilhar.

São elas os facho às trevas lançados
Para as sombras romperem, surgindo a aclarar
Espíritos vastos, que às vezes nublados
Não podem seus raios fazer cintilar.

Santelmos gigantes o porto indicando
Ao náufrago errante, sem norte, sem guia,
No mar da incerteza falta, se afundando.

Nenhum momento tem tanta valia!
Hosanas àqueles que lutam buscando
Erguê-la à altura do sol que irradia.

Aquela noite (CORIMBO, Rio Grande, 25 out. 1896, a. 13, n. 34, p. 2)

Doce e meigo o luar vinha palente
Espreitar pelos vidros da janela,
Nessa noite ideal que eternamente
Lembrarei com amor; que noite bela!

Tudo luz, tudo flores e harmonia,
Esperanças, cismares e quimeras,
Enquanto o nível arcanjo da poesia
Adejava a lembrar passadas eras.

Noite, noite ideal, porque fugiste?
Eu te quisera eterna, sem aurora,
Bastava-me o farol que tu bem viste
Daquele doce olhar que eu lembro agora.

ATALA

Carta sobre o amor – respondendo (CORIMBO, Rio Grande, 10 jan. 1897, a. 14, n. 45, p. 1)

Lendo o n. 39 do querido *Corimbo*, nele deparei-me com uma carta que, embora não fosse a mim dirigida, despertou-se o desejo de respondê-la.

Não é verdadeiramente uma resposta o que hoje escrevo, é antes um voto de adesão às ideias externadas nessa missiva que calou no coração do sexo frágil, em sua maior parte propenso ao amor e à ternura.

Todas nós que já um dia amamos [ilegível].

O amor é a vida, a felicidade, o sonho, a esperança, a crença, a ilusão, a utopia, a quimera, o prazer, a dor, a ventura, o suplício, o riso, a mágoa, o céu e o inferno no mundo!

Campoamor, o delicioso Campoamor, escreveu: “No amor reside a suprema religião” e que santa religião a do amor!

Que níveo altar, que sacrossanta imagem sobre ele, que preces ardentes, que de flores simbólicas ali colocadas, que de votos, que de juras leais e voluntárias junto a ele feitas!

O amor é o enlevo da vida.

Quem nunca amou, não viveu ainda, não sabe o quanto vale a existência.

Não sabe o que é despertar pronunciando um nome e adormecer tendo a alma ajoelhada diante de um ideal.

Os olhos de quem ama veem tudo por um prisma diverso.

Para os amantes as estrelas têm mais brilho, os campos mais verdura, as flores mais perfume, a brisa mais doces murmúrios, o mar mais sentidas queixas.

Amar é ser poeta; sim, porque o amor é um sentimento tão sublime que tem o poder de divinizar a quem o sente.

Mesmo os mais humildes, os mais obscuros pela pequenez da sua inteligência, como que se elevam quando amam; como que crescem, avultam, chegando a comprometer coisas que até então eram para eles verdadeiros hieróglifos!

Quem deixará de pensar com Buffon, quando exclama num ímpeto de ternura:

“Amor | desejo inato | alma da natureza | princípio inesgotável da [ilegível] | poder soberano que pode tudo e [ilegível], pelo qual tudo age, tudo respira e tudo se renova | divina flama | germe de perpetuidade espalhado em tudo

com o sopro da vida | precioso sentimento, único que pode abrandar os corações ferozes e gelados, penetrando-os de um doce calor | causa primária de todo o bem, de toda a sociedade, que reúne sem constrangimento e só pelos seus atrativos as naturezas selvagens e dispersas | fonte única e fecunda de todos os prazeres, de toda a volúpia | Amor | como te não haveriam de divinizar ||| -”.

Viver sem amor, não é viver, é vegetar.

Tirem o amor à vida, e a vida será um fardo pesado, difícil de suportar.

Todos os passos, todas as ações, todos os sonhos, todos os desejos do homem, resumem-se no amor; porque é sempre pensando em “alguém”, que estudamos, que buscamos elevar-nos acima do geral da humanidade, do vulgar dos seres pensantes.

Quem ama não pensa em si, pensa no objeto amado.

Não há dificuldade que se não procure vencer, abismo que se não tente transpor, barreira que se não busque derrubar.

Não há impossíveis para quem ama.

Virey disse: “Sacrificar-se é próprio do amor.”

Satisfazer todos os desejos do ente querido, é a mais doce, a mais suave, a mais cara das nossas aspirações.

O amor é um mistério, e é por isso que o imortal Hugo dizia: “O amor compõe-se do infinitamente pequeno e do infinitamente grande.”

Sim, ele é tudo. É o céu na terra e é a morte no coração quando o corpo vive entregue ao profundo desespero de não ser compreendido; por que bem pensou Calderon quando [ilegível].

“Todos os [ilegível] da terra não valem a felicidade de ser amado.”

Oh! o amor, o amor!

SIBILA

A suicida (CORIMBO, Rio Grande, 2 mar. 1897, a. 14, n. 60, p. 1)

Branca, muito branca, dessa palidez diáfana difícil de explicar, ela ali estava agora no caixão mortuário, dormindo o derradeiro sono.

Com os olhos semicerrados; as mãos cruzadas sobre o peito e o seu perene sorriso irônico pairando nos frios lábios, esperava a infeliz o momento da partida.

Suicidara-se por amor.

Inteiramente descrente, dum ceticismo que parecia inquebrantável, olhando sem interesse quanto a rodeava, passando pelo mundo como os cegos, sem nada ver, sentia-se um dia inopinadamente presa ao amor.

Amara o talento; para ela esse facho rutilante que ilumina os cérebros privilegiados, ofuscava qualquer atrativo físico; por isso não fez parte do número dos que se sentem presos apenas por um olhar.

Viu muitas vezes com indiferença o homem que mais tarde se quisesse, se pudesse compreendê-la, poderia dar-lhe a almejada coroa da felicidade; e só amou-o quando descobriu em sua bela fronte a sacrossanta auréola que tanto a fascinava.

Mas então, amou-o louca e perdidamente!

Divisava-o sempre e em toda a parte, embora a pesada mão da fatalidade o afastasse dela sem cessar.

Daria tudo pelo seu amor, tudo, até a própria vida.

Ele porém, nada lhe pedia, nada parecia almejar daquele coração trucidado por um afeto único, sincero, imperecível.

E a vítima sucumbia aos poucos.

Que luta! Sufocar o coração que se debate ansioso parecendo-lhe em demasia pequeno o cárcere em que o prendem!

Dizer-lhe: cala-te, emudece, contem-te; e ele responder: impossível, amo, adoro, idolatro, quero repetir todas as horas, a todos os instantes o nome que me seduz, que me inebria!

Que luta, que luta insana!

Victor Hugo, disse: “Um pensamento fixo leva à loucura ou ao suicídio”; ela não enlouqueceu, tinha necessidade de suicidar-se.

Quando empalidece, desmaia, morre à minguia de seiva a última esperança, o que resta aos corações que transbordam desse sentimento sublime que se chama – Amor!? A morte, unicamente a morte, porque dizem que traz o descanso eterno!

Era mister pois buscá-la já que a impiedosa teimava em não aparecer a quem a chamava incessantemente.

Um dia, farta de sofrer em silêncio, onde o sofrimento é talvez mais do que duplicado, com uma coragem que ela mesma estava bem longe de supor

possuir, encostou o cano de um revólver ao coração e disparou a arma abençoada.

A morte foi instantânea.

E agora, com os olhos semicerrados, as mãos cruzadas sobre o peito e o seu perene sorriso irônico pairando nos frios lábios, ela aguardava o momento da partida.

Perto, sobre um altar forrado de negro, alumiado pela baça luz dos círios, um Cristo crucificado olhava-a serenamente, como a dizer-lhe: – eu te perdoo, mártir. O amor redime todas as culpas.

A madrugada ainda não rompera, porém a noite estava prestes a despedir-se.

Longe gemia um violino.

Se ela pudesse ouvi-lo! Ela que amava tanto a música!..

Odemira e Ernestina (num álbum) (CORIMBO, Rio Grande, 9 maio 1897, a. 14, n. 61, p. 1-2)

Branco cisnes que vogam cismadores
No lago azul das ilusões doiradas,
Astros que brilham plenos de fulgores
Entre os astros das loiras madrugadas,

Alvos lírios de pétalas rociadas
Pelos suaves beijos dos amores,
Estrofes de canções apaixonadas
Escritas por divinos trovadores,

Tudo sois vós, irmãs meigas e belas,
Tudo sois vós que sois na terra estrelas,
Aves gentis e flores odorosas,

O que dizer-vos pois? Se a minha pena
Há muito que à tristeza se condena
E vive de traçar canções saudosas!?

Olhos belos (CORIMBO, Rio Grande, 9 maio 1897, a. 14, n. 61, p. 3)

A amada do jovem pintor tinha os olhos negros. Negros e belos como o artista jamais vira em parte alguma.

Vivos, alegres, buliçosos, não paravam um instante sequer.

Dir-se-ia que voavam, riam, cantavam os endemoninhados olhos de Pepita.

O pintor fizera deles o modelo para os seus anjos e para o Amor, formosa tela que concebera depois que vira e amara Pepita, a graciosa espanhola.

Grandes, brilhantes, feiticeiros, aqueles olhos já haviam sido a tentação de muitos corações!

Mas a espanhola não os volvia demoradamente para pessoa alguma.

Sempre travessos, inquietos, eram dois colibris negros, voando de flor em flor.

Pepita era feliz.

O moço artista amava-a loucamente, mas Pepita tinha ainda outro amor que a preocupava mais, muito mais que o do seu amado; era o de sua velha mãe.

Viviam as duas, sós, porém, satisfeitas, ainda que um tanto saudosas de sua formosa Andaluzia.

Dois corações que se compreendem e podem viver unidos, não necessitam de muito mais venturas.

Essa é-lhes bastante.

Uma noite, era até uma noite de luar de agosto, branco, branco como os cabelos da terna companheira da moça dos olhos buliçosos, Pepita viu-se repentinamente órfã do santo amor de sua mãe! Uma apoplexia fulminara a meiga criatura!

Impossível, impossível traduzir o desespero da mísera espanhola!

Fugiu a todas as consolações, esqueceu todos os prazeres do mundo e segregou-se da sociedade.

Meses depois, o pintor que não esquecera aqueles olhos sedutores, teve permissão para visitar algumas vezes a inditosa andaluza.

Voo a vê-la; mas, quanta mudança oh Deus!

Os olhos de Pepita, aqueles olhos negros como a noite, belos como o sol e traquinas como Cupido, para o qual haviam servido de modelo, estavam encovados, languídos, pensativos, profundamente pensativos!

O émulo de Miguel Ângelo fitou-os e empalideceu.
Não eram os mesmos olhos, não!
E o pintor não amava os olhos tristes...
Esqueceu Pepita!

É por isso que eu quero ardentemente os olhos cismadores, poeticamente tristes e romanescamente pensadores.

É porque eles não mudam nunca.

Os alegres podem entristecer; porém os tristes, os cismarentos, esses nunca mudam.

SIBILA

A um desconhecido (CORIMBO, Rio Grande, 13 jun. 1897, a. 14, n. 65, p. 2)

Dizem que a rósea flor da Inteligência
Além de mil encantos sedutores,
Tem na sua adorável, casta essência
Imã que atrai, que prende os sonhadores.

E é por isso talvez gentil Senhora
Que eu pobre criadora de utopias.
Eu que vivo a sonhar sem ver aurora,
Sempre entre noites glaciais, sombrias.

Sinto por vós que eu não conheço ainda
O quer que seja de profundo e grande,
Chama sutil de Simpatia infinda
Que nasceu dessa flor que em vós expande.

Dessa flor que se chama – Inteligência,
Flor que distante mesmo nos fascina

Pelo poder sem fim da sua olência,
Dessa suave olência peregrina.

Vão pois meus versos vos dizer agora
O que sinto por vós que eu não conheço
Sentimento que cresce hora por hora
Num laço perenal de fundo apreço.

SIBILA

O violonista (CORIMBO, Rio Grande, 29 ago. 1897, a. 14, n. 74, p. 1)

Acrísio era um elegante rapaz apaixonado pela música, que cultivava com ardor e reconhecido aproveitamento.

Teria de 26 a 28 anos. Esguio, pálido, tristonho, consolava as suas grandes e misteriosas mágoas arrancando ao violino as dulcíssimas harmonias que só o arrebatador instrumento sabe traduzir.

Havia o quer que fosse de lutuoso em sua existência, que o violinista procurava ocultar e que lhe atormentava dia a dia o viver.

As dores sepultadas no recôndito do coração, que não respiram, que se não comunicam a quem quer que seja, martirizam, sangram, matam, lentamente.

Acrísio sofria muito, e o seu grande sofrimento não lhe permitia reparar em Jaci, pobre criatura que o amava perdidamente e que se sentia morrer por ele.

Impressionável, idealista, criadora de utopias, a moça visionária via Acrísio em todos os seus sonhos de acordada, em todas as fantasias de seu cérebro ardente e doentio.

Quantas vezes levantou-se às desoras de uma formosa noite de estio para escutar à janela os gemidos do violino ou a voz romanescamente saudosa do simpático violinista, cantando amorosa canção!

Quantas, ai! quantas!

“Amor sem esperança é céu sem astros”.

Um enfermidade de coração consumia-lhe a vida.

Ela, ou não conhecia o seu estado ou era-lhe indiferente a morte, porque ninguém a via preocupada com a moléstia.

As dores morais em certos organismos atuam mais poderosamente que as físicas; e Jaci tinha a desgraça de estar verdadeiramente apaixonada pelo moço artista que a fitava indiferentemente, razão porque a morte aparecia-lhe como um bálsamo consolador.

Acrísio passava horas inteiras na solidão do seu poético mirante, confiando ao violino, os sentimentos que o avassalavam; e o violino, esse instrumento do céu, pagava-lhe em etéreas harmonias as suas dolorosas confissões.

Dir-se-ia que passava pelo mundo sem o ver.

Jaci, porém, vendo-o ou sonhando-o, vivia dele e para ele.

Acrísio nem sequer suspeitava o culto que merecia à moça idealista.

*

Correram dias, meses mesmo, e a inditosa violeta que se ocultava na sombra de onde a essência peregrina de sua paixão evolava-se com mais intensidade, morreu.

Morreu ao cair do crepúsculo de uma serena tarde de outubro, quando as rosas entreabriam os brancos e rosados botões e as madressilvas entornavam pelo ambiente o seu perfume indefinível.

Morreu amando; e Acrísio vendo por entre os vidros da sua janela passar o enterro da moça sonhadora, não teve para ela um sentimento sequer de gratidão, apenas como a sua alma de artista fosse emocionada pelo comovente espetáculo, tocou essa noite mais inspirado, mais triste, mais encantador, no seu querido violino!

Luiz Guimarães Júnior (CORIMBO, Rio Grande, 19 jun. 1898, a. 15, n. 96, p. 1)

Não sabemos qual foi a traiçoeira enfermidade que o roubou ao mundo, nem mesmo em que pedaço do glorioso torrão lusitano descansa o seu precioso corpo; sabemos apenas que ele não vive, porque o telégrafo na sua indiferença cruel transmitiu-nos a dolorosa nova!

A imprensa diária – perdoem-nos os ilustres colegas – poucas, raras palavras consagrou ao lutuoso acontecimento, como se ele não representasse uma verdadeira catástrofe para a querida pátria brasileira; eis porque tão pouco sabemos do que tanto desejávamos saber.

Ainda assim, o pouco que não ignoramos é o bastante para lançar nosso coração no abismo profundíssimo da tristeza.

É morto Luiz Guimarães!

É morto o poeta suavíssimo que arrancou da lira as mais soberbas harmonias rimadas, que possui o nosso querido Brasil!

É para sempre fira, inanimada, a genial cabeça que idealizou os fulgurantes *Sonetos e rimas*.

Aquele grande, generoso, extraordinário coração, que tanto soube amar, que tão bem compreendeu essa parte do gênero humano – a mulher, já não pulsa, já não sente, já não ama!

No entanto, ele não pode morrer, porque como disse o poeta:

O gênio nuca morre e nem se curva nunca
Contraria muito embora o tempo a garra adunca
Aniquile e derrube impérios e nações,
Que o gênio há de pairar – espírito intangível
– Santelmo salvador de brilho irresistível –
Por sobre as gerações.

E ele era o gênio, porque era um espírito superior. Encarando o gênio como o define Max Nordau, o grande pensador alemão, Luiz Guimarães não era um talento, era sim um gênio.

A sua memória merece-nos tudo.

Merece-nos saudade, merece-nos respeito, merece-nos admiração.

O burilador dos *Noturnos* não pode, não deve, não será esquecido.

A cintilante pena que traçou tão encantadoras páginas, viverá na memória de todos que possam compreender esse punhado de odorosas pétalas a que o ilustre literato deu o delicado título de *Noturnos*, para entregar ao mundo da publicidade.

Talento privilegiado, Luiz Guimarães manejava com igual brilho a sua gloriosa pena, quer fosse o amor que como disse Castelo Branco, *é a vida*, quer fosse a dor, que segundo Palácio *é a musa dos verdadeiros poetas*, quer

fosse a saudade, *gosto amargo de infelizes*, quer fosse finalmente a crítica, a sátira, que o inspirasse.

Era sempre grande, sempre sublime.

O seu interessante livro *Curvas e zig-zags* é uma prova cabal do que ora escrevemos.

Onde maior soma de graça, de espírito, de crítica inofensiva, do que nesse conjunto de bem descritos artigos, ou talvez melhor apelidados, contos?

Lamartine ou Juvenal, embebendo a pena no agridoce da lágrimas ou nas salgadas tintas do riso, ele era sempre irrepreensível.

A morte que nada poupa, acaba de roubá-lo à pátria, à família, aos amigos e aos admiradores.

Curvemo-nos ante os decretos do Altíssimo.

Curvemo-nos, mas não deixemos que sobre a memória do dulcíssimo poeta caia a *segunda mortalha*, essa de que nos fala Lamartine, *o frio esquecimento*.

Não.

“Névoa da campa o esquecimento desce
E olvida-se quem morre...”

Lembre-mo-lo sempre. Lembre-mo-lo e rendamos-lhe todas as homenagens que nos for possível render-lhe.

São estas singelas linhas, um pálido reflexo do que sente nosso coração.

São um preito humilde, muito humilde mesmo, que tributamos a quem tanto nos merece e a quem devemos palavras tão lisonjeiras, tão generosas, que jamais esqueceremos.

Paz aos restos preciosos do sonhador divino.

Humilde preito (CORIMBO, Rio Grande, 19 jun. 1898, a. 15, n. 96, p. 4)

Ao poeta dos *Sonetos e rimas*

Dorme poeta, dorme, a noite imensa
Baixou sobre essa fronte aureolada;

Não mais sorri-te a loura madrugada
Plena de risos, de ilusões, de crença.

Chora por ti a noite constelada,
Choram as aves na ramagem densa,
E o eco leva pelo espaço, extensa,
Extensa queixa desta pátria amada.

E eu que nunca te vi e que no entanto
Guardo teus versos qual poema santo,
Lembro teu nome qual padrão de glória.

Mando minha alma em derradeiro preito
Ajoelhar-se ante o funéreo leito
De onde há de erguer-te muito breve a História.

Bibliografia (CORIMBO, Rio Grande, 1^o out. 1898, a. 15, n. 100, p. 2)

Estalagmites

Disse Laboulaye que: *Um livro é uma voz que se ouve, uma voz que se fala; é o pensamento vivo de uma pessoa separada de nós pelo espaço ou o tempo; é uma alma.*

E sendo o livro uma alma, devemos recebê-lo com carinho, com afeto, com respeito mesmo, embora tenhamos de mais tarde, depois de examinado, mostrarmos-nos severos, se a *alma* é má, se tem defeitos, se necessita passar por provações para depois entrar no desejado reino do céu, que neste caso passa a ser o Capitólio, passa a ser o templo onde o escritor deve receber o doirado prêmio, a sagração merecida pelo talento.

Não constituindo, pois, o livro, *simplesmente um conjunto de folhas de papel sobre as quais lhe são impresso caracteres*, é sempre com uma certa emoção que abrimos uma dessas revelações de um cérebro pensador e de um coração mais ou menos impressionável.

Temos neste momento sobre a nossa singela mesa de trabalho, dois belos livrinhos que de há muito esperam algumas linhas sobre eles, conforme pediram-nos os seus talentosos autores.

Recebeu o primeiro, na pia batismal, o poético nome de *Estalagmites*, nome expressivo e que por si só dá ideia do espírito de Hermeto Lima, o simpático poeta cujo atraente busto vê-se numa das primeiras folhas do gentil volume.

Mais de uma pena ilustre, mais de um talento de pura gema, se tem ocupado do mimoso escrínio que ora prende a nossa atenção. O poeta deve estar fundamente convencido de que fez uma auspiciosa estreia, visto que assim lhe tem sido dito por quem sobra-lhe direito para o fazer.

Para nós os versos de Hermeto Lima são mais que uma promessa, são a certeza de que o futuro é um futuro que não vem longe, coroará de verdes palmas o jovem e inspirado poeta.

Tem o seu livro sonetos deliciosos; dentre eles citaremos “No mar”, “Obra de arte”, “Ciúme sacrílego”, “Convite” (que nos lembra Th. Gauthier) e “Quadro santo”.

É um volumezinho perfeitamente impresso. Agrada a forma e a essência.

Parabéns ao poeta e às letras pátrias. A ele que tão afinada lira possui; a ela que conta mais um cultor futuroso, mais uma esperança florente.

A falta de espaço e principalmente a falta de tempo obrigam-nos a fazer aqui ponto final, reservando-nos para no próximo número dizermos algo sobre o livro de S. Barbosa.

Primavera (CORIMBO, Rio Grande, 1^o out. 1898, a. 15, n. 100, p. 4)

Doce, meiga, cândida e apaixonada primavera, sê benvinda.

Oh tu que dás vida aos campos, roupagem ao arvoredado despido pela impiedosa mão do inverno, flores ao jardim, cantos às aves, beleza intraduzível à natureza, salve! salve!

Tu és a mão misteriosa que espalha poesia no espaço, perfumes na campina, sorrisos no coração da mocidade, doçura nas brisas matutinas.

Suave e inspiradora estação, quem te não amará?!

Irmã dos poetas, feliz mensageira do ridente estio, esperança dos que se sentem morrer enregelados pela quadra hibernal, bendita seja tu.

Bendita seja a aurora dos teus dias, abençoada protetora das andorinhas!

SIBILA

Bibliografia (CORIMBO, Rio Grande, 15 out. 1898, a. 15, n. 101, p. 2)

Duas almas

Foi por intermédio do nosso talentoso colaborador *Brone Sego*, que recebemos o interessante livrinho do Sr. Barbosa Júnior, que, em amável missiva, assaz lisonjeira para nós, mostrava o desejo de ouvir-nos, relativamente a *Duas almas*.

Mais de uma vez temos dito e cada vez mais convicta estamos de que, faltam-nos inteiramente os requisitos necessários ao crítico, motivo porque não podemos analisar um livro, seja ele embora, muitas vezes, uma estreia.

Escrever as impressões que nos ficam de uma leitura, é o que muitas vezes temos feito e o que ainda agora vamos fazer.

Consta o pequeno volume que temos presente, de um limitado número de poesias que o autor epigrafou com o simbólico título de *Duas almas*, colocando no frontispício das mesmas a lúgubre divisa do *Inferno* de Dante: *Lasciati ogni speranza, voi ch'entrate*.

Como era de esperar do título, as poesias de Saturnino Barbosa são delicadas; a sua musa não pertence ao número das que se enxovalham pelo lodo. Ainda bem, porque a poesia deve ser pura, branca como o arminho e cetinosa como as pétalas do lírio.

Para que o leitor tenha uma ideia do livro do novo poeta, transcrevemos hoje uma das poesias daí, que mais nos agradou: “Louco”. Pelo estilo pudera ver a escola a que filiou-se Barbosa Júnior.

Além dessa, mereceram-nos particular atenção, “Só”, “Morta” (muito mimosa), “Viajor” e “Sonho”.

Não diremos ao poeta, que prossiga, porque ele não necessita da nossa animação. Tem já anunciado, para breve, um novo trabalho, *Males*, o que atesta que o talentoso cultor da poesia não ficou estacionário após a criação das *Duas almas*.

Aguardemos os *Males*; e o que eles sejam, para glória do autor e para felicidade das letras um contraste ao nome que trazem.

Assim o cremos.

Saudações e os nossos muito sinceros agradecimentos ao poeta.

Felix Faure (CORIMBO, Rio Grande, 1º mar. 1899, a. 16, n. 110, p. 1)

Mais uma vez enluta-se a gloriosa bandeira francesa.

Mais uma vez ajoelha, chorosa, a grande República, para oscular a fronte gélida de um filho extremado

A fatalidade, que não cansa, roubando-nos o que nos é mais caro, estendeu o seu braço possante sobre o berço de Victor Hugo e apontou à morte a presa escolhida.

Era ele Felix Faure!

Era o homem que, nascido no seio do obscurantismo, soube elevar-se até as culminâncias do poder.

O ilustre presidente da sempre grandiosa França, começou a sua vida como empregado de um curtureiro.

Foi mais tarde negociante de peles; depois adjunto do maire do Havre, e sucessivamente subindo, deputado, subsecretário de Estado das colônias no ministério Gambeta, no gabinete Ferry e no ministério Tirard.

Vice-presidente da Câmara, ministro da marinha e finalmente há quatro anos ocupava o honroso lugar em que a morte sempre impiedosa, sempre traiçoeira, o veio surpreender.

Prestou relevantíssimos serviços ao seu país, que ele amava como verdadeiro patriota.

Consagrou-lhe parte de sua existência, trabalhando sempre em prol do seu engrandecimento.

Fez muito pelo torrão que o viu nascer e que lhe colheu o último suspiro; o seu nome será sempre lembrado com respeito, veneração e saudade pelos seus contemporâneos.

A posteridade não deve esquecer-lo.

Com Sadi Carnot, o presidente que acaba de descer ao túmulo soube impor-se, conquistando a simpatia dos seus concidadãos e a admiração do estrangeiro.

Teve um governo profícuo, de que oxalá o Sr. Emílio Loubet, que acaba de suceder-lhe, seja o continuador.

Paz aos restos do digno estadista tão inesperadamente roubado à pátria e à família.

À simpática colônia francesa os nossos sentimentos pela grande perda sofrida.

Mariano Pina (CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1899, a. 16, n. 113, p. 1)

Mais um nome distinto na preclara república das letras acaba de ser envolto no lutuoso crepe da morte!

Ainda ontem, a gloriosa pátria dos lusos debruçava-se à beira do sepulcro de Guiomar Torresão, para orvalhar de lágrimas o invólucro gelado desse peregrino talento que tanto ilustrou o seu querido berço natal, e já se sente hoje de novo ferida no íntimo do seio, por mais um profundo golpe desferido pela crudelíssima espada do infortúnio.

É morto Mariano Pina.

O jornalista ilustrado e simpático que com os fulgores de sua privilegiada pena tantos admiradores conquistou entre nós, já não pertence ao número dos que sentem, dos que pensam, dos que trabalham, dos que esperam no futuro.

O autor do *Brasil e Portugal* não deixa apenas um doloroso vácuo no coração do velho Portugal, porque ele também nos pertencia pelo muito que lhe inspiramos e pelo muito que nos merecia.

Para que não nos julguemos fatalmente distinguidos pela morte que se compraz em arrebatá-los em plena mocidade os mais queridos talentos nossos irmãos de além-mar choram hoje uma de suas glórias, roubada à vida ainda no verdor da existência!

A impiedosa tuberculose, vitimando Mariano Pina, o publicista tão justamente apreciado por quantos o conheciam e por quantos liam os produtos de seu invejável engenho, mais uma vez provou a sua fatal predileção pelos homens notáveis.

Pêsames à pátria de Alexandre Herculano.

Pêsames às letras.

Pêsames aos amigos e admiradores do valente jornalista.

A virtude (CORIMBO, Rio Grande, 15 maio 1899, a. 16, n. 115, p. 3)

Embora a beleza cativa à primeira vista; embora o talento deslumbre aos que podem compreendê-lo; temos indubitavelmente de confessar que a virtude ofusca os dois grandes atrativos do homem.

Se no templo de nossa admiração erigirmos altares às três divindades, não devemos trepidar um instante em colocar no altar-mor a imácua virtude.

O seu poder é grande, o seu fulgor imenso, a sua majestade eterna!

Se os favorecidos pela natureza com abundantes dotes físicos merecem-nos culto; se os queridos do gênio, aqueles que recebem ao nascer o suave beijo que os torna predestinados, têm direito à nossa veneração; o que faremos diante daqueles que, nascendo sem privilégio algum, conseguem, no entanto, o primeiro lugar no banquete da vida?

A beleza e o talento são obra do acaso; a virtude, conquista poderosa do homem de bem.

Suportar as necessidades, selar a honra própria e a alheia; esquecer muitas vezes o conforto, o bem estar de seu corpo, para acudir aos desprotegidos da sorte; não fazer ao próximo o que não desejamos para nós; não faltar à verdade, embora muitas vezes seja ela um tanto dolorosa confessar; perdoar as injúrias ainda mesmo quando tenham sido o prêmio recebido por muitos e válidos benefícios, tais são os caminhos abertos aos que desejam abraçar a virtude, a radiante guia à almejada felicidade eterna!

Ajoelhemos, pois, ante aqueles que tudo esquecem, tudo abandonam para trilhar desassombradamente a doirada estrada do homem virtuoso.

Hosanas à virtude.

Ressurreição (CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1900, a. 17, n. 137, p. 2)

Vinha rompendo esplêndida a alvorada,
Vestia o céu as mais risonhas cores,
Cantava no arvoredos a passarada
Hinos cheios de amor e de dulçores.

Desabrochavam nos jardins as flores.
E a natureza alegre, engrinaldada
Da suave poesia dos amores,
Entoava uma prece abençoada.

Havia o quer que fosse indefinível
Naquele despontar de um grande dia,
Mesmo através do tempo inesquecível!

É que Jesus, em nuvens de harmonia,
Revelando um poder intraduzível
Triunfante e feliz ao céu subia!

Mais uma vítima (CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1900, a. 17, n. 137, p. 3)

Nos calamitosos tempos que desgraçadamente atravessamos, não deve causar estranheza a nova de mais um assassinato.

São eles tantos e tão frequentes, que somos forçados a encará-los como acontecimentos naturais.

Os homens de imprensa, principalmente, vivem ameaçados, e não poucos por amor à família que dia e noite sobressaltada os aconselha a silenciar sobre os insultos que lhes são dirigidos, passam por covardes aos olhos dos miseráveis. Em Uruguaiana acaba de tombar vitimado por infames assassinos o nosso distinto colega João de Melo, diretor da apreciada folha *O Povo* que ali se publica.

Qual o crime do inditoso jornalista?

Ter uma ideia, sustentá-la, não curvar-se aos mandões da terra, não vender a sua pena, não se humilhar para receber a proteção dos *grandes*, dos poderosos, dos senhores da situação!

Pobre Rio Grande.

Altivo e ousado berço do valoroso gaúcho, ao que te reduziram? O que fizeram da tua liberdade, a que ponto quererão levar os teus legendários filhos?!

Dez anos de lutas, dez anos de sofrimentos, dez anos a esperar o dia de amanhã, esse dia que não surge, porque o amanhã é cada vez mais tenebroso!

EGO

Bibliografia (CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1900, a. 17, n. 137, p. 3-4)

Flocos de neve – de Áurea Pires

Há muito já que nos foi oferecido um exemplar do delicado volume de versos da gentil poetisa angrense; mas, como dissemos em nosso último nú-

mero, o tempo falta-nos inteiramente para fazermos com a devida e desejada presteza, a leitura das obras que nos são remetidas.

Nem valia a pena, dirá a talentosa autora dos *Flocos de neve*, esperar tanto para ouvir tão pouco. Porém, que fazer? Queremos apenas mostrar-lhe que lemos e apreciamos verdadeiramente o seu inspirado livro, sem que tivéssemos no entanto vagar para analisar-lhe todas as belezas.

O livro que abre com um encantador retrato da jovem poetisa, é prefaciado pela nossa distinta colaboradora, a festejada literata Inês Sabino, que faz honrosas referências à obra que apresenta ao público; e na verdade contém ela muitos encantos, muitas belezas. Como estreia não pode ser mais auspiciosa.

Há pouco de descrença nos versos de Áurea Pires, porém isso é tão natural nos principiantes, muito embora não haja razão de ser, que não devemos acusá-la.

O sexo frágil, principalmente, tem uma queda irresistível para lastimar-se. Rara é a cultora da poesia que consegue livrar-se desse mal; depois, a mulher é geralmente sensível, e por esse motivo sofre mais do que o homem.

Coisas que para ele pouca importância merecem, a ela conseguem arrançar lágrimas.

É quase tão impossível encontrar um homem propenso à sensibilidade, como uma mulher que não o seja.

“Impossível”, “Sereia”, “Sem ti”, etc., são poesias delicadíssimas que muito recomendam a novel poetisa.

Foi, pois, com muita satisfação que concluímos a leitura dos *Flocos de neve*, que nos vieram revelar mais uma inspirada poetisa, de quem, atendendo ao seu talento e à sua idade, muito tem a esperar a literatura pátria.

– Gratas à autora pela oferta do mimoso escrínio de preciosidades, que se intitula *Flocos de neve*.

Descobrimento do Brasil (CORIMBO, Rio Grande, 3 maio 1900, a. 17, n. 138, p. 1)

Terra! Terra! Bradou intrépido o gajeiro
Ao avistar da gávea um monte soberano,

E o grito do feliz, do ousado marinheiro
Repercutiu no espaço, alegre, ardente, ufano!

As naus que vinham vindo, aberto ao vento o pano.
Semelhavam tafais um bando feiticeiro
De pássaros gentis que num esforço insano
Corressem pelo mar num sonho aventureiro.

Terra! Terra, bradou! E os luso valorosos
Ante o róseo painel ergueram orgulhosos
Unísono clamor por mais uma vitória!

E o caboclo a sorrir, os braços nus abrindo
Estreitou Portugal, que o vasto mar cindindo
Vinha estender-lhe a mão para levá-lo à História!

Brasil e Portugal (CORIMBO, Rio Grande, 3 maio 1900, a. 17, n. 138, p. 4)

Não sei neste dia rico de recordações históricas, devo saudar de preferência a minha querida pátria ou a gloriosa pátria de meus saudosos avós.

Não sei qual das duas altivas nações mais se deve cobrir de galas;

Não sei dos dois países irmãos, qual mais orgulhoso se deve erguer neste dia imorredouro!

Consultando a história vejo nesta data o Brasil, novo, vigoroso, dando alegre o primeiro passo para a civilização; mas vejo a seu lado o velho e sempre valoroso Portugal estendendo-lhe a destra protetora e guiando-lhe os primeiros passos.

Se o novo mundo tem fartos motivos de júbilo para coroar-se de flores no quadricentenário do seu início no cenário do progresso, o legendário país das grandes conquistas, mais ainda tem para ensoberbecer-se, encarando com orgulho a pedra preciosa por ele descoberta há quatrocentos anos e hoje tão primorosamente lapidada por artistas de indiscutível valor.

É pois um dia glorioso para as duas nações irmãs, e eu cheia de amor pátrio, cheia de entusiasmo por tudo quanto é grande e nobre, abro os braços

e aperto entre eles, com igual efusão, o Brasil que me viu nascer e Portugal que embalou em seu seio os meus venerandos avós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.

BERNARDES, Maria Thereza Caiub Crescente. *Mulheres de ontem – Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1970, v. 2.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, v. 5.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Rio de Janeiro: Globo, 1956.

COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1990, v. 2.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1975.

FISCHER, Antenor. *Dicionário de autores da literatura dramática do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fischerpress, 2014.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros (século XVII-XX)*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1913.

GOMES, Celuta Moreira. *O conto brasileiro e sua crítica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977, v. 2.

KRUG, Guilhermina & CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935.

MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetisas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Minerva, 1952.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1978, v. 4.

MELO, Luís Correia de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 1969, v. 3.

MONTEIRO, Julieta de Melo. *Alma e coração: livro do passado*. Rio Grande: Tipografia Trocadero, 1897.

MOREIRA, Maria Eunice. Em poesia e prosa: a voz das Senhoras gaúchas do *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2014a. p. 197-221.

MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Convergência Lusíada*, n. 32, p. 29-39, jul. - dez. 2014b.

MOURA, Maria Lacerda de. *Renovação*. Belo Horizonte: Tipografia Athene, 1919.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2.

OLIVEIRA, Américo Lopes de & VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão - Editores,

1967.

OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense – escritoras mortas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1907.

OSÓRIO, Ana de Castro. *A grande aliança (a minha propaganda no Brasil)*. Lisboa: Tipografia Lusitana, 1924.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

POÇAS, Iria Müller. Julieta de Melo Monteiro. In: ACADEMIA Literária Feminina do Rio Grande do Sul. *50 anos de literatura: perfil das patronas*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1993. p. 28-30.

PÓVOAS, Mauro Nicola. O periódico rio-grandino *Corimbo* e a consolidação de um sistema literário sulino. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 29-38.

PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016, v. 2.

RUFATTO, Luiz (org.). *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SABINO, Inês. *Mulheres ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro: H. Garnier – Livreiro – Editor, 1899.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Julieta de Melo Monteiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 306-319.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SILVA, Domingos Carvalho da. *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1959.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

SOUSA, José Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. t. 2.

SOUSA, José Galante de. *Índice de biobibliografia brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.

SPALDING, Walter. Itinerário da literatura (1900-1957). In: *Enciclopédia rio-grandense – o Rio Grande antigo*. Canoas: Editora Regional, 1957, v. 3. p. 270-335.

TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmman, 1956.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991.



DIRECTORIA

DIRECTOR: ERNESTO RODRIGUES

DIRECTORES-ADJUNTOS: JOSÉ EDUARDO FRANCO
ANA PAULA TAVARES

SECRETÁRIA: LUÍSA MARINHO ANTUNES

VOGAIS: LUÍS DA CUNHA PINHEIRO
PAULA CARREIRA



DIRETORIA

PRESIDENTE: FRANCISCO DAS NEVES ALVES

VICE-PRESIDENTE: PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

DIRETOR DE ACERVO: MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO: LUIZ HENRIQUE TORRES

2º SECRETÁRIO: RONALDO OLIVEIRA GERUNDO

1º TESOUREIRO: VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO: ROLAND PIRES NICOLA



Conselho Editorial

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Carlos Carranca (Universidade Lusófona)

Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Francisco das Neves Alves (FURG)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

José Eduardo Franco (CIDH-CLEPUL)

Luiz Henrique Torres (FURG)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto «UID/ELT/00077/2013»**



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.